

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS - PUC-GO

Flávia Rosa de Moraes Silva

**OS CAUSOS EM QUIRINÓPOLIS: PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES
CULTURAIS (1940-1970)**

GOIÂNIA, DEZEMBRO DE 2010

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS - PUC-GO

Flávia Rosa de Moraes Silva

**OS CAUSOS EM QUIRINÓPOLIS: PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES
CULTURAIS (1940-1970)**

Dissertação apresentada ao programa de mestrado em História, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito para o grau de mestre em História, sob a orientação da Profa. Dra. Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante.

Linha de pesquisa: Identidades, tradições e territorialidades.

GOIÂNIA, DEZEMBRO DE 2010

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS - PUC-GO
MESTRADO EM HISTÓRIA

FLÁVIA ROSA DE MORAES SILVA.

OS CAUSOS EM QUIRINÓPOLIS: PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES
CULTURAIS (1940-1970)

Dissertação submetida à comissão examinadora designada para avaliação como requisito para a obtenção do grau de mestre em História.

AVALIADORES

Prof .Dra. Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante
(PUC-GO)
ORIENTADORA

Prof.Dr. Jadir de Moraes Pessoa.
(UFG-GO)
EXAMINADOR

Profa Dra. Heliane Prudente Nunes.
(PUC-GO)
EXAMINADORA

GOIÂNIA, DEZEMBRO DE 2010

*“Ouvi isto, vós todos os povos; inclinai os ouvidos, todos os moradores do mundo.
(...). A minha boca falará de sabedoria, e a meditação do meu coração será de
entendimento” (SL.49:1-3)*

*A Deus pela oportunidade de cumprir esta etapa de minha vida.
Às minhas irmãs Juliana, Fabiana e Fernanda pelo apoio constante na pesquisa;
 Às minhas avós pelo companheirismo;
Ao meu esposo Márcio Gleique pela compreensão nos momentos de ausência;
 Ao meu filho Pedro Henrique pelo sorriso de incentivo durante todo o tempo;
 À minha orientadora Maria do Espírito Santo R. Cavalcante pelos ensinamentos;
Aos professores Jose Reinato, Heloísa Capel, Eduardo Jorge e Heliane Prudente,
 pelo carinho.
Aos idosos que contribuíram com a pesquisa contando os casos e também aqueles
 que indicaram outros idosos aptos a oferecerem generosamente fragmentos de suas
 memórias á pesquisa.*

AGRADECIMENTOS

*À Deus Pai, que em sua bondade infinita permitiu que essa pesquisa fosse
concluída;*

*À minha família pela força, incentivo e doação, de forma especial ao meu esposo
Marcio Gleique Silva e meu filho Pedro Henrique;*

*Aos meus pais Gilberto e Terezinha pelo incentivo e as minhas irmãs pela
colaboração ao longo da pesquisa;*

*Ao meu sogro Wander e minha sogra Vera por cuidarem do meu filho em minha
ausência dedicada ao conhecimento;*

*À minha orientadora Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante pela dedicação,
paciência e compreensão;*

*Aos professores Jose Jorge C. Filho e Jadir Pessoa de Moraes pela disposição em
auxiliar fornecendo subsídios à pesquisa;*

*Aos colegas do mestrado Mauro, Paracy e Wanderleia que incentivaram meu
ingresso no mestrado e comigo dividiram as viagens de Quirinópolis a Goiânia,
assim possibilitando que nos conhecêssemos melhor; minha admiração pela
coragem e superação dos obstáculos em busca do conhecimento;*

*Às irmãs Fabiana pela dedicação na revisão do texto e disponibilidade de material à
pesquisa e Juliana pela paciência e empenho na formatação da dissertação;*

A UEG, pela oportunidade;

A PUC-GO, pela recepção.

*As palavras não são suficientes para dimensionar a gratidão, mas as sensibilidades
podem expressá-las.*

Por meio da história local, uma aldeia ou cidade busca sentido para sua própria natureza em mudanças, e os novos moradores vindos de fora podem adquirir uma percepção pessoal da história. (Paul Thonpsom)

RESUMO

Este trabalho propõe reconhecer a dimensão social desempenhada pelos causos nas primeiras décadas do século XX, os quais ainda fazem parte da cultura de Quirinópolis. Nessa pesquisa problematiza-se a motivação da prática constante em repassar os causos aos mais jovens na zona rural no período acima citado. Busca-se, assim, identificar, por meio da oralidade, o controle e, sobretudo, a coesão social que os causos exercem sobre as pessoas da comunidade entre as décadas de 40 e 70. Na fala dos idosos são nítidas as diferenças e ao mesmo tempo a imbricação entre a zona rural e urbana que favorece um repensar desses espaços como diferenciados e complementares, além de refletirem na resignificação dos causos contados pelos idosos da comunidade local. Nessa perspectiva reconhecer a importância dos causos exige reconhecer as mudanças sociais e não o saudosismo, pois cada sociedade à sua época designa os mecanismos de coesão social, fato reforçado pelos causos em Quirinópolis.

Palavras-chave: Cultura. Oralidade. Quirinópolis. Causos. Representação.

ABSTRACT

This work aims to recognize the social dimension developed by stories in the first decades of the twentieth century that are still part of Quirinópolis culture. This research aimed to discuss the motivation of the constant practice of passing the stories to the younger people in rural areas in the period above mentioned. Thus, it aims identify the dimension developed by stories in the social context through orality and, therefore, identify the control and especially the social cohesion they have on community people between the 40 and 70 decades. There are high differences in old people speaking, and at the same time an overlap between rural and urban areas, which encourages a rethinking of these spaces as different and complementary, besides, they reflect the reframing of the stories told by elders of the local community. Recognizing the importance of these stories requires recognizing the social changes and not the nostalgia in this perspective, because each society in its epoch has the mechanisms of social cohesion, a reinforced fact by Quirinópolis stories

Keywords: Culture. Orality. Quirinópolis. Stories. Representation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Mapa do Estado de Goiás.....	17
Figura 02 - Cidade de Quirinópolis na década de 1940.....	19
Figura 03 - população residente por situação de domicílio, no município de Quirinópolis de 1950 a 2000.....	23
Figura 04 - Engenho utilizado na fabricação de açúcar e seus derivados.....	24
Figura 05 - Utilização da terra no município de Quirinópolis (1950-1970).....	25
Figura 06 - Tear utilizado na fabricação de tecidos.....	33
Figura 07 - Grupo Escolar Ricardo Campos.....	34
Figura 08 - Processos de crimes denunciados (1961-1971).....	36
Figura 09 – Fonte Luminosa - 1968.....	37
Figura 10 - Clube Recreativo Itamaraty.....	38
Figura 11 - Baile de Formatura -1968.....	38
Figura 12 - Entrevista da Revista Sétimo Céu.....	39
Figura 13 - Convite de Inauguração da Emissora Sul Goiana de Quirinópolis-1979.....	42

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 QUIRINÓPOLIS: ENTRECruzAMENTO DO MUNDO RURAL E URBANO.....	15
1.1 Quirinópolis pela ótica do discurso oficial.....	15
1.2 Interfaces campo-cidade: fragmentos de memória.....	28
1.3 Cenário familiar: espaços de memória.....	45
2 AS MARCAS LITERÁRIAS NO TEXTO HISTÓRICO.....	53
2.1 O entre diálogo entre Literatura e História.....	54
2.2 O entrecruzar cultura popular, memória e tradição oral.....	66
2.3 Os Contos e suas perspectivas de abordagens.....	81
3 AS MÚLTIPLAS FACES DOS CAUSOS EM QUIRINÓPOLIS.....	89
3.1 A (Re)significação dos causos.....	89
3.2 A (Re)leitura cultural dos mitos.....	124
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	139
REFERÊNCIAS.....	141

INTRODUÇÃO

A historiografia recente considera os sujeitos históricos como “construtores” de uma cultura e dos sentidos atribuídos às suas produções que brotam de ideias, práticas e valores vinculados aos sentidos identitários construídos socialmente. É sabido que somente uma comunidade conhecedora de seus valores culturais perpetua sua história. Assim, as pesquisas calcadas na manifestação da literatura oral proveniente do âmbito popular têm se afirmado, nas últimas décadas, graças aos estudos direcionados à história oral.

Segundo Delgado (2006) a comunidade acadêmica busca alternativas para que o registro da fala de narradores, anônimos ou não, possa funcionar como um dos elos entre o passado e o presente. Nessa perspectiva, é inegável reconhecer as mudanças por que passam as sociedades nestes séculos XX / XXI favorecem as transformações nas estruturas e processos centrais das sociedades modernas, abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.

Nessa discussão é válido registrar que a opção pela pesquisa envolvendo manifestações da cultura popular está diretamente vinculada à minha experiência pessoal, uma vez que minha infância ocorreu no meio rural no município de Quirinópolis. Essa prática de transmitir por meio da oralidade os valores culturais foi marcante, sobretudo, no período de 1940 a 1970, no município de Quirinópolis, época em que as pessoas viviam em sua maioria na zona rural estabelecendo relação restrita com o “progresso” no meio urbano, tendo o rádio como principal meio de relacionamento com o mundo exterior.

A prática de transmitir as manifestações culturais perdurou nas décadas de 1940 e 1970 por meio, sobretudo, dos causos divulgados por pessoas idosas, anciãos de nossas comunidades. Nas palavras de Bosi (1994) ser velho é sobreviver em meio à destruição dos suportes materiais da memória na sociedade capitalista aliada à imposição da história oficial. O recorte temporal passa pelo processo de emancipação de Quirinópolis, na década de 1940, momento em que o povoado Capelinha, então distrito de Rio Verde, adquire autonomia política e recebe o nome de Quirinópolis.

Nesse momento histórico, marcado pelos acontecimentos da década de 1940, verifica-se uma maior interação social entre os espaços urbano e rural. Tal mediação é articulada entre os comerciantes e grandes fazendeiros que têm como objetivo garantir a emancipação política local que se consolida em 1943. Nesse momento a direção política local passa ao controle dos fazendeiros ligados à produção pecuária aliada a uma agricultura de subsistência. A cidade começa a desempenhar melhor a função de fornecer produtos industrializados ao campo, fato que garante um maior fluxo de pessoas à cidade e maior sociabilidade entre as famílias.

A década de 1970 representa o “clímax” das transformações socioeconômicas que tiveram início na década anterior e reflete alterações no cenário regional e local como a mecanização do campo, acompanhada por êxodo rural, novas relações sociais e espaços de sociabilidade. Na discussão acerca da inserção do estado Goiás na economia nacional Borges (2000) afirma que o referido estado, apesar de historicamente permanecer agrário e tradicional, passa a ocupar um espaço econômico articulado ao processo de ampliação do capital.

Nessa perspectiva, no âmbito literário os contos são modos variados de narrar que se agrupam de acordo com suas características ao registro das manifestações da cultura popular. Nessa discussão, Pessoa (2000) defende a oralidade transmissora dos saberes e costumes tem como personagem os idosos contadores de causos, os quais nos fins de tarde sentados à beira do fogão de lenha, após a lida árdua no campo, narravam histórias nas primeiras décadas do século XX.

Assim, a proposta é analisar a cultura de sujeitos históricos que deixaram a zona rural, o que implica em mudanças e novidades na vida da comunidade. Verificar-se à a dimensão social desempenhada pelos causos, analisados a partir de fragmentos de memória dos idosos, os quais permeavam o cotidiano das pessoas e fazia do conjunto das práticas culturais elemento essencial à sobrevivência tanto individual quanto coletiva. A memória consiste no registro de fragmentos que surgem por meio de recordações de “pessoas simples” como os idosos, favorecendo um ressignificar da história de vida e, nesta perspectiva, fatos do cotidiano apoiados nas sensibilidades permitem desvelar elementos da cultural popular como, por exemplo, os causos recorrentes em Quirinópolis.

A hipótese central da pesquisa é que os referidos causos eram narrados pelos idosos como forma de controle social que em última instância garantia a coesão social no meio rural. Portanto, trataremos de homens e mulheres que no exercício

de suas atividades cotidianas exprimem o modo de ser, pensar e agir de uma sociedade construída a partir das necessidades culturais e existenciais. É relevante esclarecer que dentro da proposta de pesquisa é utilizado o termo “causos” em vez de contos, haja vista que na comunidade local o termo conto é desconhecido pelas pessoas idosas que contribuíram com a pesquisa.

Nessa perspectiva é importante identificar a dimensão dos “causos populares”, bem como verificar como estes alteram o cotidiano das pessoas. Criam novos espaços de sociabilidade? Como estes acontecem? O que já não é mais possível ser experienciado, ritualizado como manifestação da cultura popular de Quirinópolis? Como as pessoas experienciam os sentimentos de pertencimento ao lugar onde vivem? A recepção dessas mudanças pelas pessoas que têm a memória das experiências dos anos 1950, 60 e 70? Como elas recebem tais mudanças? Resistem? Aderem? São catastróficas? Otimistas? Nesse sentido, a pesquisa apresenta como problemática reconhecer a finalidade dos causos populares narrados pelos idosos aos jovens entre as décadas de 1940/70 como uma prática comum do século XX em Quirinópolis.

A pesquisa proposta quanto à finalidade é aplicada, já que está voltada para um problema específico, ou seja, os causos em Quirinópolis. Quanto ao objetivo é explicativa, uma vez que se propõe a interpretar e analisar fatos que interferem na divulgação dos causos tais como coerção e transmissão dos valores culturais em Quirinópolis. Quanto à abordagem do problema é qualitativa, visto que busca interpretar o fenômeno proposto considerando as inter-relações presentes no contexto social.

Nessa discussão o pesquisador (instrumento indispensável) será o mediador relacionando-se de forma direta com os narradores dos causos populares na realização das entrevistas. No que se refere às técnicas e procedimentos a pesquisa classifica-se como bibliográfica ao valer-se de obras de autores renomados na área como Michel de Certeau, Ecléia Bosi, Maurice Halbwachs, Roger Chartier, Stuart Hall e Cascudo, dentre outros. Nesse ínterim, pode-se afirmar ainda ser uma pesquisa documental, visto que utiliza fontes informativas vivas (pessoas idosas com faixa etária entre 50, 60 e 70 anos) que moravam na zona rural, sendo 14 pessoas do sexo feminino e 12 do sexo masculino no grupo de entrevistados que experienciaram a manifestação dos contos imbricados nas práticas cotidianas. Assim, o critério para a escolha dos idosos pautou-se no fato de terem morado

durante muitos anos na zona rural e ainda serem contadores de causos na comunidade local.

O trabalho está dividido em três capítulos, sendo que o primeiro historiciza a cidade de Quirinópolis e apresenta um retrospecto sócio-político, econômico e cultural, aspectos indispensáveis para compreender as alterações nas relações campo-cidade no período de 1940 - 1970. Nessa perspectiva é necessário abordar o papel da família, uma vez que são nos grupos familiares que se manifestam os relatos traduzidos em fragmentos de memória transmitidos pelos idosos aos jovens na comunidade da época em questão.

O segundo capítulo estabelece a relação entre história e Literatura, áreas de conhecimento específicas, as quais obedecendo ao rigor científico comungam de um objeto comum de pesquisa e, neste caso em particular, os causos. Além disso, a pesquisa discute a relação entre cultura popular, memória e tradição oral e recorre tanto a literatos quanto a historiadores acerca das diversas abordagens dos contos populares.

O terceiro capítulo traz em si a matéria-prima fornecida nas entrevistas com os idosos, os causos, intitulado as múltiplas faces dos causos em Quirinópolis. Estes ao serem analisados permitem antever nas entrelinhas o que fica subentendido na fala dos idosos. Nessa fase da pesquisa, na qual os contos são selecionados e analisados foi possível verificar que muitos causos relatados pelos idosos na verdade são mitos de origem européia, de forma mais específica, de origem portuguesa. Dessa forma tornou-se imprescindível fazer alusão aos mitos não com a intenção de discutir suas origens, mas sim justificar a existência dos mesmos no cenário local, os quais são reconhecidos como uma manifestação dos causos, uma forma de conhecimento. Mitos como, por exemplo, do lobisomem e da mula sem cabeça, são reconhecidos pelos entrevistados como contos. Tal realidade traduz a capacidade de adaptação dos referidos mitos no contexto social.

Assim, durante a análise das entrevistas foi possível perceber que os causos ainda permanecem no meio social e são significativos entre os idosos que contribuíram com a pesquisa, porém eles se queixam da falta de tempo dos jovens, além da preferência destes pelos recursos tecnológicos, fatos que restringem o número de pessoas dispostas a ouvir tais relatos nos dias atuais, mas por outro lado reconhecem a dinâmica social que permeia a contemporaneidade. Além disso, foi

possível verificar o esquecimento de muitos causos recorrentes na primeira metade do século XX, na zona rural do município de Quirinópolis.

Nesse sentido, as entrevistas permitem confirmar a dimensão social desempenhada pelos causos no período entre as décadas de 40 e 70 e não se restringe às questões morais, mas ainda envolve as relações e as práticas sociais legitimadas pela comunidade da época. As entrevistas possibilitam reconhecer também os causos que ainda podem ser experienciados enquanto manifestações da cultura popular frente às transformações sociais, bem como contribuir para preencher lacunas na historiografia local.

1 QUIRINÓPOLIS: ENTRECruzAMENTO DO MUNDO RURAL E URBANO

Apresentar Quirinópolis torna-se uma tarefa complexa, haja vista que envolve a origem, desenvolvimento e o progresso contínuo de uma cidade, que surgiu a partir de um pequeno povoado no final do século XIX, circunscrita a uma pluralidade cultural a partir da chegada de famílias pioneiras oriundas de outras regiões do país como, Minas Gerais e São Paulo; estes, em meio à heterogeneidade traçaram a historicidade local.

A história de Quirinópolis foi construída por famílias tradicionais ligadas ao domínio de grandes latifúndios que chegaram do triângulo mineiro e somaram-se àqueles que advindos de outras regiões em busca de trabalho, a princípio, na atividade agrícola. Embora os relatos da comunidade e os documentos oficiais não revelem de forma clara que muitas vezes os problemas e dificuldades enfrentadas no município estivessem diretamente ligados à ação política local é relevante questioná-la, especialmente no período que antecede à emancipação política da cidade, quando um pequeno grupo controlava a política local.

1.1 Quirinópolis pela ótica do discurso oficial

A proposta da pesquisa não é discutir Quirinópolis pelo viés estatístico, mas por meio dos casos reconhecer as práticas cotidianas dentro do cenário sócio-político, econômico e cultural no período compreendido entre as décadas de 1940 e 1970, período ligado às mudanças que alteram a relação campo-cidade, sendo portanto, indispensável reconhecer as particularidades inerentes ao meio rural.

Nas palavras de Candido (2001) o homem caipira contava com a função de estabilidade propiciada pela vizinhança e posse da terra, elementos essenciais para a manutenção e sociabilidade no campo.

Vale ressaltar que o termo caipira utilizado pelo referido autor significa um modo de ser, um tipo próprio de vida, uma cultura. No entanto, esse homem caipira passa a ser incorporado à esfera urbana devido às transformações verificadas no

campo, e tais mudanças contribuem para redimensionar a análise da realidade do meio rural que se insere no contexto estadual e nacional.

O sistema de relações nos agrupamentos vicinais funcionava como membrana de tensão superficial, mantendo em equilíbrio uma população rala e fluída, rompendo-se a cada passo para dar saída aos que iam integrar-se noutra sistema, ou correr o risco de anomia no isolamento das posses distantes (CANDIDO, 2001, p.270).

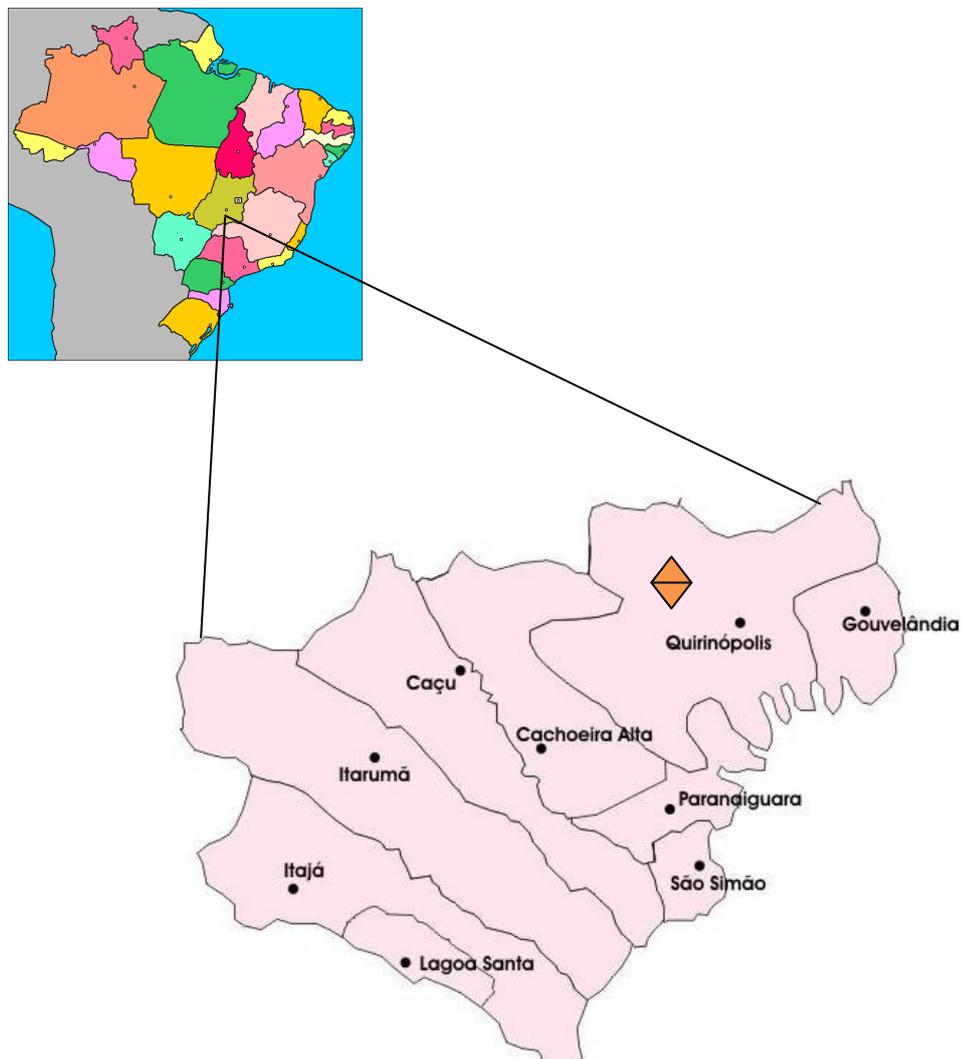
Segundo o autor diante dessa nova realidade o caipira que se sentia equilibrado e praticamente autossuficiente com o necessário à vida se sente desajustado diante do homem da cidade, o qual tem um novo estilo de vida e, diante dessa nova realidade, reage na medida em que opta pela migração e proletarização nas cidades ou resiste ajustando-se na medida do possível às transformações socioeconômicas ao permanecer no campo, mesmo que a opção represente decadência e miséria.

Assim, é relevante historicizar Quirinópolis e apresentar informações acerca da localização, origem, emancipação e desenvolvimento, atrelados ao sistema capitalista no início do século XX tendo em vista as relações campo-cidade estabelecidas nos âmbitos local, regional e nacional, sendo indispensável recorrer a fontes como documentos oficiais (jornais, revistas, históricos e dados sobre o município de Quirinópolis, dados estatísticos), livros e textos que contribuem para traçar o perfil da comunidade local, além de relatos de pessoas da comunidade para compreender a alteração social verificada nas décadas de 1940 e 1970 na referida cidade.

É válido reforçar que as alterações nas relações entre o espaço rural e o urbano ocorreu em dois momentos distintos, sendo que o primeiro, na década de 1940 favoreceu o processo de emancipação política, fato que implicou em melhorias nos meios de transporte, infraestrutura urbana e maiores possibilidades de atender as demandas de consumo no campo. A década de 1970 é considerada um marco de transição em detrimento da mecanização do campo, que implica na mudança das famílias alterando o cotidiano e as relações sociais do homem do campo que passou a morar na cidade. Nessa perspectiva é válido destacar o papel de Quirinópolis no cenário político e econômico regional, desde o processo de emancipação política.

A emancipação política de Quirinópolis data de 1943, quando desmembrou-se do Município de Rio Verde. Está localizada na região Centro-Oeste do Estado de Goiás e limita-se ao Norte com os Municípios de Rio Verde e Maurilândia e a Oeste com Cachoeira Alta e Paranaiguara. Ao Sul com o Estado de Minas Gerais. Localiza-se na Mesorregião Sul Goiana e Microrregião de no. 018, sendo composta pelos municípios de Cachoeira Alta, Caçu, Itarumã, Itajá, Paranaiguara, Gouvelândia, São Simão e Quirinópolis, que está a cerca de 300 Km de Goiânia, capital de Goiás.

Figura 01 – Mapa do Brasil, Goiás e Micro Região de Quirinópolis



Fonte: **SEPIN** – Superintendência de Estatística, Pesquisa e Informação. **Mapas das Microrregiões de Goiás** – IBGE.

http://www.seplan.go.gov.br/sepin/viewcad.asp?id_cad=5000&id_not=19 –

Segundo Borges (2004), a área territorial de Quirinópolis é de 3.792 Km² e representa 1,11% do estado de Goiás. De acordo com os últimos dados estatísticos do censo do IBGE em 2007 a cidade contava com uma população de 38.064 e segundo estimativas preliminares em 2010 a população ultrapassa 42.000 habitantes.

O surgimento do povoado que deu origem a Quirinópolis pode ser compreendido dentro do contexto histórico regional e nacional quando, segundo Coelho (1997), a partir da 2ª metade do século XIX começou a surgir novos núcleos em Goiás como Corumbaíba, Rio Verde, Caldas Novas por meio de doações de terras feitas por fazendeiros, tendo em vista a formação do patrimônio de um santo ou mesmo da Igreja. Nas palavras de Coelho (1997, p. 47) “(...) esses modelos de organização urbana em torno de uma capela construída, vai ser, a partir de então e até ao final do século, a forma mais comum de surgimento de cidades em Goiás”.

Na concepção dos memorialistas Sagim Junior e Sagim (2000) as famílias pioneiras oriundas de São Paulo e Minas Gerais ocuparam a região Ribeirão Fortaleza na Região Sudoeste da Província e tomaram posse de grandes fazendas e diante da dificuldade de obter mantimentos, de primeira necessidade, fundaram um povoado composto por uma casa comercial, uma loja de tecidos, um armazém e uma pequena Igreja para atender a comunidade local. O povoado recebeu o nome de Abadia do Paranaíba que cresceu especialmente em detrimento da mudança de local, uma vez que o povoado inicial à beira do Rio das Pedras revelou-se impróprio e trouxe entre outros problemas a maleita. Após a mudança de local e edificação da Igreja Matriz, recebeu o nome de Povoado Nossa Senhora D’Abadia ou Capelinha. O povoado pela resolução no. 603 em 1879 estabelece:

“Art. 1º Fica criado uma freguesia de natureza colativa¹ no Município de Rio Verde com a denominação de Nossa Senhora D’Abadia do Paranaíba (Cartório de 2º Ofício de Rio Verde)”.

Em Goiás, no decorrer do século XIX, predominara o espaço rural pautado no modelo econômico baseado na agropecuária. A ocupação ocorreu no sentido campo-cidade, especialmente com a implantação de novos núcleos que associados ao trabalho no campo favoreceram ao longo daquele século o estabelecimento e a consolidação da província como, por exemplo, a cidade de Quirinópolis que pelo

¹ O termo colativa refere-se a algo que pode ser conferido (benefício eclesiástico).

decreto lei no. 8.305, de 31 de dezembro de 1943, foi elevada à categoria de cidade e emancipou-se do Município de Rio Verde em 22 de janeiro de 1944.

Segundo Cavalcante Filho (2000) a emancipação política de Quirinópolis pode ser compreendida pelo apoio dado à Revolução de 1930 em Goiás, de forma especial ao Dr. Pedro Ludovico que contou com o apoio de famílias influentes do distrito Nossa Senhora da Abadia ou Capelinha, como as famílias Leão e Jacintho que aliaram a influência política às iniciativas na infraestrutura local como a construção de estrada de rodagem e, no povoado, a partir de 1942, de prédios para a estrutura administrativa, cadeia e campo de aviação que favoreceram o processo de emancipação política.

Figura 02 – Cidade de Quirinópolis na década de 1940



Fonte: Acervo particular do Sr. Wilson Franklin Xavier

Nessa perspectiva é relevante fazer alusão à Revolução de 30 em Goiás, que segundo Silva (2005) esta interferiu na reconstrução do progresso configurado no estado de Goiás, articulando-o ao progresso econômico verificado no país, buscando decifrar os meandros da política regional e nacional. Nesse sentido é válido destacar a presença de um dos grupos políticos abordados pela referida autora para compreender a dinâmica do arranjo político em Goiás como, por exemplo, a presença política dos Caiado:

O controle dos principais postos políticos do Estado e no Estado; rígido controle da comissão executiva do partido, (...) adequando-a seus interesses; manutenção de jornais para difusão de suas idéias e princípios ideológicos; respeito às premissas do pacto oligárquico-coronelístico; articulando com os demais grupos coronelísticos da região; (...) uso da força policial para esmagar as resistências (SILVA, 2005, p.73-4).

Percebe-se que a estratégia discursiva valorizava a ação governamental que rebatia as críticas da oposição ao mesmo tempo em que, apresentava a modernidade do estado no cenário político. Em tal contexto e em consonância com o fortalecimento da economia regional as elites locais organizaram-se para manter o controle do poder político e a eficácia do arranjo político articulando o poder político burocrático nos âmbitos local, regional e nacional que marcaram a realidade sócio-política do estado de Goiás nas primeiras décadas do séc. XX. Esta realidade sofreu mudanças, sobretudo, após a Revolução de 30, momento que marca uma nova etapa no cenário político a partir de um rearranjo político na esfera regional com a presença de novas lideranças na política goiana.

Nas palavras de Campos (2003) Goiás é estado periférico que ao lado de outros estados compõe o arranjo oligárquico da Velha República a partir da oferta de um único produto de exportação monopolizado pelos fazendeiros-pecuaristas, os coronéis. Nesse cenário político as elites convivem com as disputas intraelites e por vezes, intraparentelas. Segundo o mesmo autor o estado de Goiás não recebe atenção do governo central e, assim, os conflitos são resolvidos no âmbito local, sem a interferência do Estado e tal autonomia outorga uma parcela de poder aos fazendeiros, os quais em Goiás são representados por três oligarquias na Primeira República: Bulhões, Caiados e Xavier de Almeida. “A partir das críticas feitas aos principais líderes da política estadual que conscientemente procuravam manter o atraso e o subdesenvolvimento, com a finalidade de não perder o domínio político de Goiás” (CAMPOS, 2003, p.75).

Nessa perspectiva, tendo em vista as relações de poder legitimadas por meio da ação política local é interessante destacar que o poder dos coronéis garantia benfeitorias para o povoado e também a intimidação da comunidade. A manutenção do poder político em Quirinópolis estava ligada diretamente ao uso da força, sendo comuns relatos de violência na primeira metade do século XX na cidade e região

como demonstram os versos abaixo, do ex-prefeito da cidade, o senhor Helio Campos Leão² (História de Quirinópolis versos rimados, s/d).

A notícia da cidade
Todo mundo arrepiava
O povoado do capelinha
Era o que mais matava...

De fato era perigoso
Muita coisa acontecia
Aparecia gente morta
Às vezes ninguém sabia.

No cenário nacional o município de Quirinópolis insere-se na política nacionalista de Getúlio Vargas que, a partir de 1937, se operacionaliza no projeto “Marcha para o Oeste” como expressão da necessidade de expansão do sistema econômico nacional, assim integrando novas regiões do interior do país à dinâmica da produção e reprodução do capital. Em Goiás na década de 30 ocorre uma intensificação da migração para a região Centro- Oeste, além de ser fortalecida a exportação de gado para outras regiões e a prática da agricultura de subsistência: “A ocupação da Região Centro-Oeste, com destaque para o Estado de Goiás, serviria de etapa preliminar para o avanço posterior da nação para o norte-amazônico” (ASSIS, 2009, p.17).

O nome Quirinópolis adotado a partir de 1931 foi uma homenagem ao Coronel José Quirino, um dos pioneiros que se empenhou na construção da Igreja Matriz e desenvolvimento do povoado de Nossa Senhora D’Abadia, segundo documentos e testemunhos da comunidade local.

Nas primeiras décadas do século XX Quirinópolis, uma pequena cidade do interior, foi marcada pela presença política e econômica de coronéis, assim como em outras cidades do Estado de Goiás. De acordo com Assis (2009, p. 86) “os

² O Senhor Hélio Campos Leão foi homem ativo na política local, sendo eleito por três vezes prefeito de Quirinópolis; além da contribuição política nos legou os versos rimados nos quais apresenta a cidade em vários aspectos no início do século XIX.

Coronéis detinham uma base local, fundada na propriedade de grandes extensões de terra e no controle do voto dos eleitores, coagidos a votar nos candidatos apontados pelo coronel”.

Assim, o coronel constituía uma forma de “mandonismo” local, uma figura imprescindível a partir do estabelecimento da República em 1889, após o rearranjo do sistema político verificado na transição do Império para a República no Brasil, uma vez que o império não se encontrava apto a resolver os conflitos resultantes das transformações sociais e econômicas ocorridas no século XIX.

Nesse contexto foram inúmeras as dificuldades enfrentadas pela sociedade civil para assegurar a consolidação do grupo dominante ligado ao café nos primeiros anos da República, momento em que “o oeste paulista passava a produzir gêneros voltados para a exportação, o sul de Goiás assumia a função de abastecer os mercados internos” (ASSIS, 2009, p.73).

Segundo Borges (2009, p.16) na segunda metade do século XIX, com a expansão da fronteira agrícola, o Estado “especializou-se na produção e exportação de produtos agrícolas básicos para os mercados do Sudeste”. O fato permitiu a definição da posição de Goiás na divisão regional do trabalho, que a princípio restringia-se à exportação de gado para o mercado da região sudeste e passou a partir de então, a fornecer produtos agrícolas básicos como arroz, feijão e milho.

Nessa discussão é necessário registrar um dos projetos de Vargas para efetivar o desbravamento do território e a interiorização do povoamento, sem afetar a estrutura fundiária, a criação das colônias agrícolas. Na região central em 1941 “a Colônia Agrícola Nacional de Goiás (CANG), deu origem à cidade de Ceres, visando dentre outros propósitos ampliar a produção de alimentos para o mercado interno (ASSIS, 2009, p.108).

Estudos realizados pelo IBGE, publicados no jornal O Globo demonstram que 28,2 milhões de habitantes viviam no campo em 1940, o que correspondia a dois terços dos brasileiros, enquanto nas cidades viviam apenas, 12,8 milhões. Em Goiás, segundo o censo demográfico do IBGE de 1940, considerando municípios e distritos era expressiva a superioridade de habitantes no meio rural. A população de Quirinópolis, então, distrito de Rio Verde contava com uma população de 9.594, da qual 8921 pessoas viviam na zona rural (IBGE, 1940).

De acordo com Holanda (1989) o Brasil é uma civilização de raízes rurais, e Quirinópolis no final do século XVIII confirma tal premissa ao pautar-se na ocupação

inicial dos pioneiros na atividade agrícola aliada a uma incipiente pecuária extensiva, persistindo o predomínio do campo e das práticas agrícolas tradicionais durante as primeiras décadas do século XX. Nesse sentido é relevante mencionar a importância do carro de bois, instrumento usado na locomoção, transporte de mantimentos e lida do campo não só nos engenhos de açúcar de pequeno porte, mas também na sobrevivência do homem do campo.

Nas palavras de Borges (2004, p. 92) a expansão da agricultura brasileira deu-se a princípio pela incorporação de novas áreas de fronteira “apenas quando a fronteira tende a fechar-se e as modalidades tradicionais de ocupação do solo se esgotam ou tornam-se relativamente mais difíceis é que o desenvolvimento capitalista do campo começa a se fazer de modo a intensificar a produção nas áreas já ocupadas”.

Segundo Santos (2004) na década de 1970 em Quirinópolis ocorre uma intensa mecanização a partir da modernização das atividades agrícolas alcançadas por meio de políticas governamentais com o aumento produtividade, assim favorecendo o êxodo rural e o processo de urbanização com a redução significativa da densidade demográfica rural. Assim, o crescimento das atividades agrícolas que teve início na década de 50 se intensificou com a mecanização a partir do início dos anos 1970 e elevou a taxa de urbanização da população, o que persiste como demonstram os dados do IBGE em Quirinópolis de 1950-2000.

Figura 03 – população residente por situação de domicílio, no município de Quirinópolis (1950 - 2000)

Período	Total	Urbana	Rural
1950	18.387	2.604	15.783
1960	25.644	3.239	22.405
1970	31.606	11.515	20.091
1980	36.243	22.745	13.498
1991	34.255	26.648	7.607
2000	36.512	30.822	5.690

Fonte: (IBGE), 1950-2000

As mudanças do quadro demográfico em Quirinópolis especialmente na década de 1960, momento em que a população rural abriga a maioria da população

rural e os anos de 1980 verifica-se um crescimento significativo da população urbana, fato que confirma o início do processo de êxodo rural no município, situação que favoreceu o crescimento urbano.

Nesse contexto em Quirinópolis desde o surgimento do povoado, no final do século XIX até os anos 1970 do séc. XX prevalecia a prática dos cultivos tradicionais que coexistiam com áreas de pastagens naturais praticadas em locais remanescentes do cerrado, com destaque para a agricultura familiar. Esse tipo de organização garantia a sobrevivência do homem no campo que usava o sistema de parceria, o qual beneficiava tanto proprietários rurais quanto lavradores; assim, eram produzidos os grãos necessários à subsistência, sendo a terra a principal fonte de manutenção e permanência do homem no espaço rural.

No entanto, é relevante destacar o papel dos engenhos de açúcar de pequeno porte instalados no município de Quirinópolis, os quais contribuíam especialmente para a fabricação de açúcar, fundamental para manutenção do homem do campo, que trocava os produtos advindos do engenho como a rapadura, o melado, a garapa, produtos muito apreciados pela comunidade local, por outros necessários como gado, porcos ou mesmo animais de pequeno porte. É o caso do engenho localizado na Fazenda Sete Lagoas, Córrego das cabaças, sendo de pequeno porte, mas que durante a década de 1970 era fonte de renda indispensável para a família Rosa de Moraes

Figura 04 – Engenho utilizado na fabricação de açúcar



Fonte: Acervo particular de Ana Rosa dos Santos ³

³ O engenho de pequeno porte pertence à Senhora Ana Rosa dos Santos (Fazenda Sete Lagoas-Quirinópolis-GO) e ainda é utilizado na fabricação de rapaduras e melado por seus filhos e netos e até na década de 70 tinha função comercial produzindo em média 150 kg de doce por dia.

Nas palavras de Souza (2007) um jovem baiano que migrou para Goiás na década de 50 em busca de melhores condições de vida com toda a família estabeleceu-se no Município de Quirinópolis, na Fazenda Sete Lagoas, assim exemplificando o sistema de parceria: “Pegamos 2 alqueires de roça de milho e arroz e ½ alqueire de roça de milho do amigo Odilon Rosa de Moraes” (SOUZA, 2007, p.14).

A parceria garantia ao proprietário o trabalho e a produtividade da terra, a produção de grãos e ao lavrador o trabalho árduo e a possibilidade de uma mesa farta, naturalmente quando o tempo era favorável ao plantio e colheita dos grãos. A realidade foi alterada de forma substancial na década de 1970 que contou com o apoio de políticas governamentais específicas para a agricultura e a introdução de produtos e tecnologias modernas como atestam os dados de utilização da terra no município de Quirinópolis de 1950 a 1970:

Figura 05 – Utilização da terra no município de Quirinópolis (1950 - 1970)

Período	Área Utilizada (ha)	Lavoura (ha)	Pastagem Natural (ha)	Pastagem Cultivada (ha)	Matas Florestas (ha)
1950	170.350	16.406	153.944	–	–
1960	358.207	30.248	185.948	98.426	43.585
1970	327.269	55.308	113.963	127.070	30.928

Fonte: (IBGE), 1950, 1960 e 1970.

Nesse contexto mudanças significativas atingem áreas de cerrado e as áreas de matas e florestas são reduzidas devido à ampliação da agricultura e pastagens cultivadas que persistem nas décadas de 1960 e 1970 no município de Quirinópolis. Tal realidade impulsiona um redirecionamento da produção voltada ao mercado externo, processo comum no Estado de Goiás. Nas palavras de Assis (2009, p.129):

A política de crédito subsidiado à agricultura beneficia médias e grandes propriedades dificultando o acesso da pequena propriedade ao financiamento público da lavoura. Dessa forma intensifica-se a concentração de terras e o êxodo rural torna-se um grave problema para os principais centros urbanos do estado.

Segundo Borges (2000) as mudanças no campo são verificadas a partir da década de 1970, mas o intenso processo de êxodo rural da população ocorre na década de 1980, fato corriqueiro no país que, conseqüentemente, gera aumento significativo do trabalho assalariado na agricultura brasileira. Como endossa Linhares e Silva (1999, p.152) “uma realidade nova principalmente no Sudoeste e Centro-Oeste era a expansão dos bóias-frias, trabalhadores agrícolas formados em sua maior parte por uma população não rural”.

Nessa conjuntura político-econômica ocorre no país uma inversão campo-cidade com o avanço da urbanização e em Quirinópolis a partir de 1970 as pessoas começaram a considerar a cidade como espaço atrativo a ser conhecido por oferecer uma série de novidades que não fazem parte do cotidiano rural como, por exemplo, os benefícios advindos com a infraestrutura, novos espaços de lazer e opções de entretenimento. Nesse sentido é relevante refletir sobre os valores, costumes, resistências e transformações sócio-culturais nestes espaços diferentes, mas interligados.

As mudanças estão ligadas à melhoria dos meios de transporte como a construção da estrada de ferro de Goiás que mesmo distante da cidade de Quirinópolis trouxe benefícios à região na década de 1930, bem como a outras regiões do Triângulo Mineiro, São Paulo e décadas mais tarde, a Brasília. A ferrovia facilitou a vinda de imigrantes para o cultivo de café e o desenvolvimento da agropecuária de forma que dinamizou a integração da economia goiana, ou seja, incrementou as relações comerciais regionais e inter-regionais em Goiás.

... o setor mais beneficiado com a chegada dos trilhos foi a agricultura (...). Em 1920, Goiás já era o quarto maior produtor de arroz (...). Além do arroz, coube destaque, no período, também às lavouras de milho e cana-de-açúcar. (...). A população do estado também aumentava, na medida em que a imigração para a região sofria um incremento (ASSIS, 2009, p.102).

A necessidade de sanar os problemas ligados às vias de transporte e comunicação no sudoeste goiano foi superada, em parte, pela abertura de estradas na forma de mutirão ou empreendimentos particulares. Diante desta perspectiva foi criada em 1917 a Companhia Auto Viação Sul Goiana com sede em Rio Verde tendo e como objetivo:

A construção e tráfego de estradas de automóveis, indústrias de cargas e passageiros, entre Santa Rita do Paranaíba e Mineiros, passando por Rio Verde e Jataí, com ramificação de Rio Verde ao Porto de São Jerônimo, no Rio Paranaíba passando pelo arraial do Capelinha (hoje Quirinópolis), município de Rio Verde (MACHADO, 1990, p.205).

Nesse contexto na Região Sudoeste do Estado já se destacava, naquele momento, o município de Rio Verde, do qual Quirinópolis era distrito e segundo relatos de pessoas da comunidade local o acesso só era possível nas primeiras décadas do século XX a cavalo ou carro de boi; era preciso superar os perigos advindos, das matas fechadas, ataques de animais ou um fora da lei.

Segundo os memorialistas Sagim Junior e Sagim (2000) somente em 1933, por meio de um convênio entre a Secretaria Geral e a Prefeitura de Rio Verde para a construção de uma estrada de automóveis, ligando Quirinópolis ao canal de São Simão, houve tanto o impulso comercial quanto populacional e a presença de médicos vindos de Rio Verde e Itumbiara para clinicar na cidade.

Segundo o depoimento do Sr. Georgides S. Mattos e Parreira (1988), que consta no Resumo Histórico de Quirinópolis, outros fatores relevantes contribuíram para dinamizar o processo de urbanização como, a instalação de energia elétrica no distrito em 1938, a qual foi ampliada em 1950 e a construção de um campo de aviação na década de 1940. Além disso, as gestões municipais empenharam-se para melhorar a infraestrutura na zona rural e urbana a partir de 1947. Vale ressaltar que as melhorias na cidade são mais significativas do que as que beneficiam o campo. Essa realidade é confirmada pelo êxodo rural que ocorreu no município nesse período.

Nas palavras do Sr. Georgides (1988) as melhorias também atingiam o âmbito sócio-cultural com a criação de duas escolas municipais, Canaã e Olga Parreira em 1955, além da instalação do primeiro cinema na cidade “Cine Teatro São José”,

espaço de lazer e sociabilidade para as pessoas da cidade, bem como as da zona rural que ao fazerem compras na cidade também assistiam aos filmes. Além disso, a instalação da torre de transmissão de um canal de televisão, a qual implicou no abandono da praça coronel Jacinto Honório (Praça da Matriz) pelos jovens, também possibilitou a integração ao Sudoeste Goiano.

Na década de 1970, em Quirinópolis surgiram as primeiras indústrias de produção para o abastecimento interno, apesar da tecnologia rudimentar, a se instalar, como por exemplo, a de processamento de arroz e laticínios. Nas palavras de Mattos e Parreira (1988, p.16) no que se refere ao desenvolvimento industrial a partir da década de 1970 pode-se afirmar que “(...) a cidade possui laticínio Quirinópolis (Agrovale), laticínio Flor da Nata (Nestlé), (...), a indústria de arroz Oligo, entre várias máquinas de beneficiar arroz...”

Assim, o cenário político e econômico local foi imprescindível na transformação da sociedade, sem desmerecer os aspectos sócio-culturais que favoreceram a divulgação de novos pensamentos, valores e aspectos físicos; a cidade deixava de ter aspecto ruralístico para se transformar, “modernizar”, envolvendo as permanências e rupturas presentes nas novas formas de trabalho, convívio e sociabilidades.

1.2 Interfaces campo-cidade: fragmentos de memória

Aportou-se nesta região,
Na fazenda Fortaleza
O Sr. Crisóstomo de Castro
Homem de grande nobreza.

Foi primeiro posseiro
Conforme nos diz a história
Isto foi no século passado
A data nos falha a memória.

(História de Quirinópolis em versos rimados – Hélio Leão s.d.)

A origem do povoado que a partir de 1931 recebe o nome de Quirinópolis está ligada à ocupação do campo segundo os documentos oficiais e a memória social que confirmam a presença das famílias pioneiras desbravadoras do cerrado. Elas contribuíram para o povoamento de regiões até então consideradas impróprias para o estabelecimento de pessoas na região Centro-Oeste do país. Nas palavras Bosi (1994, p.407) “somos, de nossas recordações, apenas uma testemunha, que às vezes não crê em seus próprios olhos e faz apelo constante ao outro para que confirme a nossa visão”.

A vida cotidiana tem como cenário a zona rural no município de Quirinópolis, nas primeiras décadas do século XX, quando é possível reconhecer fragmentos de memória, especialmente do período da infância nos relatos, fruto da vivência pessoal ou das estórias e fatos repassados por familiares.

Que saudades do rego d'água, da bica, do monjolo, do poço de água formado abaixo deste! Do engenho movido a tração animal, do quintal, do pomar, da horta, da mina d'água com perfume da flor de São José. Das prainhas do Rio das Pedras, de passar em pinguelas, da sombra da aroeira de cem palmos que ficava no pasto bem próximo da nossa casa. Do perfume da flor de laranjeira do cerrado (URZEDO, 2009, p.158).

Nesse ambiente de aparente tranquilidade eram também visíveis as dificuldades próprias de ocupação de uma região de vegetação nativa que muitas vezes oferecia riscos à própria sobrevivência das pessoas, em consonância com as manifestações culturais como festas religiosas, danças, superstições e causos, que, apesar das peculiaridades chegaram tanto à zona urbana, a princípio no povoado, com o processo de emancipação e, principalmente com o avanço da urbanização, adaptando-se para sobreviver, estabelecendo um diálogo constante campo-cidade.

Outro aspecto relevante nessa ocupação foram os obstáculos naturais que agregadas à carência de infraestrutura, especialmente no que tange aos meios de transporte e comunicação, recordações presentes nos relatos de pessoas que contribuíram para desbravar e expandir a agricultura nas regiões que fazem parte do Município de Quirinópolis como relata o Senhor Valdelicio Fernandes de Souza, no livro *História de Minha Vida* (2007), ao referir-se à viagem a Uberlândia ou Uberaba nas primeiras décadas do século XX para escoar a produção agrícola do Município

de Quirinópolis. Ou mesmo os relatos das condições naturais aliadas á precariedade dos meios de transporte nas primeiras décadas do século XX.

Naquele tempo sim! As chuvas caíam... (...). Imaginai o sofrimento dessa gente durante estas torturantes viagens que duravam nunca menos de quarenta e cinco (45) dias, cangando e descangando bois, desatolando carros e enfrentando perigos de toda sorte (CORREA, 1957, p.04).

O cenário do campo inóspito, segundo muitos relatos, contrapõe-se a perspectiva de realizações materiais ou mesmo espirituais, espaço muitas vezes de incertezas e mesmo do desejo de uma vida melhor no espaço urbano. É comum as pessoas manifestarem o desejo dos filhos estudarem e obter cultura saindo das fazendas. Nas palavras de Santos (2000, p.59):

Imaginar campo e cidade passou no mundo ocidental desde a Inglaterra industrializada a ser um processo de construir idéias e imagens do que se desconhece e apenas se imagina. Nascem campos pacíficos, bricólicos, cheios de uma graça inocente e ingênua. Nascem cidades de cores brilhantes em sua dinâmica barulhenta e produtiva (...). Imagens caras a que sabe que o outro existe, mas o vê através dele mesmo.

O espaço de aparente tranquilidade nas fazendas também era despertado pelas diversas formas de sociabilidades, pessoas de famílias conhecidas, vizinhos e parentes faziam visitas longas que duravam parte da semana, alterando o cotidiano da família, como afirma o Senhor Hélio Leão:

De vez em quando os amigos
Fazia uma cortesia
Iam para a casa de uns aos outros
Com toda sua família

La eles ficavam
Três, quatro dias folgados
Naquela alegria imensa
Não ficavam preocupados.

(História de Quirinópolis em versos rimados)

Nesse ambiente de vegetação nativa e infraestrutura peculiar das residências como por exemplo, a disposição dos cômodos da casa, o espaço no quintal que faziam parte do cenário de diversão, sendo as festas populares garantia de reunião das famílias, vizinhos, amigos, trabalhadores no campo e muitos imigrantes de outros estados da federação. Lugar de comida farta, danças, cantorias, formas de superar o cotidiano marcado pelo trabalho árduo de uma rotina diária que durava a semana toda, de sol a sol. “Chegando ao Estado de Goiás, essas festas e tradições de raízes milenares incorporam o jeito simples de viver, o apego a moradia, de cultivo e de criatório...” (PESSOA, 2005, p.33).

Em Goiás a presença das festas populares de caráter religioso é comum como a Festa do Divino Pai Eterno na cidade de Jataí, tradição no povoado desde os fins do século XIX como relata França na obra *Pioneiros (1995)*; em que descreve a boa vontade da comunidade e dos fazendeiros locais na realização das festas religiosas em parceria com a Igreja Católica.

Em Quirinópolis, além da Festa da Padroeira Nossa Senhora D’Abadia, tem grande expressão a Festa de Santos Reis que conta com o apoio da comunidade local; envolve pessoas do campo e da cidade; o momento de maior interação social e o encerramento da festa, no início do mês de janeiro. “Nunca esquecerei da festa de Santos Reis que acontece no dia seis de janeiro. Nessa festa preparavam a mesa para os inocentes, ou seja, só para crianças de 07 anos (...). Era uma fartura de doces, bolos, biscoitos de fazer inveja as festas de hoje” (URZEDO, 2009, p.74).

Na festa de Santos Reis ainda prevalece a oferta de prendas, visita às fazendas e o dia de servir a comida e fazer orações, agradecer as bênçãos alcançadas; tanto estavam presentes as pessoas da cidade quanto das fazendas que acompanhavam os festejos dos Santos Reis. “Essas maneiras de fazer constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas de produção sócio-cultural” (CERTEAU, 1994, p.41).

As Festas Juninas sempre estiveram presentes na comunidade, sendo um misto de religiosidade e tradição que promovia a imbricação dos espaços por meio de rezas de terço e manifestação de devoção a Santo Antônio e São Pedro. “Entende-se por tradição (...), entregar, transmitir, passar adiante o processo divulgado do conhecimento popular agrafo” (CASCUDO, 2006, p.27).

Nos festejos juninos eram comuns os batizados na fogueira que permitiam sustentar a instituição do compadrio, fundamental para manter as relações sociais

no campo. Além dos batizados era comum ocorrer casamento na fogueira de São João e demonstrações de fé como abanar as brasas em chama e atravessar sem ter queimaduras nos pés do fiel que homenageia com o gesto de fé o santo de devoção. Tais práticas refletem também a predominância da religiosidade popular num tempo em que a presença da liturgia oficial da Igreja Católica ainda era muito escassa nesse imenso Goiás. A respeito das festas juninas, assim se posiciona Ortencio, (2009, p.20-1):

Há uma versão que foi São João quem criou a dança da quadrilha para desviar o povo que ia assistir as festas comemorativas das vitórias guerreiras e das colheitas fartas, onde os escravos indefesos eram sacrificados pelos gladiadores armados.

As festas juninas representavam a esperança para moças que sonhavam arrumar pretendentes e segundo relatos das pessoas, o santo mais solicitado é Santo Antônio, podendo o mesmo ter a sua imagem mergulhada em um caldeirão de feijão ou ficar de cabeça para baixo atrás da porta, castigo por não trazer o marido solicitado; porém, as lembranças mais comuns estão ligadas à prática da religiosidade. “Íamos às festas de São João... (...) levantava o mastro de São João e São Pedro no meio de muita alegria após o terço. Havia fogos de artifícios e a fogueira iluminava o terreiro no início da noite” (URZEDO, 2009, p.46).

As festas juninas permanecem vivas nas escolas rurais e urbanas com quadrilhas, comidas típicas e leilões, sendo que a urbanização é refletida nas músicas, danças e vestuário dos participantes da festa que mostram os novos valores e costumes.

Mas nem só de festas viviam as famílias nas fazendas, pelo contrário, o trabalho norteava a organização e divisão dos afazeres que envolviam homens e mulheres. Segundo relatos dos antigos moradores rurais era uma rotina difícil e de muito trabalho, mas que contava com a solidariedade dos vizinhos que se reuniam em grupos para fazer a “traição, no mutirão; este consistia em pegar de surpresa o companheiro em apuros que poderia estar precisando de ajuda para limpar o pasto ou fazer uma colheita.

A ajuda não se restringia aos homens, mas também as “comadres” podiam receber ajuda para colocar a fiação em dia, visando garantir os tecidos para fazer

roupas para a família e nesse período o acesso a roupas confeccionadas de cidades como Uberlândia ou Uberaba era raro e pouco acessível à maioria da população da zona rural.

Era uma festança, todo mundo de madrugada cantano, com as tochas de fogo e ferramenta na mão, para acordar o vizinho para receber o pessoal para lida e preparar comida para a turma do mutirão e no final do dia, após o banho voltava para o arrasta pé, que saudade daquele tempo (Ana Rosa dos Santos, entrevista em 15/04/10)⁴.

Infelizmente essa prática de ajuda comunitária só permanece nas lembranças das pessoas da comunidade que recordam do descaroçador de algodão, da roda de fiar, tear⁵ ou do cutelo de limpar o roçado. “Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos” (HALBWACHS, 2006, p.30).

Figura 06 – Tear utilizado na fabricação de tecidos



Fonte: Acervo particular de Flávia Rosa de Moraes Silva.

A educação e mesmo as dificuldades para ter acesso à instrução também permeiam as recordações da infância nas fazendas do Município de Quirinópolis,

⁴ Entrevista concedida por Ana Rosa dos Santos em 2010, residente na fazenda Sete Lagoas, município de Quirinópolis. A referida entrevistada mora na fazenda com oitenta e dois anos de idade

⁵ A imagem é de um tear usado na fabricação de tecidos, acervo do museu de Quirinópolis.

especialmente nas primeiras décadas do século XX. Não existe em documentos oficiais registro da presença de professores contratados para ministrar aulas, mesmo diante da necessidade de alfabetizar as crianças da comunidade.

Segundo Urzedo (2007) a educação do Município de Quirinópolis foi inicialmente ministrada nas residências por professores particulares e só a partir de 1930 foi inaugurado o primeiro grupo escolar, denominado Grupo Escolar Ricardo Campos⁶. Em seguida, já em 1957, a cidade contava com a Escola Normal Regional Coronel Quirino. A partir da década de 60 outras escolas foram criadas para atender a comunidade local.

Figura 07 – Grupo Escolar Ricardo Campos



Fonte: Acervo particular de Ronan Alves Lopes

Na comunidade Quirinopolitana era comum o acesso restrito ao conhecimento aliado à concepção familiar “cultural”, visto que o trabalho era prioridade em detrimento da importância dada ao conhecimento sistematizado; assim a escolaridade era privilégio de um pequeno grupo, do qual as mulheres eram em geral excluídas, e mesmo os meninos eram retirados do âmbito escolar para o trabalho nas lavouras. Essa realidade lamentável vivida pelas mulheres é descrita por Urzedo na obra *A saga de uma Família* no qual relata uma prática corriqueira, especialmente na zona rural.

⁶ Grupo Escolar Ricardo Campos construído nos anos de 1930. Em destaque o prefeito Sr. Hélio Leão (1951-1954) e o ex-prefeito Sr. Garibaldi Teixeira (1947-1951).

As mulheres não precisavam saber mesmo, seu trabalho era o fogão, a vassoura, a costura e tomar conta das crianças. Não havia por aqui o que ler e nada exigia que se escrevesse a não ser cartas para os familiares que moravam em outros estados (URZEDO, 2009, p.76).

As escolas rurais em geral funcionavam em um galpão de pau-a-pique coberto de folhas e ficavam próximas à residência do fazendeiro. Nesse espaço improvisado estudavam os filhos do fazendeiro e as crianças da vizinhança. Aos professores era atribuído o dever de ensinar a ler, escrever e dominar as quatro operações. O perfil do professor era em geral de uma pessoa rígida, respeitada não só pelos alunos, bem como pela comunidade local.

A partir da década de 1960 as escolas se multiplicam tanto na zona rural quanto urbana com maior infraestrutura e presença dos professores. Em 1988 criou-se na cidade a primeira escola superior, a Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Quirinópolis (FECLEQ), hoje, Universidade Estadual de Goiás (UEG) – Unidade Universitária de Quirinópolis que atende a comunidade local e regional e em 2005 a Faculdade Quirinópolis (FAQUI).

O ambiente festivo do povoado Nossa Senhora D'Abadia e das fazendas da região era interrompido pelo medo não só das histórias de assombração ou alma penada, mas pela violência e assassinatos que ocorriam com frequência, muitos sem solução. Nas palavras de Urzedo (2009, p.39) “nas situações de conflitos, as pessoas usavam mais os instintos do que a arte de pensar. A violência era a ferramenta mais utilizada, e não o diálogo”.

A questão da violência em Quirinópolis levou a cidade a ser conhecida por “Criminópolis” entre as décadas de 1960-70 e tornou-se objeto de pesquisa do historiador Jose Jorge Cavalcante Filho, o qual discorda do cenário violento atribuído a Quirinópolis e defende que na referida cidade os índices de violência não são maiores do que os verificados nas cidades vizinhas. Assim, a disseminação da ideia de violência está associada ao discurso construído no âmbito social; este permitiu associar as pessoas de Quirinópolis à valentia, uma vez que na mesma época em cidades da região registraram-se atos de violência maiores do que em Quirinópolis.

Por trás dos atos de violência, de uma narrativa criminalística há uma outra narrativa. Uma narrativa-discurso e por isso mesmo simbólica que possibilita a consolidação de uma conduta de vida (CAVALCANTE FILHO, 2000, p.95).

A violência local pode ser compreendida não só pelas relações de poder, mas pelas representações inerentes ao contexto sócio-cultural. A personificação do valente, destemido, pronto a resolver qualquer contenda com vizinhos, agregados ou mesmo membro da família contava com a “aprovação” da comunidade. “Ninguém que se tinha dedicado a pensar a história e a política pode permanecer alheio ao enorme papel que a violência sempre desempenhou nos negócios humanos” (ARENDR, 1994, p.16).

Os dados do Cartório de Crime de Quirinópolis entre 1960 e 1970 revelam crescimento no número de homicídios, mas que foram diminuindo nas décadas seguintes com a presença mais efetiva do judiciário e diante das novas necessidades agregadas ao crescimento da urbanização. Realidade verificada também em cidades vizinhas como Catalão e Rio Verde, que no mesmo período apresentam índices de violência maiores do que os verificados no âmbito local.

Figura 08 – Processos crimes denunciados (1961-1971)

	1961	1962	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969	1970	1971
Homicídio	13	6	13	9	9	11	12	26	12	10	12
Hom. Culp.	Sd	sd	Sd	1	Sd	1	sd	1	sd	sd	1
Lesões Corporais	1	1	13	8	5	3	5	9	5	4	3

Fonte: Cartório do Crime de Quirinópolis / 2010

A cidade de Quirinópolis emancipada buscava desenvolver sociabilidades específicas no espaço urbano que também atendiam a comunidade rural e dava impulso à vida social e cultural. Segundo Urzedo (2007, p.100):

A vida cultural e social da população tomou impulso no ano de 1955, quando foi inaugurado o primeiro cinema da cidade, em frente a Praça da Matriz, por Geraldo Borges da Silva e Sebastião Jacinto Vieira. No ano seguinte passou a pertencer a José Severiano dos Santos (Juca Severiano) com o nome de Cine Teatro São José.

O cinema oferecia um repertório variado de filmes e segundo relatos apresentava desde bang-bang, Mazarope, o Gordo e o Magro a filmes de Charles Chaplin. O Cine-teatro atraía famílias inteiras nas exibidas sessões de matinê até ser

desativado em detrimento das transformações sociais que mudavam os rumos da cidade; a sede do mesmo é onde está situado o Banco Itaú. Além do cinema a Praça Coronel Jacinto Honório⁷ (Praça da Matriz Nossa Senhora D'Abadia) era o espaço onde os jovens se encontravam, o namoro e a amizade eram comuns em meio á presença da fonte luminosa, o Coreto, a pipoca, o algodão-doce e as músicas. Adultos e crianças marcavam presença nas festas religiosas, comemorações do aniversário da cidade ou nas missas de sábado à noite e domingos.

Figura 09 – Fonte Luminosa - 1968



Fonte: Acervo particular de Wanderléia Silva Nogueira/2010

A cidade ainda pequena passou a contar nas décadas de 1960 e 1970 com o Clube Itamaraty. Este salão acolhia a apresentação de bandas de carnaval, festas de casamento, shows artísticos com cantores como Sergio Reis, Lindomar Castilho, dentre outros e, especialmente os bailes de debutantes, que aconteciam para apresentar as moças de quinze anos à sociedade. Porém, era restrito a participação de moças de famílias que faziam parte da elite local. Nas palavras de Evanildes Pereira de Souza⁸: “o Clube Itamaraty representava um ambiente recreativo, no qual os jovens reunidos em grupos divertiam-se. Ah! Que saudades daquelas festas”.

⁷ Essa imagem retrata a Fonte Sonoro Luminosa, espaço de lazer dos quirinopolitanos na década de 60, localizada na Praça Coronel Jacintho Honório.

⁸ A referida entrevistada nas décadas de 60 e 70 já residia na cidade e vivenciou as práticas de sociabilidade no período acima citado; entrevista no museu de Quirinópolis em 15/03/2010.

Figura 10 – Clube Recreativo Itamaraty⁹

Fonte: Acervo particular de Wanderléia Silva Nogueira

Figura 11 – Baile de Formatura¹⁰ -1968

Fonte: Acervo particular de Dilma Mortoza

O relato de Evanildes Pereira de Souza, funcionária do Museu Histórico de Quirinópolis, demonstra que os jovens buscavam a sociabilidade. Atualmente, nesse espaço dedicado às festas e momentos de lazer no século XX, funciona a Subsecretaria Municipal de Educação.

As formas de comunicação eram poucas, mas a interatividade podia chegar via correio e estabelecia contatos entre a comunidade local e os grandes centros do país, como São Paulo e Rio de Janeiro. A presença de revistas como *Capricho* e *Sétimo Céu*¹¹ traziam como tema central as fotonovelas nas décadas de 60 e 70. Além disso, as revistas traziam informações a respeito da moda, dicas domésticas, horóscopo, oferta de produtos de beleza e, especialmente, entrevistas com os artistas famosos da época como em um trecho da entrevista de Aracy Balabanian em 1974.

⁹ Clube Recreativo Itamaraty, situado à Rua Herculano Costa, esquina com a Avenida Rui Barbosa, 1968.

¹⁰ Baile de Formatura de 8ª Série no Clube Recreativo Itamaraty em 1968, Dilma Mortoza.

¹¹ A referida revista mensal chegava a Quirinópolis via correio, veiculando notícias, propagandas e novelas. *Sétimo Céu*, 1974.

Figura 12 – Entrevista da Revista Sétimo Céu



SIM
Adoro minha família. Meu pai, que é de origem estrangeira e sempre foi uma pessoa supersensível, costuma dizer que árvores boas sempre dão bons frutos. Realmente, tanto ele quanto minha mãe sempre se amaram tanto que deixaram sete filhos e seus onze sobrinhos transbordando de amor.

Fonte: Acervo particular de Terezinha Moraes de Jesus.

Segundo os relatos das leitoras assíduas, muitas vezes, o arroz queimava no fogão devido era a expectativa do capítulo em mãos, haja vista que o próximo exemplar só chegava no mês seguinte. Foram às revistas as responsáveis pela divulgação da moda, receitas, ideias e os comportamentos sociais dos grandes centros em Quirinópolis. Outro meio de comunicação que aos poucos ganhou espaço na comunidade local foi a TV, mesmo que ainda pouco expressiva em números na década de 1970, mas que já aguçava a curiosidade e o interesse das pessoas por novelas, noticiários, e especialmente, esportes como a Copa de 1970.

Segundo relatos os aparelhos eram grandes, em preto e branco e pouco acessíveis à maioria famílias da comunidade e podiam ser adquiridos nos grandes centros urbanos como Uberlândia ou mesmo Goiânia. Assim, era cena comum um grupo de vizinhos reunir-se para assistir à programação em um aparelho existente numa residência daquela na rua; está prática foi alterada pela popularização do aparelho de TV que aos poucos foi perdendo a dimensão de sociabilização e interação social na cidade. Nas primeiras décadas do século XX a maior parte das fazendas não contava com o benefício da energia elétrica e do televisor.

Segundo Hamburger a partir do início da década de 1970 as novelas globais atingiram o público, fato recorrente nas várias regiões do país, período em que apenas 24,11% dos domicílios brasileiros contavam com ao menos um aparelho de TV. A região Centro-Oeste também passara por rápido crescimento no número de aparelhos nas residências, uma vez que até então o número maior deles estavam concentrado na região sudeste. “A TV capta, expressa e constantemente atualiza representações de uma comunidade imaginária (...), ela fornece um repertório comum por meio dos quais pessoas de classes sociais, gerações, sexo e regiões diferentes se posicionam se situam umas em relação às outras” (HAMBURGER, 1998, p.441).

A indústria televisiva esteve ligada à ação governamental e a partir de 1964 as telecomunicações passaram a ser consideradas estratégias na política de desenvolvimento e integração do regime militar, fato que possibilitou na década de 1970 o acesso à comunicação via satélite. Assim, a televisão viria alterar o cotidiano das pessoas dentro do próprio lar, reordenar o ritmo e as atividades das famílias pelo fluxo variado da programação e dos anúncios comerciais, prática que aos poucos tornou-se recorrente na vida social.

Segundo Hamburger (1998) as novelas surgiram praticamente junto com a televisão no Brasil, embora só tenham atraído a preferência das emissoras e da audiência a partir do final da década de 60 e início dos anos 1970 quando os folhetins eletrônicos transmitidos pela Rede Globo passaram a figurar de maneira recorrente na lista dos dez programas mais divulgados pelo IBOPE.

Contudo, o meio de comunicação mais popular foi o rádio e segundo Sevckenko chegou ao Brasil tardiamente em relação aos países industrializados, nos quais a radiofusão foi acelerada no período da 1ª Guerra Mundial. No Brasil, por sua vez, o início do rádio data da década de 1920, mas somente após superar dificuldades técnicas na década de 30 tivera impacto na cultura brasileira, especialmente nos centros urbanos da região sudeste. O fato é que “as rádios haviam descoberto uma dupla vocação, primeiro criar mitos, depois penetrar e divulgar com estardalhaço os detalhes mais palpitantes de suas vidas privadas” (SEVCENKO, 1998, p. 591).

No entanto o fato determinante e que contribuiu para que as emissoras de rádio descobrissem seu potencial de impacto junto ao público foi a música, de forma especial a música popular tão divulgada por meio da radiofusão. Segundo Silva (2001) a Rádio Clube fundada em 1942 marcou o ingresso de Goiás na era da

comunicação de massa. Assim era possível ter transmissões ao vivo, programas de auditório e transmissão de futebol. Nessa fase do rádio o jornalismo também adquiriu prestígio e trouxe para a programação diária notícias de eventos variados como solenidade de formatura para atingir o público.

Nos anos 50 surgiu a primeira emissora de Goiânia a transmitir em ondas curtas e tropicais, sendo a primeira a rádio Brasil Central e, em seguida, a Rádio Anhanguera. A produção de radionovelas foi momento ímpar no rádio goiano que assistiu ao crescimento do setor de comunicação e crescimento do número de emissoras dedicadas às transmissões regionais na faixa AM, como Riviera, Difusora, Independência, dentre outras emissoras de rádio.

A fase áurea do rádio nas grandes cidades começou a declinar já na década de 60 com o advento da televisão. Nesse momento o rádio busca novos mecanismos frente ao impacto causado pela programação visual e dentre as alternativas estão os programas de massa, distribuição de prêmios e programas jornalísticos. Nesse sentido é de suma importância reconhecer as mudanças, mas, sobretudo, valorar o período de supremacia do rádio. Para Pesavento (1995, p. 287) “resgatar representações coletivas antigas não é julgá-las com a aparelhagem mental do nosso século, mas sim tentar captar sensibilidades passadas, cruzando aquelas representações entre si e com as práticas sociais correntes”.

Quirinópolis até os fins da década de 1960 não contava com uma rádio local, mas a sociedade interagiu no âmbito regional e nacional por meio da rádio Tupi de São Paulo, rádio Platina de Uberaba, rádio Globo e Difusora, dentre outras. Assim, a cidade recebia informações, além de entretenimento com programas musicais e as radionovelas que despertavam a atenção e o interesse da comunidade tanto na zona rural quanto urbana.

O início da produção radiofônica na cidade surgiu em janeiro de 1979 com a instalação da Emissora Sul Goiana¹² de Quirinópolis, a qual oferecia uma programação voltada ao homem do campo.

¹² Convite de Inauguração da Emissora Sul Goiana de Quirinópolis, em 1979, primeira emissora AM da cidade.

Figura 13 – Convite de Inauguração da Emissora Sul Goiana de Quirinópolis-1979

Emissora Sul Goiana de Quirinópolis Ltda.

A VOZ DE INTEGRAÇÃO REGIONAL

CONVITE

Temos o prazer de convidar V. Sa. e família, para a inauguração da Emissora Sul Goiana de Quirinópolis Ltda., serviço de radio-difusão, em AM, 1.400 khz, 1.000 watts, a realizar-se no dia 17-03-1979, obedecendo a programação anexa.

Nerivaldo Costa
P/ diretor

PROGRAMAÇÃO - Quirinópolis - Março - 1979

17/Março/1979

06:00 horas — Seleção Classe A Música Sertaneja
07:00 horas — Missa — Igreja da Matriz
07:50 horas — Bênção das Instalações
08:00 horas — Roda do Violeros — Clube Recreativo Hamaraty
13:00 horas — Projeto Minerva
14:15 horas — Jornada Esportiva
18:00 horas — Hora do Angelus
18:15 horas — Seleção Musical Classe A
19:00 horas — Culto — Igreja Assembleia de Deus
20:00 horas — Seleção Musical Classe A
20:30 horas — Show Sertanejo — ao vivo — Praça Col. Jacinto Honório

Fonte: Acervo particular de Benedito Carlos Cunhado

A emissora apresentava uma programação dinâmica que tinha início ainda na madrugada, momento em que os trabalhadores no campo começam a sua jornada de trabalho e o acompanha durante todo o dia transmitindo avisos, recados e uma seleção musical durante a programação, sobretudo, estabelecendo um contato cordial com aquele que reside na zona rural como afirma o locutor Soter Teixeira,¹³ o qual chegou a Quirinópolis em 1979 e declara:

¹³ Soter Teixeira é um locutor pioneiro e chegou em 1979 para trabalhar na Emissora Sul Goiana. Entrevista em 23/09/2008, disponível na Unidade Universitária de Quirinópolis-UEG.

Era um relacionamento total, relacionamento de amizade, cordialidade, de prestação de serviço; é verdade que aquelas mensagens para o homem do campo eram pagas, mas naquele tempo não existia o celular, então a única forma de se comunicar rapidamente com o homem do campo era através do rádio.

Assim, a Emissora de rádio em Quirinópolis no final da década de 1970 e, início dos anos 80 desempenha papel de utilidade pública, ao divulgar a cidade nos municípios vizinhos e estado. Essa dimensão informativa é ressaltada por Soter Teixeira: “Eu me lembro bem que quando nós chegamos aqui, as pessoas não sabiam o nome do prefeito, do presidente, da câmara, dos demais vereadores, das principais ruas da cidade e nós trabalhamos isso” (Entrevista em 23/09/2008).

Assim, como no contexto nacional e regional a rádio em Quirinópolis sofreu mudanças e procurou adequar-se à realidade, mas permanece especialmente no campo com entretenimento, informações e notícias, seja por meio das emissoras AM como a Emissora Sul Goiana e rádio Alvorada ou FM, representadas pelas Rádios Líder FM 87,9 e Canadá.

Nesse ambiente de acesso restrito as informações no cotidiano é relevante enfatizar a importância de contar causos como prática social para a comunidade local. Nessa discussão Bosi (1994) afirma que a memória consiste de fragmentos que surgem por meio de recordações de pessoas simples como os idosos e favorecem o ressignificar da história e da vida e, então, fatos do cotidiano apoiados nas sensibilidades permitem desvelar elementos da cultura popular.

Nessa perspectiva de ênfase ao homem do campo que apropria e recria elementos culturais Leonardi (1996) salienta que o sertão foi palco de conflitos interétnicos, mas também foi o local no qual nasceu grande parte da cultura brasileira. É oportuno esclarecer que o termo “sertão” ora empregado pelo autor não tem conotação de atraso. Nesse sentido não se restringe às instituições culturais em suas múltiplas e diversas expressões regionais e locais, mas sim à cultura reproduzida no seio familiar e nas relações de amizade no sertão que tem como prática hábitos de generosidade e hospitalidade no interior do Brasil. “O homem do sertão conserva alguns bons hábitos que já se perderam nas cidades. O isolamento fez com que perdurassem tradições e costumes antigos em algumas áreas sertanejas, entre eles o tratamento respeitoso entre as pessoas (...) e a fidelidade a palavra dada, do compromisso assumido” (LEONARDI, 1996, p.307).

Nas palavras do referido autor o sertão de pessoas de fala mansa e poucas palavras foi local da gestação de inúmeras lendas e mitos repassados às novas gerações e atinge também as emoções coletivas das pessoas nas cidades. Essas formas culturais criadas nas zonas rurais e, de forma mais específica no interior do Centro-Oeste, consideradas expressões não-eruditas da arte e literatura constituem-se em autênticas manifestações de cultura brasileira. “O hábito de contar histórias à noite ‘causos’ – era generalizado no sertão brasileiro (...)” (LEONARDI, 1996, p.308).

Nas palavras do referido autor a cultura criada na zona rural no sertão de Goiás ainda precisa ser incorporada à reflexão historiográfica sobre o Brasil, fato que propiciará a revalorização de expressão nacional nas suas múltiplas manifestações regionais e locais. Nesse sentido a pesquisa a respeito da permanência dos causos torna-se imprescindível ao contribuir para preencher lacunas na História local, bem como fornecer novos elementos à cultura regional e mesmo nacional, a partir da vivência do homem do sertão.

E nesse contexto é interessante descrever o ambiente particular do início do século XX no município de Quirinópolis, época em que o homem do campo deslocava-se até a cidade a cavalo ou em carros de boi para suprir necessidades básicas como o sal e ferramentas, indispensáveis à vida no campo. Os campesinos contavam com uma economia praticamente autossuficiente e tinham grande apreço pela vizinhança com a qual sociabilizavam as necessidades e soluções para os problemas que eram comuns aos membros da comunidade local como, por exemplo, a falta de dinheiro, artigo raro. “O dinheiro era fruta rara. Eram poucos ‘os Joaquins e Josés’ que conduziam alguns mil-réis no bolso. De 1918 para cá, foi que sofreram sensível modificação os aspectos financeiros daquela região” (CORREA, 1957, p.6).

É relevante esclarecer que o termo *causo* é usado uma vez que, na comunidade local a expressão *conto*, de âmbito literário é desconhecida dos idosos, pessoas que fornecem a matéria-prima à pesquisa. A importância desses relatos nas manifestações da cultura popular é confirmada por Pessoa (2005, p.52) quando afirma que “(...) é a transmissão oral dos saberes e costumes, através dos ensinamentos diretos dos pais, mas que ganhou uma forma concreta na figura dos velhos contadores de causos (...) em volta do aterra das fomalhas ou do fogo das mariquinhas”.

Assim, os contos disseminaram-se no meio social com algumas ou muitas modificações e são reinventados na literatura oral pela comunidade, enquanto uma manifestação do caráter popular. No Brasil Cascudo (2006) identifica aspectos bastante variados e para melhor apresentar as várias faces do nosso conto propõe uma interessante classificação em contos de encantamento, religiosos, etiológico, demônio logrado, adivinhação, natureza denunciante, acumulativos e ciclo da morte e Facécias.

Os causos repassados aos mais jovens na zona rural nas primeiras décadas do século XX apresentam material rico e dinâmico com finalidade social, sendo este o desafio a ser desvendado durante a pesquisa a partir da análise dos contos relatados pelos idosos da comunidade; é preciso recorrer às sensibilidades que conseguem captar no ato de rememorar sensações que reproduzem a experiência do vivido, pois a questão implícita é como os causos encontram-se inseridos nas práticas cotidianas e sua influência na maneira de pensar, sentir e agir no presente até as primeiras décadas do século XX. É necessário compreender o poder que eles tinham de significar a vida das pessoas e de criar espaços e laços de sociabilidade.

1.3 Cenário familiar: espaços de memória

O estudo acerca da família é recorrente na historiografia como demonstram várias pesquisas e segundo Áries (1981) de forma mais específica a partir do século XV, momento em que a criança passa a integrar o grupo familiar. É nesta etapa que as fontes iconográficas ainda registravam as cenas de crianças em espaços públicos como as igrejas ou mesmo cenas quotidianas ao ar livre. Nos séculos XVI e XVII os retratos tornam-se recorrentes, sendo a família reunida numa cena comum que se libertou da função religiosa, mesmo que persista a imagem de um devoto pendurado na parede de fundo do quadro.

Segundo Áries (1981) a partir da análise iconográfica é possível reconhecer que o sentimento da família moderna nasce nos séculos XV e XVI para manifestar-se com vigor no século XVII. Desta forma ela é uma consequência da evolução que teve início no final da Idade Média a partir do enfraquecimento das linhagens e as tendências á indivisão social. Assim, o seu desenvolvimento implica na valorização

progressiva da situação da mulher no lar, o que traduz em mudança de hábitos e condições sociais.

O crescimento do sentimento familiar pode ser percebido nos cultos dos santos padroeiros que se tornou um culto de família, bem como nos registros iconográficos ligados à nova maneira de pintar um casamento ou mesmo o batismo que se manifesta em cenas de reuniões tradicionais em casa regadas a comes e bebes nas residências após a consagração do sacramento.

Os estudos iconográficos nos trazem a evolução do sentimento de família moderna, mas não a família, já que segundo Áries (1981), a família subsistia no silêncio, mesmo no período medieval, mas só passa a inspirar artistas e poetas nos séculos XVI e XVII, por meio de cenas que retratam a família conjugal formada por pais e filhos. Assim, a família de elite adota uma nova atitude em relação à criança graças a concepção de educação ligada à aprendizagem de uma profissão que a afastava do lar e do convívio com os pais relegando os filhos aos cuidados de outras famílias. “A família era uma realidade moral e social, mais do que sentimental” (ARIÉS, 1981, p.158.)

A mudança de atitude dos pais implicou em transformações nos sentimentos da família no momento em que estes assumem o papel da educação, profissão e futuro infantil, assim a criança passa a ter prioridade no cotidiano. Segundo Áries (1981) essa atitude esteve ligada à necessidade de um maior rigor moral por parte dos educadores tendo em visto isolar a juventude do mundo dos adultos, além da preocupação dos pais de vigiar seus filhos. Nesse sentido o retorno dos filhos ao lar reforça o sentimento familiar e favorece o esboço da família moderna que a princípio limitou-se aos grupos mais abastados da sociedade.

A definição do espaço privado no século XVIII permite manter a sociedade distante do convívio específico da família, no qual a própria organização das casas favorece o isolamento, discrição e intimidade familiar que restringe a presença dos pais e crianças. Os estudos de Áries (1981) a partir do viés iconográfico identificam ainda no início do século XIX traços do período medieval, época em que as crianças ainda permanecem afastadas do convívio familiar ao mesmo tempo em que as crianças (então reconhecem ver) a união por meio dos sentimentos, o costume e gênero de vida e convivem com a mudança de função e natureza familiar que perde o status de instituição forte, assim permitindo que os indivíduos tenham uma vida

privada autônoma. “Os muros da vida privada em princípio cercam o universo doméstico, o universo da família e do lar” (PROST & VINCENT, 1992, p.61).

Segundo Prost (1992) na França do século XX a vida privada passou por grandes transformações ligadas ao espaço familiar, com destaque para as diferenças entre os lares burgueses e populares distintos até o começo dos anos 50, bem como as mudanças qualitativas que implicam em uma nova configuração do espaço doméstico e no desdobramento da privacidade, assim permitindo a presença do indivíduo e interferência nas relações de poder no lar.

(...) do ponto de vista demográfico e estatístico, mudanças e permanências vêm marcando a estrutura familiar brasileira nas últimas décadas. O caráter nuclear da família, isto é, o casal com ou sem filhos, continua predominante, mas o “tamanho” da família diminuiu, e cresceu o número de uniões conjugais sem vínculos legais e de arranjos monoparentais... (BERQUÓ, 1998, p.414).

No Brasil a instituição familiar está circunscrita às uniões matrimoniais e segundo Berquó (1998) sofreu variações ao longo do tempo, fato que dificulta comparações por longos períodos e relata que durante o Império esteve ligado ao vínculo religioso sob a égide da Igreja Católica. A partir de 1870, criou-se a organização do registro civil pelo Estado e na República instituiu-se o casamento com validade jurídica e civil. Nas palavras do referido autor os dados censitários tornam possível realizar um balanço dos arranjos familiares existentes no Brasil.

O estudo das transformações nos arranjos familiares no século XIX, de forma mais específica no censo de 1950, revela que nas décadas de 50 e 60 ocorreu a sistematização dos estudos demográficos e identificou-se um crescimento de forma particular entre os membros das camadas mais pobres da população. A pesquisa realizada por Samara (1997) verificou que a partir da década de 60 o papel atribuído às mulheres também foi revisto não só sob o prisma exclusão, mas também de interação à sociedade e aos núcleos domésticos, momento inicial de ruptura com a imagem convencional de “submissão” feminina vigente até então no Brasil.

Assim, a produção historiográfica a respeito da família no Brasil prima pelo debate em torno das bases patriarcais da sociedade, além de entender as relações sociais e raciais e trazem à tona outras questões que refletem novas possibilidades acerca da pesquisa que envolve a estrutura familiar no Brasil. Na visão de Samara

(1997, p.09) “com objetos e preocupações definidos, o conjunto das análises na década de 70, focalizou os aspectos referentes à estrutura da família, à nupcialidade e a fecundidade e ao equilíbrio dos sexos recuperados a partir de uma gama variada de documentos manuscritos e impressos”.

A mudança nos rumos da pesquisa a respeito da família revelou a impossibilidade de conceber uma única e genérica concepção de família aplicável ao longo do tempo e aos vários segmentos sociais, além de reconhecer a existência de outros tipos de relações entre os sexos e a distância entre as normas e práticas sociais. O estudo destaca os arranjos familiares alternativos, além de apresentar diferenças, ao longo do tempo, regionais, de raça e de classe na formulação do conceito sobre família brasileira.

O início desse processo de revisão dos grandes mitos e arquétipos sobre a sociedade brasileira, ocorrido nos anos 70, deu base para que os estudos realizados na década de 80 se caracterizassem por uma maior pluralidade (...), sobretudo, do papel dos sexos, do casamento, do concubinato, da sexualidade, das famílias, dos segmentos expropriados e do processo de transmissão de fortunas (SAMARA, 1997, p.10).

A organização da estrutura familiar segundo pesquisas recentes do final do século XX reforçam as diversidades e especificidades inerentes às concepções familiares em diferentes regiões e mesmo de uma classe para outra numa mesma sociedade, sendo imprescindíveis novas pesquisas que contemplem os aspectos da diversidade de experiências dos grupos sociais, etnias e gênero em diferentes regiões do país, respeitando a presença das novas forças culturais que influenciam as mudanças e permanências na estrutura familiar contemporânea.

Em Goiás, a estudiosa Nunes (2001) afirma que os estudos historiográficos a respeito do modelo familiar ou modelos familiares teve início com a pesquisa realizados por Tristão, o qual identifica diferentes formas familiares em Goiás com a existência de famílias de mineradores, proprietários de terra, trabalhadores rurais e tropeiros. Tais formas representam perfis diferentes da família nordestina que apresenta características comuns a família patriarcal. Em Goiás a organização familiar baseava-se em interesses políticos e econômicos regionais e segundo Nunes (2001, p.68) “confinada no interior de Goiás, sem ter um produto agrícola

para exportação, limitou-se ao isolamento da economia de mercado. Tal condição impôs algumas características particulares nas famílias goianas no século XIX, assentadas na tradição e no poder dos conchaves políticos locais”.

Nessa perspectiva, um trabalho relevante na historiografia goiana e que aborda a relação entre famílias de elite e a política goiana é a pesquisa de Ribeiro (1996) o qual defendeu a longevidade política dos Caiado na história de Goiás, especialmente até 1930, fase que prevalece às alianças matrimoniais entre famílias importantes da região, bem como a articulação do poder com chefes políticos locais, realidade reforçada pela idéia de “vocação” política. Esses fatores em conjunto garantem a permanência política com o respaldo da sociedade que, por meio do voto, como a permanência política dos Caiados em Goiás.

Nesse contexto, outro aspecto relevante é o fato dos grupos políticos locais estarem em geral vinculados à manuten o de propriedades rurais, fato comum também em Quirinópolis, como os políticos locais na primeira fase do século XIX. Dedicavam-se a diversas formas de trabalho rural para manterem o patrim nio, desde a chegada dos pioneiros como afirmam Sagim e Sagim Junior (2000, p.17) ao relatarem a ocupa o do município de Quirinópolis: “A família de Jose Ferreira de Oliveira e sua esposa Maria Jacinta de Oliveira, juntamente com seus escravos, tomaram posse de uma grande área junto a serra do Rio Preto”. Nota-se que as grandes propriedades com o auxílio da mão-de-obra escrava desenvolviam a agricultura de subsistência e a pecuária extensiva.

Nos estudos a respeito da família ocorre uma subordina o do casamento aos interesses políticos até o final do século XIX nas classes mais abastadas. Tal iniciativa garantia a preserva o do status e do poder econômico, resguardados da pluralidade étnica e social. Fato reforçado na pesquisa de Ribeiro que relata casamentos na família Caiado tendo em vista consolidar o núcleo dirigente da política estadual e seus representantes nacionais. “As mulheres não poderiam assumir cargos dirigentes na administra o e não se candidatavam. Portanto como elo de alianças políticas estratégicas   que contribuíam para a permanência política” (RIBEIRO, 1996, p.298).

É importante ressaltar que em Quirinópolis nas primeiras décadas do século XX os matrimônios entre as famílias de posse eram realizados levando em considera o os interesses políticos e econ micos, mas isso não significa que os casamentos não tivessem motiva es amorosas nesse período. Os enlaces

matrimoniais dependiam da ação das famílias que julgavam qual o melhor pretendente, muitas vezes escolhidos na própria família, sendo comuns relatos de casamentos entre parentes próximos, como primos, com as bênçãos das famílias. “O fortalecimento de grupos de parentesco e a preservação da herança não exigia o amor romântico como requisito” (RIBEIRO, 1998, p.314).

No município de Quirinópolis eram comuns famílias numerosas, nas quais a quantidade de filhos muitas vezes ultrapassava o número de dez, doze e até mais filhos. Na concepção destas famílias a quantidade de filhos era visto como uma garantia de braços para serem aproveitados na lida do campo, tanto de meninos quanto meninas. Nas conversas informais durante as reuniões familiares os idosos como avós e parentes mais velhos relatam que na infância começaram muito cedo a trabalhar e ter grandes responsabilidades tanto na lida da roça ou mesmo nos afazeres domésticos, a partir dos três ou quatro anos de idade, sendo comuns os acidentes de trabalho e uma vida praticamente sem os prazeres da infância.

No que se refere à situação da criança em Goiás é relevante mencionar o estudo de Valdez (2002) que busca compreender como elas viviam e eram criadas, marcadas pela condição moral. Assim, as crianças eram divididas, podendo ser legítimas ou ilegítimas, dentro de um contexto social no qual os filhos ilegítimos, fruto de relações extra-conjugais, superavam os legítimos reconhecidos pelo Igreja Católica. Essa realidade da constituição de prole fora dos padrões morais, já era prática comum no Brasil desde o período colonial e “era a comunidade quem julgava o que era admissível, tolerável ou mesmo suportável quanto às relações sexuais e conjugais, independente de critérios religiosos, morais e legais” (DEL PRIORE, 1994, p.72).

Em Quirinópolis, os filhos ilegítimos também existiam e para amenizar a situação era comum o segredo familiar e os pais serem convidados para serem padrinhos do “fruto do pecado”. Mas é a vida das crianças marcada pelo trabalho árduo no campo, cheio de responsabilidades com os pais e irmãos mais novos, que permeia as lembranças da comunidade. As famílias com grande prole também desfrutavam da ternura e sociabilidade no refúgio do lar como relata Urzedo (2009, p.41)

Não me esqueço nos dias chuvosos e frios ,quando toda criança ficava dentro de casa,mamãe organiza-se, senão ia à loucura. Fazia seus bolinhos fritos, arreventava pipoca, fazia bolo de mandioca. Nós comíamos ouvindo histórias felizes ou aquelas da mula sem cabeça ou do homem do saco que carregava as crianças desobedientes, das brincadeiras debaixo de chuvas ou das corridas nas enxurradas...

Nesse contexto familiar os momentos de sociabilidade e transmissão de valores como os causos era uma prática diária que permitia a interação entre os membros da família e um ressignificar da vivência do homem do campo, sendo as pessoas mais velhas o meio de divulgação de valores, sentimentos e idéias da comunidade local. “Capturar as razões e os sentimentos que qualificam a realidade, que expressam os sentidos que os homens, em cada momento da História foram capazes de dar a si próprios e ao mundo...” (PESAVENTO & LANGUE, 2007, p.10).

Assim, a família quirinopolitana seguiu em linhas gerais o perfil das famílias em Goiás dentro do contexto social que envolve as mudanças e permanências na sociedade no decorrer do século XX, sobretudo, a partir da década de 70, momento em que as mudanças socioeconômicas e a intensificação do processo de urbanização contribuem para estabelecer novos padrões de comportamento, atitude e um rearranjo nas relações sociais que se apresentam de forma dinâmica no âmbito social.

Nesse primeiro momento buscou-se abordar fragmentos de memória em Quirinópolis fornecendo elementos relevantes tanto no aspecto político, econômico quanto sócio-cultural. Esse exercício de historicizar tem como propósito reconhecer as peculiaridades do cenário social onde são repassados os causos envolvendo o contexto histórico, as relações campo-cidade e, de forma especial, as famílias que exercem o papel de guardiãs desses espaços de memória; estes constituem fonte legítima de uma possibilidade de narrativa histórica e favorecem a possibilidade de construção de um saber de domínio coletivo.

No segundo momento é relevante estabelecer a relação História-Literatura e nessa perspectiva conceituar o termo conto, objeto de estudo da pesquisa, além de abordar a questão da tradição e cultura popular tendo em vista desvendar a dimensão social dos causos. E nesse sentido, reconhecer os contos mais divulgados por meio das entrevistas e classificá-los em consonância com o referencial teórico e,

em última instância, divulgá-los no meio social que os reproduziu no período de 1940-1970 em Quirinópolis.

2 AS MARCAS HISTÓRICAS NO TEXTO LITERÁRIO

Na contemporaneidade a relação entre História e Literatura apresenta-se como um dos desafios da historiografia e de forma mais específica, da Nova História Cultural que prioriza as práticas culturais a partir das inter-relações presentes no cotidiano, reconhecendo as múltiplas linguagens que permitem o acesso ao já vivido no âmbito social. Esse movimento historiográfico voltado às questões sociais tem permitido superar obstáculos que impedem a aproximação entre a História e Literatura, bem como ficção e realidade permitindo conceber outras versões para os fatos já experienciados na sociedade, uma vez que não só a Literatura é marcada pela expressão da sensibilidade, fato também circunscrito à História.

A relação entre História e Literatura percorreu um longo caminho de avanços e recuos registrados na historiografia. O século XVIII, com o advento do pensamento iluminista, inaugurou a racionalização da história, e a literatura passou a ser fonte utilizada pelo historiador na recomposição do passado, da mesma forma que no século XIX fez-se uso da narrativa tendo em vista discutir o passado da humanidade. No entanto, a partir do século XX, na fase dos Annales recorre-se às “ciências auxiliares” e, assim, o uso da literatura como fonte adquiriu um novo sentido, o que implica diretamente em novas possibilidades de pesquisa.

D'onofrio (2002) ao discutir a respeito da função da literatura afirma que o homem apresenta várias atitudes frente à realidade que o cerca e podem ser de ordem prática, científica estética, dentre outras. Por ser a criação autônoma em relação a outras atividades humanas e não ter um conteúdo definido não renega outras funções sociais, mas as engloba. Nessa assertiva D'onofrio (2002, p.21) afirma que “(...) ela pode exercer função comunicativa, cognitiva, política, (...). A polifuncionalidade da arte contrasta com a tendência à unilateralidade e à especificidade das outras atividades do homem...”. Afirmação que reforça a importância da Literatura dentre as atividades humanas.

2.1 O entre diálogo História e Literatura.

A proposta implícita na pesquisa é discutir o diálogo da História com a literatura, tendência desenvolvida no Brasil a partir da década de 90 e que na atualidade tem se revelado uma das temáticas mais promissoras em termos de pesquisa e publicações de trabalho, uma vez que as pessoas se expressam por meio de linguagens como a oralidade, a escrita, a imagem e a música. Os Estudos Culturais que se destacaram a partir das décadas de 70 e 80 defendem a necessidade de estabelecer uma estreita ligação entre História e Literatura, condição imprescindível para compreender as relações sociais construídas.

A literatura existe há milênios, no entanto, sua natureza e funções continuam sendo objeto de discussão, haja vista que o homem como ser histórico tem anseios, necessidades e valores que se modificam constantemente. A literatura reflete um modo de ver a vida e estar no mundo, assim, ao longo da história, foi concebida de diferentes maneiras. É considerada a arte que utiliza a palavra como matéria-prima de suas criações.

A função da obra literária depende dos objetivos e intenções do autor. Alguns buscam na literatura apenas um divertimento, outros um instrumento de transformação e aperfeiçoamento. Há aqueles ainda que a concebem enquanto um veículo de análise e crítica em relação à sociedade e à vida. A Literatura prima pelas relações do homem com o mundo e com os seus semelhantes, e, na medida em que essas relações se transformam historicamente, a literatura também se transforma, pois, é sensível às peculiaridades de cada época, aos modos de encarar a vida, problematizar a existência, questionar a realidade e organizar a convivência social. Nessa assertiva, a literatura traz nas suas linhas e entrelinhas as marcas do momento histórico em que foi criada.

Nos Estudos Culturais, como afirma uma de suas maiores expoentes no âmbito nacional, Sandra Jatahy Pesavento (2003) a nova proposta está ligada a um conjunto de significados partilhados e construídos pelo homem que nos remete a uma “personagem” imprescindível na busca da afirmação dos Estudos Culturais, “o historiador”, uma vez que ele é o mediador em busca de “possíveis versões”. Estas permitem reconhecer a verossimilhança na escrita da história e reportar-se sempre à combinação de elementos como descrição densa, aliada a uma explicação

complexa e evocação subjetiva (sentido), uma vez que o historiador reconfigura o tempo, dando sentido ao mundo.

Na concepção de Pesavento (2003) Literatura e História são narrativas que têm o real como referente para confirmá-lo ou negá-lo, construindo sobre ele uma outra versão. Nesse processo de pesquisa cabe ao historiador desempenhar tarefas narrativas, uma vez que reúne os dados, seleciona, estabelece conexões e cruzamento entre os mesmos, elabora a trama apresenta possíveis soluções para acontecimentos, valendo-se das estratégias de retórica para convencer o leitor, tendo em vista oferecer uma versão mais aproximada do real acontecido. É relevante esclarecer que o historiador não cria fatos, no máximo, os revela e os faz sair da invisibilidade.

Ao considerar a operação historiográfica um questionamento vem à tona _ o que produz o historiador ao fazer história? Michel de Certeau (1982, p.65) afirma que cabe ao historiador fazer a ligação entre as idéias e aos lugares embasados em métodos pertinentes, uma vez que "... em história como em qualquer outra coisa, uma prática sem teoria desemboca necessariamente (...), no dogmatismo de 'valores eternos' ou na apologia de um intemporal". Assim, a escrita da história constrói-se em função de uma instituição, mas obedece a regras próprias que necessitam ser examinadas por elas mesmas em busca da "cientificidade" que permite combinar um lugar social de práticas científicas" e de escrita do texto (CERTEAU, 1982, p.66).

Chartier (1990) enfoca em seus estudos a significação social dos textos, que leva nos a questionar o papel da circulação e apropriação dos textos, uma vez que enfatiza na história da leitura a distância entre o sentido atribuído pelo autor e por seus leitores. Para ele uma mesma obra tem inúmeras possibilidades de interpretação, dependendo, entre outras coisas, do suporte, da época e mesmo da comunidade que faz a leitura, ou seja, está ligada à subjetividade do autor. "A relatividade histórica compõe, assim, um quadro onde, sobre o fundo de uma totalidade da história, se destaca uma multiplicidade de filosofias individuais, as dos pensadores que se vestem de historiadores" (CERTEAU, 1982, p.67).

Nesse ínterim, o historiador deve ser um observador em sua atuação enquanto pesquisador, uma vez que os documentos trazem em si o "não dito" a se desvelado nas práticas sociais, haja vista que cada sociedade tem suas especificidades na construção de sua historicidade. Na opinião de Chartier (1982, p.79) "o historiador

participa do trabalho que transforma a natureza em ambiente e, assim, modifica a natureza do homem. Suas técnicas o situam, precisamente, nesta articulação”.

Assim, para os historiadores é um desafio propor a reconstituição de testemunhos e histórias de vida, uma vez que a história em sua realização baseia-se na inter-relação de fatos sujeitos a movimentos dialéticos que podem transformar as condições de vida do ser humano ou garantir permanências verificadas no meio social. A preocupação com a questão da narrativa histórica é abordada por Certeau ao afirmar (1994, p.152) “a narrativização das práticas seria uma ‘maneira de fazer’ textual, com seus procedimentos e táticas próprias”.

Na visão do estudioso Certeau (1994) o conto popular fornece ao discurso científico um modelo e não se restringe a objetos textuais, assim, conduzindo à produção do conhecimento histórico; por meio das narrativas permitem aflorar tais contos na memória as dimensões de um tempo individual e do tempo coletivo, exteriorizado na manifestação de lembranças e recordações que constituem o substrato de rememorar, na prática cotidiana. “A multiplicidade das práticas e dos gestos técnicos configura a vida cotidiana e a riqueza do tecido social depende dela” (CERTEAU, 1996, p.285).

O entrecruzamento entre Literatura e História possibilita compreender a dimensão social atribuída aos causos em Quirinópolis de 1940-1970, a partir do enfoque cultural. Nesse contexto a História apropria-se de “ferramentas” até então consideradas de domínio literário para encontrar, por meio das sensibilidades, presentes no ato de rememorar, uma versão possível da História. Nessa perspectiva, cabe ao ser humano por meio das lembranças do presente buscar fragmentos do passado que afloram por meio da fala; tais fragmentos ao serem transcritos transformam-se em documentos a serem analisados á luz da História e da Literatura produzidos socialmente pela comunidade de Quirinópolis.

Bosi (1994) enfatiza a importância da narrativa, na qual as histórias contadas, como por exemplo, os causos inscrevem-se dentro de sua própria história. Enfatiza ainda que a narrativa “(...) não visa a transmitir o ‘em si’ do acontecido, ela o tece até atingir uma forma boa. Investe sobre o objeto e o transforma”. (BOSI, 1994, p.88). Assim, a memória dos velhos torna-se mediadora entre a geração atual e os testemunhos do passado que transmitem valores fundamentais da cultura.

Benedito Nunes (1998) ao discutir a temática envolvendo a narrativa histórica e ficcional também defende a importância da narrativa histórica, uma vez que ela traz

em si a experiência humana de um tempo em uma determinada comunidade a ser desvendada. Nesse sentido NUNES (1988, p.13) afirma que “(...) narrar é contar uma história, é desenrolar a experiência humana do tempo. (...) A narrativa histórica desenrola-o por força das mimeses, em que implica a elaboração do tempo histórico, ligando o tempo natural ao cronológico”.

Interessante registrar também é a visão de White que propõe “romper” com as fronteiras entre a História e a Literatura de forma mais específica na obra *Enredo e Verdade, na escrita da história* (2001), que enfatiza a problemática da narrativa histórica. Nas palavras do autor a narrativa pode configurar-se de diferentes maneiras, uma vez que está ligada ao posicionamento do autor, já que, este se impõe entre a coisa a ser representada e a sua representação. A presença do autor deixa sua marca, pois é ele quem constrói o discurso e isso significa que existe uma gama de possibilidades de figuração e que nenhuma delas pode ser excluída.

É isso que me leva a pensar que as narrativas históricas são não apenas modelos passados, mas também afirmações metafóricas que sugerem uma relação de similitude entre esses acontecimentos e processos e os tipos de história que convencionalmente utilizamos para conferir aos acontecimentos de nossas vidas significados culturalmente sancionados. Vista de um modo puramente formal, uma narrativa histórica é não só uma *reprodução* dos acontecimentos nela relatados, mas também um *complexo de símbolos* que nos fornece direções para encontrar um *ícone* da estrutura desses acontecimentos em nossa tradição literária (WHITE, 2001, p.105).

Essa ênfase na Teoria Literária dada por White reside no argumento de que a história não é apenas um objeto que se pode estudar e nem o estudo sobre este objeto, mas antes de tudo é uma relação com o passado estabelecida a partir de um tipo de discurso escrito. Portanto, é errôneo considerar que algo é histórico simplesmente pelo fato de pertencer a um passado, pois as coisas tornam-se históricas à medida que são representadas como um tipo de escrita histórica.

Nas palavras de White (2001), as entidades se tornam históricas não significa dizer que as pessoas, as coisas e os processos do passado jamais existiram, mas que as informações ao serem transformadas em discurso histórico evidenciam o conhecimento sobre o passado que passa a ser histórico. Em consonância com a posição de White no que se refere ao estudo historiográfico Pesavento & Langué (2007, p.19) afirmam que “(...) é necessário que a narrativa se fundamente no que

se chama de marcas da historicidade, ou as fontes ou registros de algo que aconteceu um dia e que, organizados e interpretados, darão prova e legitimidade ao discurso historiográfico”.

O autor Salvatore D'onofrio em sua obra *Teoria do texto* (2002) também comunga com os historiadores favoráveis à aproximação entre a Literatura e História e defende que a Literatura é fruto da imaginação, haja vista que o caráter ficcional é condição indispensável à obra literária, uma vez que se o fato narrado pudesse ser documentado pertenceria ao âmbito da História, crônica ou biografia. No entanto, mesmo reconhecendo as especificidades do campo literário D'onofrio (2002, p.19) afirma que “essa realidade nova, criada pela ficção poética, não deixa de ter, porém, uma relação significativa com o real objetivo. Ninguém pode criar a partir de nada: (...), quer se conceba a arte como imitação do mundo real, quer imitação de um mundo ideal ou imaginário”.

Nesse sentido a obra de arte não é verdadeira, mas possui a equivalência da verdade por meio da verossimilhança, a qual permite superar a antítese do ser e do não ser, do real e do imaginário, tese que é confirmada por D'onofrio (2002, p.23) quando endossa que “a verdade da arte não é a verdade da vida, pois o poeta tem uma percepção sui generis da existência: colocando-se acima das convenções sociais, o conhecimento do ser-em-si, oculto pela reificação do mundo”.

No estudo que envolve áreas do conhecimento consideradas afins como na História Cultural o debate envolve vários pesquisadores que apresentam argumentos favoráveis a essa aproximação entre ficção e literatura como White (2001) na obra *Trópicos do Discurso* afirma que a história não tem supremacia sobre o objeto, assim os relatos do mundo histórico são sempre a escrita como parte de uma disputa entre figurações poéticas conflitantes. Nesse sentido, o que diferencia História e Literatura é a forma de significar os fatos.

Nas palavras de Lima-Hernandes e Fromm (2003) o uso da Literatura como fonte histórica é legítimo, haja vista que a obra literária conta com elementos fictícios e, em função dessa realidade, os historiadores usam de cautela na abordagem de uma narrativa. “No fundo, toda fonte, seja literária ou não, representa tão somente a opinião daquele que narra os fatos (...). Nada que é humano está isento de emoção e de uma perspectiva particular de observação do mundo (LIMA-HERNANDES, FROMM, 2003, p.28). Assim, tanto a Literatura quanto a história refletem uma

realidade expressa por meio de uma narrativa verossímil construída conforme o condicionamento da sociedade.

Nesse contexto a Literatura admite e valoriza o caráter fictício e reivindica o poder do imaginário estabelecido na relação passado e presente, enquanto a História nega a ficção de suas narrativas e assume uma postura científica e que, em última, instância visa legitimar o saber como verídico ao invés de simplesmente restringir a busca do verossímil. Nessa discussão Lima -Hernandes e Fromm (2003, p.36) afirmam que “(...) a mescla do rigor do método com o teor literário da narrativa, também não pode ser deixado de lado”.

Desta forma, a antiga distinção entre ficção e história deve ser substituída pelo reconhecimento de que para conhecer o real é indispensável compará-lo ao imaginável e isso implica conceber a narrativa não como o registro do acontecido, mas como uma redescrição dos fatos. Nas palavras de White (2001, p.116) “trazendo a historiografia para mais perto das suas origens na sensibilidade literária, deveríamos ser capazes de identificar o elemento ideológico, porque fictício, contido em nosso próprio discurso”.

Segundo Hayden White (2001, p.117) o reconhecimento por parte dos historiadores do elemento ficcional de suas narrativas não implica na desvalorização da historiografia, mas na percepção correta a respeito das coisas, “o que realmente aconteceu”, relatado por meio da narrativa histórica. Comungam da mesma idéia de diferença entre as áreas do conhecimento, Pesavento &Langue (2007, p.17) ao afirmarem que “historiadores constroem versões plausíveis sobre o passado, que operam em termos de verossimilhança com o acontecido, atingindo efeitos de verdade, ou verdades aproximativas”.

Nessa assertiva é relevante mencionar o estudo de Maurice Halbwachs na obra *A Memória Coletiva*, em que o autor enfatiza a existência da memória coletiva, situação em que os fatos têm significado para o grupo social, permitindo assim que o mesmo seja reconhecido e reconstruído no contexto social. Nesse sentido, o relato é o testemunho alcançado por meio da narrativa que pertence aos domínios da história e nas palavras de Halbwachs (2006, p.100) “(...) história é a compilação dos fatos que ocuparam maior lugar na memória dos homens”.

Chartier questiona a aproximação entre História e Literatura quando ambas assumem um discurso fictício, e propõe uma reflexão a respeito da natureza da

História como discurso acerca da realidade e ainda como o historiador exerce seu ofício de historiador e ratifica que:

Se a História produzir um conhecimento que é idêntico aquele gerado pela ficção, nem mais nem menos, como considerar (e porque perpetuar) essas operações tão pesadas de dados e das hipóteses, a construção de uma interpretação? (...) se a realidade dos fatos do saber produzido, a operação historiográfica não seriam tempo e pena pedidos? (Chartier, 1990, p.28).

Na obra *A História Cultural entre práticas e representações* Chartier aborda questões pertinentes referentes aos problemas conceituais como representação, prática e apropriação. Nesse sentido, faz considerações referentes às formas de narrativas do discurso histórico e literário, fundamentais à interpretação dos documentos que o historiador toma como objeto. Nesse sentido, um autor pode ser lido e entendido quando se leva em consideração o contexto no qual o seu trabalho foi produzido, o que possibilita questionar a idéia de fonte como mero instrumento de mediação e testemunho de uma realidade, considerando as representações como realidade de múltiplos sentidos. Assim, as representações podem ser pensadas como “(...) esquemas intelectuais, que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível ao espaço decifrado” (CHARTIER, 1990, p.17).

O Teórico Chartier defende que há algo específico no discurso histórico, e nesse sentido o historiador deve adotar técnicas específicas, uma vez que há uma intenção diferente no fazer história, ou seja, restabelecer a verdade entre o relato e o que é o objeto deste relato. A partir dos conceitos estudados pelo referido autor é possível perceber que ele se preocupa com a forma por meio da qual os indivíduos se apropriam de determinados conceitos, ao mesmo tempo em que, suas pesquisas criam condições para que se estabeleça uma nova postura nos Estudos Culturais diante dos métodos, das fontes e dos temas estudados, assim buscando estabelecer um diálogo promissor da História com a Antropologia, Sociologia, Filosofia e a Teoria Literária.

Questão como a abordada por Chartier (1990) é recorrente na História Cultural que ainda enfrenta alguns pontos polêmicos. Apesar das críticas e divergências no que se refere à proximidade entre História e Literatura os adeptos dos Estudos

Culturais defendem tal aproximação o que implica ter versões diferentes do passado sem anular o caráter científico de sua construção. Sendo assim, é indispensável mesclar o rigor metodológico com o científico uma vez que a nova perspectiva favorece a abordagem de temas até então relegados a um segundo plano pela historiografia, com o propósito de compreender a historicidade social.

Lynn Hunt (1992) destaca o exame minucioso de textos, imagens e ações, e cabe aos historiadores que são adeptos da História Cultural superar os obstáculos vivenciados pela História Cultural, de forma especial no que se refere à diversidade teórica, uma vez que outras ciências como os Estudos Literários, Antropologia e Sociologia estão sendo envolvidos no processo de busca da verossimilhança, assim possibilitando outro olhar e novas possíveis versões para fatos sociais à luz das sensibilidades nos estudos sociais.

Nesse ínterim, a História Cultural caracteriza-se por ampliar os campos temáticos de pesquisa em busca da compreensão das representações individuais e coletivas que os homens constroem sobre o mundo e nessa perspectiva a literatura é uma parceira, mesmo reconhecendo as particularidades que aproximam ou distanciam o campo da narrativa e ficção. Nas palavras de Pesavento (2008) ambas constituem refigurações de um tempo circunscrito à História ou à Literatura, mas respeitando as peculiaridades de cada área do conhecimento.

Na concepção de D'onófrío (2002) a narrativa compreende todo o discurso que apresenta uma história imaginária com se fosse real no qual episódios de vida entrelaçam-se em tempo e espaço determinados. Segundo Urbano (2000) este entrelaçamento contribui para garantir a alteridade da pesquisa tanto no campo literário quanto histórico e novas possibilidades interpretativas considerando o discurso narrativo, tanto na narrativa oral como na narrativa escrita (literária). A narrativa comporta representações de ações de fatos (que constituem a narrativa propriamente dita) e, por outro, representações de objetos e personagens, que constituem o que se denomina hoje descrição.

Assim, tanto a literatura quanto a História mobilizam os homens, já que possuem um público destinatário que se configura na ação do leitor. No entanto, apesar da riqueza propiciada por uma relação ímpar entre História e ficção, segundo Ricouer (1997), é necessário apontar algumas questões indispensáveis como a proposta específica de cada área do conhecimento, uma vez que a História parte do princípio de reconhecer os efeitos da irrealidade no real como forma de construir

uma intriga, tendo como critério o que o referido autor define com “ficção controlada”, possibilitando, por exemplo, a interlocução com outros autores e discussão com outras fontes. Por sua vez a ficção parte do princípio dos efeitos da realidade no irreal, ou seja, apresenta limites, mesmo que ambos estejam ligados pela coerção do verossímil.

Essa afinidade profunda entre o verossímil de pura ficção e as potencialidades não efetuadas do passado histórico talvez explique, por sua vez, por que a libertação da ficção das coerções da história “(...) – não constitui, (...), a última palavra acerca da liberdade da ficção” (RICOEUR, 1997, p.331).

A busca da verossimilhança passa pelo trabalho do historiador; este faz a mediação imaginária que se dá a partir da representância configurada no mundo do leitor; nesse sentido o historiador reconfigura o tempo dando sentido ao mundo e assim, cabe à História reinscrever, de forma imaginária, o tempo da narrativa no tempo do universo. “O entrecruzamento entre história e a ficção na refiguração do tempo se baseia, em última análise, nessa sobreposição recíproca, quando o momento quase histórico da ficção troca de lugar com o momento quase fictício da história” (RICOEUR, 1997, p. 332).

Assim, na atualidade a História recorre a outras disciplinas acadêmicas, dentre elas a Crítica Literária na nova abordagem cultural da história e permite o reconhecimento do papel da linguagem, dos textos e das estruturas narrativas na criação e descrição da realidade histórica. Nesse sentido no que se refere á prática Chartier afirma (1994, p.22) que “a prática da perda da palavra, a escritura só tem sentido fora de si mesma num lugar outro; o de leitor, que produz como a sua própria necessidade indo ela mesma para esta presença que não poderia ganhar”.

Segundo Urbano (2000) o ato de narrar foi uma das primeiras manifestações sociais e uma das primeiras variantes da comunicação oral empregada inicialmente para comunicar necessidades favorecendo o relato de eventos reais e depois fictícios. O ato de narrar, por sua vez, está ligado a capacidade de articular o ato de pensar à fala desenvolvendo argumentos em torno de um saber como, por exemplo, o que cerca as pessoas idosas por meio da sociabilização que muitas vezes sobressaem nas entrevistas.

Nas palavras de Bosi (1994) ser velho é sobreviver em meio à destruição dos suportes materiais da memória na sociedade capitalista, aliada à imposição da história oficial. Ecléia Bosi (1994, p. 35) destaca que “(...) o grupo transmite, retém e

reforça as lembranças, mas o recordar ao trabalhá-las vai paulatinamente individualizando a memória comunitária e, no que lembra e no que como lembra, faz com que fique o que signifique”.

Na concepção de Delgado (2003) as experiências vividas e a História em transformação são conformadas por processos e acontecimentos. A História como manifestação do fazer coletivo incorpora vivências individuais, e duas dimensões específicas: temporal coletiva e temporal individual, as quais em conjunto conformam experiências particulares por meio de uma dinâmica que reconstrói o passado ao tecer sua representação no presente o enredo das tramas vivenciadas no coletivo. É defensor do mesmo pensamento Ferreira (2000, p.111) ao afirmar que “(...) a memória “é construção do passado pautado por emoções e vivências subsequentes e das necessidades do presente”.

Assim, a memória possibilita um ressignificar da história de vida e fatos do cotidiano apoiados nas sensibilidades permitem desvelar elementos da cultura popular. Desta forma, a descoberta e a apropriação da fala resultam num processo de interiorização e transformação do imaginário popular, que se redesenha, em um outro lugar da sociedade. Nas palavras de Ricoeur (1997, p.316) “... é como quase histórica que a ficção confere ao passado essa vivacidade de evocação que faz de um grande livro de história uma obra-prima literária”.

Nessa assertiva os “causos” são relevantes uma vez que no ato de rememorar possibilitam vislumbrar fragmentos de um tempo passado que sobrevive na memória coletiva sendo significativo para a sociedade; cabe, então, ao pesquisador perceber o “não dito”, presente na fala, gestos, manifestados por testemunhos de saudade, tristeza e dores. Nesse contexto a oralidade é intrínseca na relação com o outro e constitui um espaço essencial da comunidade como afirmam Certeau, Giard e Maiyol (1996, p.336):

Numa sociedade não existe comunicação sem oralidade, mesmo quando esta sociedade dá grande espaço à escrita para a memorização da tradição ou para a circulação do saber. O intercâmbio ou comunicação social exige uma correlação de gestos e de corpos, uma presença das vozes e dos acentos, marcado pela inspiração e pelas paixões ressentimentos, pelo viés da sensibilidade.

Ao se considerar a relação entre ficção e História é premissa fundamental a refiguração do tempo por meio de uma sobreposição recíproca. Segundo Ricoeur (2002) o momento quase histórico da ficção troca de lugar com o momento quase fictício da história, e para Freitas (1986, p.22) “a inscrição da atuação histórica no texto literário possibilita a análise pura e simples da realidade em si, mas, sobretudo, para reconhecer a dimensão social da experiência individual”.

Assim, quando nos referimos ao uso da literatura pela história, aludimos ao lugar onde se enuncia o problema. Nesse sentido, a História faz determinadas perguntas, e utiliza a Literatura como fonte para respondê-las. Nessa discussão é preciso ter em mente que os discursos literários e históricos são formas diferentes de dizer do real, considerando o diálogo que prima pelo jogo transdisciplinar e interdiscursivo das formas de conhecimento sobre o mundo, no qual a literatura cumpre, assim, um efeito multiplicador de possibilidades de leitura.

Nas palavras de Cascudo a Literatura que a princípio estava circunscrita aos provérbios, adivinhações, contos dentre outros, ampliou-se, alcançando horizontes maiores. Sua característica é a persistência pela oralidade. Duas fontes contínuas mantêm vivas a corrente, uma exclusivamente oral que se resume na estória, no conto popular e tradicional, além de outras manifestações culturais manifestadas na reimpressão de antigos livrinhos oriundos de países como Portugal e Espanha. Assim, a literatura oral reúne as manifestações da recreação popular e “todos os autos populares (...), resistindo numa figura, num verso, num desenho coreográfico, são os elementos vivos da Literatura Oral” (CASCUDO, 2006, p.22).

Em última instância a literatura é uma fonte para o historiador mais privilegiado porque lhe dará acesso especial ao imaginário e permitirá que enxergue traços e pistas que outras fontes não lhe dariam, no que se refere à vivência no cotidiano. Nas palavras de Lima-Hernandes e Fromm (2003) é importante ressaltar a importância da interdisciplinaridade nos Estudos Culturais, uma vez que é tênue a fronteira entre os documentos e a Literatura, haja vista que as fontes de hoje consideradas indispensáveis já foram relegadas a um segundo plano e mesmo consideradas como fantasiosas no meio historiográfico. Nesse sentido os referidos autores questionam “(...) até que ponto o saber histórico construído por historiadores que selecionam os fatos em meio às fontes, realmente constitui uma narração verídica do passado?” (LIMA-HERNANDES e FROMM, 2003, p.32).

Nessa concepção, o saber histórico é considerado um construto do passado, haja vista que a ação do pesquisador está impregnada por princípios pessoais. Nessa assertiva a probabilidade da veracidade calcada em métodos científicos apresenta uma versão dos fatos que é digna de créditos, mas que representa uma dentre as várias alternativas possíveis para explicar ou narrar o passado. Assim, “os vários relatos do passado, mesmo que contraditórios, não anulam sua cientificidade, uma vez que constituem retratos chapados de uma realidade tridimensional” (LIMA-HERNANDES, FROMM, 2003, p.36).

Baseio (2003) em seus estudos ao abordar a questão da narrativa referida que faz alusão à arte de contar histórias uma necessidade humana desde tempos longínquos; esta arte foi utilizada para contar a vida e a condição humana e favoreceu a preservação da cultura de civilizações que não desenvolveram a escrita. Nesse contexto o homem apresenta-se com um narrador por excelência ao longo da historicidade humana. “Todo narrador é um artesão, um criador dos fios da vida. Ele harmoniza a alma, o olhar, a mão no gosto de narrar. Circundado por uma atmosfera mágica, sua música se faz com palavras, sua partitura é a existência humana e seu instrumento é a voz. Assim se entoam as notas da vida” (BASEIO, 2003, p.68).

Portanto, contar histórias é uma arte que não tem idade e tem em si o prenúncio da liberdade e por ser livre deve voar, mas consciente o narrador deve dispor do fato a ser narrado. Ao ouvinte cabe apoiar-se na sensibilidade em busca de desvelar os segredos implícitos na narrativa, como endossa Baseio (2003, 70) ao afirmar que “(...) as narrativas maravilhosas carregam temas universais, que podem nutrir a alma de nossas crianças (e por que não dos adultos) e possibilitar a construção de laços mais humanos, na medida em que, fazem re-viver (...) sobre a vida e sobre nós mesmos”.

Dentro da concepção literária Freitas (1986) defende que a inscrição da situação histórica no texto literário possibilita a análise sócio-histórica tendo em vista, de forma especial, reconhecer a dimensão social da expressão individual. Para ela, o verossímil é contaminado pelo verídico e o imaginário apresenta-se com um prolongamento e projeção do real. “Os romances se mostram essencialmente híbridos, fusão da História e Literatura...” (FREITAS, 1986, p.06).

Assim, a realidade histórica é transformada em meio à criação de uma realidade alternativa, a da arte, que se rivaliza com ela. Nesse contexto, a presença da memória de pessoas idosas torna-se valorosa á pesquisa e pode contribuir para

revelar por meio de uma manifestação cultural local traços da própria historicidade da cidade, até então pouco estudada e divulgada na comunidade quirinopolitana.

Nessa perspectiva, é que o entrecruzamento da Literatura e História torna-se inestimável, uma vez que busca em última instância compreender o homem e suas relações sociais à luz das sensibilidades e historicidade no tempo presente como tão bem atesta o registro dos “causos” contados entusiasmamente pelas pessoas que viveram e garantem ter presenciado ou pelo menos visto certos “fenômenos sobrenaturais”, como do lobisomem tão famoso e causador de arrepios nos jovens de um tempo que o mundo digital nem sequer era imaginado.

Diante da discussão no que se refere à relação intrínseca entre Literatura e História e a própria importância da narrativa para as respectivas áreas do conhecimento, tendo em vista métodos de análise específicos no manuseio das fontes, é relevante abordar o conceito de conto. Em Quirinópolis os contos são conhecidos como causos tanto na concepção literária como histórica e para melhor compreendê-los serão citados autores que defendem a realização de pesquisas envolvendo Literatura e História, tanto os que atuam no meio literário, como historiadores que reconhecem a importância da fonte literária para compreender a própria historicidade circunscrita à persistência da prática da oralidade e face às mudanças por que passa a sociedade contemporânea.

2.2 O entrecruzar da cultura popular, memória e tradição oral

É relevante a princípio abordar alguns estudos que têm como prioridade compreender os termos cultura e cultura popular, ambos recorrentes na historiografia que enfrenta desafios não só quanto à definição, bem como quanto à compreensão da dimensão da cultura popular. Segundo Michel de Certeau a cultura oscila entre aquilo que “permanece” e aquilo que se inventa e coexistem no meio social. “A cultura é uma noite escura em que dormem as revoluções de há pouco, invisíveis, encerradas nas práticas -, pirilampos e por vezes grandes pássaros noturnos, atravessam-na; aparecimentos e criações que delineiam a chance de outro dia” (CERTEAU, 2003, p.239).

Na obra *a Dialética Da Colonização* Bosi afirma que a dominação é algo inerente às diversas formas de colonização, mas o referido processo não se esgota na reinteração dos esquemas originais, mas ao contrário apresenta-se até certo ponto como um recomeço, um arranque nas culturas seculares. Nessa perspectiva, o autor define cultura como: “o conjunto das práticas e das técnicas, dos símbolos e dos valores que se devem transmitir as novas gerações para garantir a reprodução de um estado de coexistência social” (BOSI, 1992, p.36).

O referido autor defende ainda a permanência de elementos culturais na experiência atual de um grupo é possível graças às mediações simbólicas, fato que justifica, por exemplo, os causos, “histórias”, de origem longínqua trazidos pelo colonizador, a Quirinópolis. Assim, é evidente que as narrativas populares se constituem de apropriações de elementos culturais de outrora, ressignificados no contexto social:

Quem procura entender a condição colonial interpelando os processos simbólicos deve enfrentar a coexistência de uma cultura ao rés-do-chão, nascida e crescida em meio as práticas do migrante e do nativo, e uma outra cultura, que opõe à maquina das rotinas presentes as faces mutantes do passado e do futuro, olhares que se superpõem ou se convertem uns nos outros (BOSI, 1992, p.16).

Nas palavras de Montenegro a cultura constitui uma teia de significados tecidos pelos sujeitos históricos; neste contexto é que os homens elaboram e significam seus modos de vida, pelo viés cultural. Nessa teia manifestam os costumes, valores, regras de conduta, e crenças que têm por finalidade dar sentido à realidade. Cultura popular se caracteriza por “um conjunto disperso de práticas, representações e formas de consciência que possuem lógica própria” (MONTENEGRO, 2007, p.12).

Nessa discussão o termo cultura popular implica diretamente reconhecer práticas cotidianas de vida e de trabalho de homens e mulheres enquanto garantias da própria sobrevivência. Essas resistências das manifestações culturais persistem em função da socialização das mesmas com as novas gerações, as quais recebem ensinamentos não sistematizados comuns no meio social, como, por exemplo, os causos partilhados com os mais jovens especialmente após o fim de um dia de lida

árdua no campo, nas primeiras décadas do século XX, em cidades do interior de Goiás, como Quirinópolis.

É relevante salientar que a cultura popular tem capacidade de transformação, releitura e sobrevivência ante as modificações impostas pela modernidade. Assim, os contos advindos da comunidade permanecem vivos tanto na zona rural quanto urbana e se manifestam por meio da tradição oral. Nas palavras de Candido (2001) a urbanização incorpora valores do campo e ambos os espaços não são autônomos; antes um necessita da existência do outro, ambos se comunicam e se interagem. O que garante a permanência dos contos no meio social.

Nas palavras de Montenegro (2006) a cultura popular é algo presente no meio social e inerente às próprias condições materiais de carência radical das condições mínimas de sobrevivência e apresenta características distintas da cultura oficial. Nessa discussão o referido autor destaca a pesquisa de Marilena Chauí que comunga de suas idéias acerca da cultura popular. A referida autora discorda da concepção de cultura popular como idéia de uma cultura pobre, e afirma ser um equívoco tentar compreender e mesmo explicar a produção material da população pelo viés dos valores instituídos pela cultura oficial.

Segundo Certeau as “táticas populares” podem ser exploradas por um poder dominante ou mesmo negada por um discurso ideológico. Nesse contexto, a ordem é representada pela arte, apoiado em um estilo de invenções técnicas e um estilo de resistência moral. “(...) assim as táticas cotidianas seria praticar uma arte ‘ordinária’, achar-se na situação comum e fazer da escritura uma maneira de fazer ‘sucata’ (CERTEAU, 1994, p.90).

Na perspectiva de análise que leva em consideração as especificidades da cultura popular o Brasil é considerado um espaço propício para a reprodução das condições materiais de grande parcela da sociedade. No entanto, apesar da realidade material ser um elemento constitutivo de determinação social em si não é suficiente para compreender a complexibilidade dessa manifestação popular, uma vez que “um dos elementos que contribui para uma produção simbólica diferenciada estaria na própria relação com a linguagem (MONTENEGRO, 2006 p.14).

Nas palavras de Josep Fontana (2000) falar sobre cultura popular é algo difícil, uma vez que não existem linguagens semelhantes às nossas, e não se reduzem às artes figurativas, à literatura e à música, mas em última instância, remete a um complexo mais rico do que o folclore popular. A cultura popular carregada de

definições e expectativas é baseada na própria tradição que enfrentou em sua evolução as mudanças dos tempos tendo como prioridade o bem estar da coletividade. Nas palavras de Fontana (2000, p.362) “a modernidade acabaria, entretanto, destruindo-a em nome do progresso”.

O historiador Michel de Certeau questiona a origem da cultura popular e apresenta uma hipótese na qual considera que o estudo sobre a cultura popular tem por objeto a sua própria origem. A pesquisa se inscreve na possibilidade de eliminar a ameaça da cultura popular. Nesse sentido, ela apresenta enquanto ficção de uma realidade que precisa ser encontrada e que tem em si o traço da ação política que a organizou e, para o estudioso Certeau (1995, p.69) “a literatura científica faz funcionar como uma representação mítica o gesto que está em seu nascimento”.

Nesse contexto o homem, por suas qualidades biológicas, vence o tempo, porém à proporção que sua cultura evolui sua habilidade orgânica diminui. E, é justamente por isso que culturalmente mostra-se em contínua evolução. Assim, a cultura popular permanece e segundo Bariani Ortencio (2007) porque as pessoas simples dão continuidade às tradições que transmitem sentimentos e visões diferentes do mundo. A afirmação do autor remete às manifestações dos causos que persistem, apesar das mudanças justificadas em parte pela “modernidade”, que alterou a realidade com o início da mecanização, a partir da década de 70 em Quirinópolis.

A relação intrínseca entre cultura e sociedade, bem como sua importância na e para a sobrevivência da sociedade é pontuada por Mello, o qual discute dentro da concepção antropológica a possibilidade ou não dos indivíduos modificarem a cultura, compreendendo um esforço de adaptação do homem à realidade que o cerca:

A cultura não poderia existir sem pessoas a ela relacionadas e transmitindo-a a seus descendentes: sem a sociedade. Mas poderá a sociedade existir sem a cultura? (...) Não haverá forma de comportamento social humano em que os costumes aprendidos e configurados tenham pouca ou nenhuma participação como no comportamento das multidões ou no pânico? (MELLO, 2003, p. 49).

Nas palavras de Mello (2003) à cultura cabe o domínio do meio ambiente, a garantia da sobrevivência e do conforto humanos, bem como a satisfação humana, seja no domínio da estética, inteligência, da biologia ou do sobrenatural, uma vez que o homem necessita adquirir uma série de processos culturais que se manifestam durante a vida, dentre eles, a endoculturação favorecendo o desenvolvimento intelectual, sensitivo e volitivo. Nesse sentido, segundo o referido autor o processo de endoculturação começa na infância e persiste por toda a vida, ou seja, a cultura é transmitida por uma série de processos culturais.

Para Chartier a cultura é resultado de uma construção social manifestada no cotidiano é marcada pelas diversidades e especificidades do meio social. Nas palavras do referido autor, compreender o termo cultura implica analisar as sociedades, a partir de um recorte social comum a todos, uma vez que as sociedades são como um corpus textual que necessita de leitura e interpretação a serem realizadas pelos sujeitos históricos por meio das representações coletivas. Nesse sentido o termo cultura popular vincula-se por um lado a uma tradição oral e por outro postula uma unidade de cultura. “Uns verão nele o tesouro oculto de uma tradição oral, fonte ‘primitiva’ e ‘natural’ que deságua na literatura escrita. Outros postulam uma unidade da cultura, mas prolongada no curso de um movimento que faria da literatura de elite anunciadora das evoluções globais”. (CHARTIER, 1996, p.69).

Assim, cultura, nas palavras de Certeau (2002) se constrói em meio às práticas cotidianas, sejam elas nas cidades ou no campo. Tais manifestações buscam a própria sobrevivência social desvelar elementos da cultura popular. Nesse ínterim, Jadir Pessoa (2005, p.9) salienta que não há um consenso entre antropólogos, sociólogos e historiadores filósofos acerca da definição de cultura popular e destaca ainda “(...) que todas as categorias ou aspectos empregados nas teorias da cultura são importantes, mas nenhum deve ser levado a ferro e fogo”.

Assim, a cultura popular é fruto em parte de uma vivência prática ou mesmo de lembranças recebidas de outras pessoas e, na atualidade, mesmo residindo no meio urbano tem sua compreensão de mundo, baseada nas referências do mundo rural. Assim, a cultura popular pode ser identificada por meio das manifestações orais na comunidade. Nesse sentido, as entrevistas permitem documentar a memória já que as narrativas constituem assim elementos de memória e guardam relação com os

acontecimentos do cotidiano, além daqueles resultantes das próprias condições de vida, trabalho e das diversas formas de associatividades.

A história busca de forma incessante reconhecer o passado; mas este por sua vez é amplo, diversificado em todas suas dimensões, e está sempre condicionado aos interesses do presente. Assim, a construção das representações do passado permite um ressignificar do mesmo à luz dos interesses implicados na construção histórica. Nessa perspectiva reconhecer o passado exige construir conhecimento, tão necessário para a afirmação da condição humana, haja vista que os homens são agentes da História e sujeitos da memória, do esquecimento e do saber, afirma Delgado (2006, p.58) que “a memória é retenção do passado atualizado pelo presente. Articula-se com a vida através da linguagem, que tem na narrativa uma de suas mais ricas expressões”.

Nessa discussão Certeau ao analisar a memória esclarece que ela mediatiza transformações espaciais, e a partir do momento oportuno, produz uma ruptura instauradora. Tal estranheza permite transgredir a própria lei do local e, conseqüentemente, a mudança da ordem local. Nessa assertiva “todas essas variantes poderiam ser apenas ampliadas em projeções simbólicas e narrativas, nas sombras da prática cotidiana que consiste em aproveitar a ocasião e fazer da memória o meio de transformar os lugares” (CERTEAU, 1994, p. 161-2).

Nas palavras de Bosi (1994) é relevante destacar o trabalho da memória que implica em estabelecer um elo entre um fato que já aconteceu e o presente. Nessa perspectiva, cabe aos idosos da comunidade estabelecer a ligação entre momentos históricos diferentes por meio dos fragmentos de memória, pois “(...) o grupo transmite, retém e reforça as lembranças, mas o recordador, ao trabalhá-las, vai paulatinamente individualizando a memória comunitária e, no que lembra e no como lembra, faz com que fique o que signifique” (BOSI, 1994, p.31).

A memória consiste no registro de fragmentos que surgem por meio de recordações de “pessoas simples” como os idosos e favorecem a interpretação da história de vida. Nessa perspectiva fatos do cotidiano apoiados nas sensibilidades permitem desvelar elementos da cultura popular, como, por exemplo, os causos. Nas palavras de Pessoa (2005, p.52) “na cultura popular predomina o ensinamento direto de pai/mãe para filho/filha. A transmissão oral tem recursos interessantes de memorização, (...)”. Portanto, as manifestações culturais ligadas ao ato de

rememorar permitem vislumbrar fragmentos de um tempo passado que sobrevive na memória coletiva e é significativo para a sociedade.

Assim, muitos acontecimentos podem ser incorporados à história e tornarem-se um foco de memória, uma vez que a forma embutida na rememoração dessa história está ligada ao lugar que o entrevistado ocupa; verifica-se, então, que os testemunhos dos idosos são ricos, ao se consolidarem na prática da oralidade. Montenegro (2006, p.240) afirma que “na história oral se descobre um processo de socialização de uma visão de passado, presente e futuro que as camadas populares desenvolvem de forma consciente / inconsciente”. Assim, o autor atesta a importância da oralidade especialmente para as camadas populares como forma de socialização eficiente para transmitir valores culturais como, por exemplo, nas comunidades rurais.

Segundo Halbwachs na busca de evocar ou rememorar os fatos é relevante destacar que não bastam os testemunhos para que a memória se aproveite da memória dos outros, mas é necessário que eles tenham significados e permitam a reconstrução a partir de dados que são comuns e se presentificam enquanto manifestações do coletivo, ou seja, a memória de um grupo. Para Halbwachs (2005, p.51) tais testemunhos “(...) destacam as lembranças dos eventos e das experiências que dizem respeito à maioria de seus membros e resultam de sua própria vida ou de suas relações com os grupos mais próximos, os que estiveram mais frequentemente em contato com eles”.

Segundo Jacques Le Goff na obra *História e Memória* a evolução das sociedades, a partir da segunda metade do século XIX, elucida a importância do papel atribuído à memória coletiva no que se refere à luta pelo poder, vida e sobrevivência no meio social. “São as sociedades cuja memória social, e, sobretudo oral, ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita, aquelas que melhor permitem compreender está luta pela dominação de recordação e da tradição esta manifestação da memória” (LE GOFF, 2003, p.470).

Nessa perspectiva o referido autor convida os profissionais da memória como antropólogos, historiadores, jornalistas e sociólogos a lutarem pela democratização da memória social nas ciências humanas, uma vez que a mesma está diretamente entrelaçada à vida social e, nesse contexto, é a partir da sensibilidade presente na memória que se fundamentam as identidades de um determinado grupo social que diz de si o que vivenciou ou ouviu falar por meio de depoimentos.

Nessa discussão é relevante destacar a contribuição de Ferreira no que se refere à memória que salienta a existência de obstáculos a serem enfrentados como o esquecimento e as omissões nos depoimentos, os quais refletem como se deu a manifestação do fato no cotidiano social. Nas palavras da referida autora “(...) é como se houvesse um diálogo do autor com a condição da memória em si, de sua contraparte, o esquecimento, e até de sua dimensão metadiscursiva, ou seja, a memória nos falar (...) de esquecimento” (FERREIRA, 2003, p.23). Durante as entrevistas muitas vezes as pessoas ao relatarem um caso esquecem parte do mesmo e afirmam não conseguirem mais “puxar” pela memória algo que considerava importante para transmitir aos mais jovens.

Na obra *O tempo vivo da memória* (2003, p.91) a autora Ecléa Bosi ao aprofundar a análise sobre a memória faz referência ao método introspectivo de Bergson, o qual sugere a conservação dos estados psíquicos do período já vivido. Nessa perspectiva a memória teria a função “prática de limitar a indeterminação (do pensamento e da ação) e de levar o sujeito a reproduzir formas de comportamento que já deram certo”. Assim, na análise bergsoniana prioriza-se o entendimento das relações entre a conservação do passado e sua articulação do presente que aproximam percepção e memória.

Assim, a memória consiste em um permanente reconfigurar dos fatos do cotidiano, sendo o esquecimento um parceiro um parceiro muito próximo e presente “No caso das histórias orais (...), vemos que o esquecimento pode ser um álibi”(FERREIRA, 2003 p.95). Tais fugas podem resguardar fatos que o narrador mesmo de forma inconsciente não permite vir à tona por meio da fala. O esquecimento presente no espaço narrativo como do conto pode ser de natureza profunda e consiste na incapacidade de lembrar, ou simplesmente pequenos deslizes no qual se omitem fatos ou passagens durante a narrativa.

Nessa concepção, a manifestação de elementos da cultura, a oralidade é intrínseca na relação com o outro e constitui um espaço essencial da comunidade que tem como instrumento essa forma de comunicação que permite a transmissão do saber como afirmam Certeau, Giard e Maiyol (1996, p.336): “Numa sociedade não existe comunicação sem oralidade, (...). O intercâmbio ou comunicação social exige uma correlação de gestos e de corpos, uma presença das vozes e dos acentos, marcadas pela inspiração e pelas paixões”.

Os depoimentos são relevantes ao revelar o desnível da experiência vivida daqueles seres que compartilham a mesma época. Assim, a narrativa mostra a complexibilidade do acontecimento, capta pontos de vistas diferentes, às vezes divergentes, uma vez que é uma recomposição constante dos fatos. Nesse sentido, Bosi (2003, p.35) afirma ser “verdade que, ao narrar uma experiência profunda, nós a perdemos também, momento em que ela se corporifica (e se enrijece) na narrativa”.

As lembranças acumuladas pela memória coletiva podem tornar-se acontecimentos datados graças à sua reinscrição no tempo do calendário. Nesse sentido, é possível entender as lembranças pela cadeia das memórias ancestrais e remontar o tempo, fato que possibilita cada ser humano situar-se na temporalidade, na sequência das gerações. Nesse ínterim, os causos oferecem essa possibilidade de reinscrição ao serem transmitidos aos mais jovens da comunidade adaptando-se à nova realidade social.

Nessa discussão a comunicação é essencial à memória e nesse sentido a história oral define-se enquanto procedimento que conduz à produção do conhecimento histórico; este, por meio das narrativas, permitem aflorar na memória as dimensões de um tempo individual e do tempo coletivo, exteriorizado na manifestação de lembranças e recordações que constituem o substrato de rememorar. Os depoimentos têm a capacidade de revelar o desnível da experiência vivida nos seres que compartilharam da mesma época, os quais se refletem em significações diferenciadas e demonstram a complexidade do acontecimento por meio da narrativa. “A memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo não arbitrariamente, mas porque se relacionam através de índices comuns” (BOSI, 2003, p.31).

Segundo Delgado (2003) o homem ancestral já reconhecia a importância da memória enquanto suporte construtor de identidades e solidificador das consciências. Assim, os conceitos e significados da memória são vastos e não se restringem ao ato de rememorar. Em última instância revelam os fundamentos da existência por intermédio da narrativa, tão presente no cotidiano e fornecedora de significados que impedem que a humanidade perca raízes, lastros e identidades. Nas palavras de Neves (1998, p.3):

O conceito da memória é crucial porque na memória se cruzam passado, presente e futuro; (...). É crucial porque na memória se entrecruzam a lembrança e o esquecimento; o pessoal e o coletivo; o indivíduo e a sociedade, o público e o privado; (...). Crucial porque na memória se entrelaçam registro e invenção, fidelidade e mobilidade; dado e construção; história e ficção; revelação e ocultação.

Nessa discussão a memória em suas múltiplas potencialidades ultrapassa, inclusive, o tempo de vida individual. Assim, por meio de histórias familiares, crônicas que registram o cotidiano, tradições, histórias contadas ao longo das gerações e das inúmeras formas de narrativas constrói-se a memória de um tempo que antecedeu ao da vida de uma pessoa. Considerando essa dinâmica as memórias individuais e coletivas encontram-se, fundem -se e constituem -se como possíveis fontes para a produção do conhecimento histórico, uma vez que “a rigor a apreensão plena do tempo passado é impossível, como o é a apreensão de toda a alteridade” (BOSI, 2003 p.53).

As narrativas como os lugares de memória são instrumentos importantes para a preservação e transmissão das heranças identitárias e das tradições. A narrativa constitui em instrumento de retenção do passado e possui a potencialidade de levar o ouvinte a viajar na história narrada. Nas palavras de Delgado (2003, p.22) “os melhores narradores são aqueles que deixam fluir as palavras e a tessitura de um enredo que inclui lembranças, registros, observações, silêncios, análises, emoções, reflexões, testemunhos”.

Na obra *a Invenção das tradições* os historiadores Hobsbawm e Ranger (1997) apresentam o termo “tradição inventada”, e segundo eles tem um sentido amplo, no entanto, não indefinido. Tais tradições contemplam as “tradições” realmente inventadas, construídas e institucionalizadas, além das delimitadas pelo tempo que se estabelecem rapidamente. Por tradição inventada entende-se “um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; (...) visam inculcar certos valores e normas de comportamentos através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado” (HOBBSAWM e Ranger 1997, p.09).

Nesse sentido a “tradição” deve ser diferenciada do “costume” presente nas sociedades consideradas “tradicionalistas”, uma vez que o objetivo e as características das “tradições” estão ligados à invariabilidade. O costume por sua vez é variável,

porque a vida e as sociedades o são; assim, a decadência dos costumes implica mudanças na tradição devido à associação estabelecida entre a tradição e o costume. Outra discussão elencada pelos referidos autores é problematizar a partir de quando se manifestou a invenção das tradições enquanto um processo formalizado e ritualizado se característico por referir ao passado.

Nessa perspectiva, afirmam que a sociedade em diferentes momentos e locais depararam-se com a invenção das tradições, fato confirmado nas investigações dos historiadores. No entanto, defendem que “(...) inventam-se novas tradições quando ocorrem transformações, suficientemente amplas e rápidas tanto do lado da demanda quanto da oferta” (HOBBSAWM e Ranger 1997, p.12-3).

Para Michel de Certeau a memória é o próprio alimento que degustamos de nossas representações sociais, aquilo que supomos ser bom para nós; ele ainda faz uma distinção entre a “apropriação” da memória pela criança e pelo adulto:

(...) para a criança, a boca serve de segundo órgão do tato que lhe permite tocar mais, apalpar, sentir a rugosidade de uma coisa, conhecer-lhe intimamente a semente. Mais tarde, no adulto, através do jogo impenetrável dos comportamentos alimentares e de suas minúsculas variações de pessoa a pessoa, se superpõem histórias (cultural, social, familiar) e suas memórias, juntas eles inspiram hábitos, costumes e preferências, tributários de mentalidade e de sensibilidade, e também marcados por uma inscrição na temporalidade que intervém em diferentes níveis (CERTEAU, 1996, p. 62).

Nesse sentido a memória trazida à tona por meio da oralidade permite o próprio movimento da memória, que é intrínseca à vivência social. Nas palavras de Montenegro (2007) ao estabelecer relação com a atualidade defende que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, assim justificando a existência de possíveis identidades face às inovações tecnológicas dos meios de comunicação. O referido autor chama a atenção para a valorização da memória em meio às mudanças por que passa a sociedade enquanto premissa para discutir a questão da própria identidade social.

Nessa mesma perspectiva, nas palavras de Hall (2006) a identidade cultural plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia e se identificada é temporária. Assim, a questão da memória como forma de conhecimento e experiência concebida dentro de uma temporalidade em movimento é um caminho

possível para que os homens por intermédio das lembranças reconstruam sua identidade.

Segundo Stuart Hall (2006) a identidade social está sendo discutida no quadro da pós-modernidade é pautada na indagação se há realmente uma crise de identidade. Assim, a perda da identidade está circunscrita a um “deslocamento” verificado tanto no seu mundo social e cultural quanto de si mesmo, torna-se, portanto, uma ilusão. Nessa discussão da “pós-modernidade” verifica-se uma desvinculação de tempos, lugares, histórias e tradições específicas que nas palavras do referido autor se refere à “crise de identidades”, sendo relevante pensar em uma articulação entre o local e o global, favorecendo a concepção de uma “pluralização” de culturas e identidades nacionais.

Segundo Delgado (2006) a memória constitui um suporte da identidade, sendo reordenamento, reconstrução e não conservação, haja vista que as dinâmicas das múltiplas temporalidades interferem no ato de lembrar os fatos, aproximando memória e identidade enquanto fenômenos dinâmicos e renováveis. Assim, a busca das identidades por meio da memória possibilita preservar identidades ameaçadas e construir representações sobre sua inserção nos âmbitos social e cultural.

(...) identidades são representações coletivas contextualizadas e relativas a povos, comunidades, pessoas, (...), encarnam-se em expressões e formas originais e específicas, traduzidas por identidades religiosas, de gênero, políticas, corporativas, nacionais, culturais, partidárias, ideológicas (DEGADO, 2006, p.61).

Nessa perspectiva memória é história estão presentes na produção de fontes orais que são também processos cognitivos e por meio dos quais as identidades dos sujeitos históricos podem ser reconhecidas e analisadas, uma vez que são fontes de significados e experiências de uma sociedade; estas identidades por sua vez referem-se a artifícios culturais, símbolos, experiências, crenças e valores. Dessa forma o trabalho da memória é imprescindível para compreender os laços identitários, uma vez que contribui para internalizar significados e experiências que podem aflorar por meio de entrevistas.

Assim, é relevante conceber que memória e história estão inter-relacionadas garantindo assim a retenção do tempo e impedindo de certa forma o esquecimento

por meio das narrativas, portanto determinando a preservação e transmissão de heranças e tradições. É por meio das lembranças que recuperamos a consciência dos acontecimentos anteriores significativos para as comunidades. Nesse sentido, a memória é base construtora de identidades e solidificadora de consciências individuais e coletivas. É elemento constitutivo do autorreconhecimento como pessoa e /ou como membro de uma comunidade pública, como uma nação, ou privada como uma família.

O uso da fonte oral propicia a produção de um texto, o qual é representação social de uma determinada sociedade. Assim, segundo Meihy (2007) na pesquisa o historiador para construir a representação do passado por intermédio das fontes deve ter a preocupação com as estratégias que permitam fazer escolhas, seleções, assim possibilitando a atribuição de significados concretizados por meio de uma narrativa histórica.

Na atualidade a história oral tem influenciado nas disciplinas universitárias e mais especificamente em museus e arquivos, além de ser utilizada em nível das coleções e lembranças familiares e até mesmo pessoais, graças ao acesso aos meios eletrônicos, sendo notável o uso de vídeos e mesmo fotos. Segundo Meihy (2007, p.16): “em história oral, o coletivo não corresponde à soma dos particulares. A observância do indivíduo em sua unidade é básica para se formular o respeito à experiência individual que justifica o trabalho com o depoimento. Nesse sentido, a história oral é sempre social”.

Segundo Alberti, não podemos confundir tradição oral e história oral visto que a tradição oral constitui-se de práticas que contribuem para a continuidade de um grupo social e favorece a formação da visão de grupo, ou seja, constitui patrimônio do grupo, o qual é essencial para a definição identitária; está só existe graças à ação permanente de pessoas que repetem e transformam os fatos do cotidiano. Por outro lado, os historiadores trabalham com a história oral e nesse sentido a referida autora ao analisar o filme *Narradores de Javé* encontra uma multiplicidade de níveis narrativos e afirma que “(...) a história é para ser contada e ouvida, e não para ser escrita e lida. É como se fosse impossível trazer para o escrito a multiplicidade do oral, as diferentes narrativas. Sempre ficará faltando algo, ficará de fora” (ALBERTI, 2005, p.14).

Nessa perspectiva a entrevista é um meio relevante para buscar fragmentos de memória, especialmente das pessoas com maior experiência e vivência de mundo;

que durante os relatos rememoram práticas cotidianas de um tempo já distante. A pesquisa nessa perspectiva usando da fonte oral para produzir o documento conta também com o suporte das fontes impressas, pois mesmo reconhecendo a riqueza implícita no depoimento oral é indispensável cruzar fontes orais e escritas Meihy (2007, p.27) enfatiza que “não se deve considerar a história oral com mero substitutivo para carências documentais, quer sejam qualitativas quer quantitativas. Ela pode até vir a complementar algum conjunto documental a fim de explicar percepções de problemas (...)”.

Na atualidade questões como a “representatividade” dos testemunhos, o alcance “histórico” das impressões e a “relatividade” dos casos narrados têm enfraquecido no mundo acadêmico em favor da popularidade da história oral uma vez que esta favorece vislumbrar um outro olhar sob determinadas situações e dar voz a segmentos desprezados por outros documentos, além de permitir filtrar as experiências do passado por intermédio de narradores do presente.

É evidente que a apropriação do outro valorizando a recepção favorece uma pluralidade de leitura e releitura ao longo do tempo e possibilita a construção de um novo dizer, diferente e que é apresentado em um contexto inédito. Considerando a temporalidade vital para compreender a história humana o relato produzido por meio de entrevista da voz às pessoas que manifestam na conversa com o entrevistador fragmentos de lembranças e saudade de contar os causos aos mais jovens. Nessa perspectiva, segundo, Albuquerque Junior (2006) a saudade pode ser definida do ponto de vista histórico e cultural, uma vez que não sentimos saudades das mesmas coisas, já que cada tempo tem suas saudades.

Assim, a saudade que aflora por meio da oralidade, busca escapar à prisão do tempo, tendo a sensibilidade como aliada na manifestação de uma subjetividade, a qual é fruto de uma construção cultural e que visa lutar contra o esquecimento, sendo inestimável encontrar manifestações sociais específicas e valorizar as tradições sociais. Nessa concepção de Albuquerque Junior (2006, p.119) “o saudosismo parece nascer da angústia diante da sucessão das novidades, como fruto da insegurança na presença de novas estruturas sociais que vêm substituir a antiga ordem, destruindo os lugares e as hierarquias sociais já estabelecidos”.

A tendência é que novas manifestações culturais se façam presentes, mas uma sociedade só vive e sobrevive se reconhecer e cultivar seus valores em meio às transformações sociais. Na obra *História oral e memória* (2001, p.42) Montenegro

destaca que “à medida que os depoimentos populares são gravados, transcritos e publicados, torna-se possível conhecer a própria visão que os segmentos populares têm de suas vidas e do mundo ao redor”.

Assim, é preciso atentar para a importância, variedade e riqueza desta Literatura Oral, considerando o contexto histórico, social e cultural de sua produção, uma vez que somente as pesquisas permitem preencher as lacunas históricas de uma comunidade, sobretudo no interior com forte presença dos pioneiros. Foram eles que povoaram inicialmente o ambiente rural e diante das transformações vem perdendo espaço e sociabilidade. Regina Lacerda (1985, p.59) destaca:

Nas horas de lazer, em reuniões de família, especialmente no meio rural, quando os assuntos do dia já estão esgotados e os casos de assombração já foram repetidos, alguém se lembra do violão ou da viola, e as toadas são lembradas. O refrão é cantado por todos e, um a um, os componentes do grupo vão botando seus versos, guardados de memória uns, improvisados outros, enquanto a noite vai entrando para encontrar o silêncio que vem fazendo dormir a natureza, o gado e as crianças.

A sensibilidade busca justamente retratar a representação do homem e do mundo e se expressa como uma forma de reação dos sentidos através de emoções e sensações, dadas pelo contato do indivíduo com a realidade” (PESAVENTO, 2006, p.161). Assim, a leitura dos causos fornece diferentes versões do acontecido e mesmo os próprios protagonistas reescrevem a sua história, sendo indispensável remeter à sensibilidade; nesta é possível reconhecer como os sentimentos acumulados no cotidiano de sua experiência de vida em determinado tempo e lugar são rememorados e traduzidos em lembranças e os sentidos que estes podem revelar.

No entanto, para perceber as manifestações culturais é imprescindível recorrer às sensibilidades enquanto núcleo primário de percepção e tradução da experiência humana, trazendo à tona as sensações como emoção e subjetividade. “Nos idosos, as hesitações, as rupturas do discurso não são vazios, podem ser trabalhos da memória” (BOSI, 2003, p.64). Tal fato justifica o esquecimento parcial dos causos narrados pelos idosos.

Nesse sentido os causos refletem uma temporalidade dentro do imaginário social e permitem múltiplas leituras, tanto do ouvinte (pesquisador) como do

narrador, que ao relatar cria um mundo paralelo de sinais que se coloca no lugar da realidade e, assim traduz sensações e emoções, uma reação quase imediata dos sentidos afetados por fenômenos físicos ou psíquicos. Segundo Pesavento (2007, p.10) “aqui as sensações se transformam em sentimentos, afetos, estados da alma. Este é o momento da percepção”.

Assim, as sensibilidades permitem-nos captar as sensações, emoções, aquilo que não está explícito na fisionomia ou mesmo no texto. Cabe ao historiador conduzir a pesquisa por meio de uma descrição densa e reconhecer no meio social essas especificidades que se manifestam no cotidiano. Nas palavras de Pesavento (2003, p.58-9) “sensibilidades resgatam histórias individuais ou coletivas. Na experiência histórica as pessoas resgatam emoções, sentimentos, idéias, temores ou desejos, a tradução sensível que pode ser historicizada e sociabilidade para os homens de determinada época”.

Nessa busca de valorizar a memória e em última instância a própria História é que a pesquisa enfocará os “causos”. Nas palavras de Bosi (2003, p.69) “a memória dos velhos desdobra e alarga de tal maneira os horizontes da cultura que faz crescer com ela o pesquisador e a sociedade onde se insere”. Nessa assertiva, a proposta implícita é reconhecer a dimensão social desempenhada pelos causos, a partir da vivência cotidiana, fortemente marcada nos relatos de lembranças, que por meio da ressignificação sobrevivem na memória coletiva da sociedade atual e expressam a sensibilidade de pessoas simples na sociedade em quirinopolitana.

2.3 Os contos e suas perspectivas de abordagem

É relevante a priori destacar os estudos de vários pesquisadores acerca das formas de narratividade para facilitar a discussão em torno do termo conto. Nesse sentido a obra *Teoria do texto 1*, do autor D`onofrio (2002) ao estudar as formas de narratividade propõe a distinção entre as formas simples e cultas na narratividade. Segundo o referido autor, as formas simples não têm autor conhecido, representam criações coletivas que são inerentes à natureza humana e que por meio da voz criam pequenas narrativas, reveladoras de anseios e temores da comunidade. “São elas o mito, a lenda, o conto popular, a anedota, o provérbio, etc. Todas essas

formas simples têm disposição mental que sustentam a manifestação lingüística” (D`ONOFRIO, 2002, p.25).

As formas cultas correspondem a criações individuais da arte como poesia épica, novela, romance, conto erudito e, crônica. Segundo D`onofrio (2002) é relevante esclarecer que muitas vezes é possível a passagem da forma simples para a culta; o fato ocorre quando um autor confere uma veste de arte literária ao material preexistente no que concerne ao acervo cultural da uma sociedade. Outro aspecto relevante é que não há uma distinção rigorosa entre as várias formas simples. Assim, algumas vezes os termos mito, conto popular, gesta ou saga são usados para denominar a mesma história ficcional.

Nesse sentido é salutar destacar o conto popular ou maravilhoso e considerá-los como uma forma universal de transmissão da cultura de uma sociedade que já na fase da oralidade documenta usos, costumes, folclore, etc. “(...) conto popular, conto de fadas ou conto da carochinha, agrupam inúmeras narrativas de temas e motivos os mais variados. Apresentar uma classificação coerente é tarefa quase impossível” (D`ONOFRIO, 2002, p. 110). Nessa perspectiva, segundo o referido autor o método de Aarne-Thompson individualizou 2499 motivos dividindo as narrativas em três grupos com várias subdivisões: contos de animais, histórias populares, gracejos e anedotas.

Na discussão a respeito dos contos é necessário destacar um especialista no assunto, Luís Câmara Cascudo. Na obra *Literatura Oral no Brasil (2006)* apresenta uma classificação temática com doze subdivisões compreendendo: contos de encantamento, da carochinha e magia (sobrenatural), além dos contos de exemplo, de intenção moralista, os casos edificantes, contos de animais, religiosos, etmológicos, de adivinhação, acumulativos, facécias, natureza denunciante, demônio logrado e ciclo da morte. “Os contos devem classificar-se pelo seu gênero ou pelos motivos típicos do enredo. Não já mais outra permissão” (CASCUDO, 2006, p.283).

Nas palavras de Stalloni (2001) é comum a associação entre conto e novela, uma vez que são duas expressões literárias que mantêm entre si um estreito parentesco. O problema da distinção do conto remete ao período medieval quando o termo conto compreendia todo tipo de narrativa. Apesar da proximidade, com outras expressões das manifestações culturais, o conto se distingue por ser um relato curto. Stalloni (2001) releva que houve mudanças na concepção de conto, sendo

que a partir da Renascença o termo passou a ocultar o fundamento realista e, a partir do então, sobretudo no século XIX, na acepção literária limitou-se à compreensão dos relatos de fatos e acontecimentos imaginários que têm por premissa a distração. Nesse sentido, as tipologias modernas dividem os contos em gaulês, maravilhoso, filosófico e fantasioso.

Dentre os tipos de narrativa podemos citar o conto como uma forma de narrativa curta que tem como característica central condensar conflito, tempo, espaço e reduzir o número de personagens. Assim, o conto constitui um tipo de narrativa tradicional, adotado por muitos autores nos séculos XVI e XVII, e que hoje é apreciado por autores e leitores, mesmo que tenha características diferentes.

Na modernidade o conto apresenta-se como uma forma de narrativa que atende à nova realidade social, haja vista que os leitores têm pouco interesse em ler um longo romance, face aos meios de comunicação cultural como o rádio, a televisão, o videocassete, o cinema e o teatro dentre outras que oferecem a rapidez na veiculação de informações em geral. Segundo D'onofrio (2002) o conto popular tem em comum com as demais formas de narratividade, características de antiguidade, oralidade, anonimato e persistência, assim se distinguindo de outras formas de narrativa pelo seu caráter de internacionalidade ou universalidade.

O conto literário classifica-se em erudito ou culto e conto popular. D'onofrio destaca que o conto erudito deve ater-se ao real e respeitar o princípio da verossimilhança uma vez que a atitude mental não é idealizar; e também constitui-se de uma narrativa curta. "(...) no conto temos uma condensação do sentido que se revela ao leitor de uma forma mais rápida" (D'ONOFRIO, 2002, p.121). No que concerne ao conto popular é necessário salientar que o mesmo é produzido por um autor historicamente conhecido; está ligado a um episódio de vida real, que não corresponde à verdade, é ficcional, uma vez que o fato poderia realmente ter acontecido.

Segundo Gotilb (2006) inúmeras pesquisas almejam contar a história do conto. No século XIV, o conto até então transmitido oralmente ganhara o registro escrito e, no século XIX, voltou-se para a pesquisa do popular e do folclórico devido à expansão da imprensa, a qual possibilitou a publicação dos contos em revistas e jornais. Na discussão a cerca dos contos é relevante mencionar a obra *Contos Populares no Brasil*, de Silvio Romero (2006) que enfatiza a presença das três raças

e revela a preponderância da contribuição da raça branca que contou com o auxílio das raças aborígenes e africana na divulgação dos contos no Brasil.

A prática de contar história é uma atividade praticada por muitas pessoas que podem atuar em contar, escrever, ouvir ou ler várias espécies de narrativas como histórias de fadas, casos, piadas, romances, contos e novelas. Nesse sentido, o ato de narrar acompanha o homem desde os primórdios da humanidade. Atualmente existem incontáveis tipos de narrativas, nas quais o narrador tem grande responsabilidade ao narrar oralmente ou por escrito.

Na obra *O grande massacre dos gatos*, Darnton analisa a vida dos camponeses na França revolucionária do século XVIII, valendo-se dos contos, como por exemplo, da Chapeuzinho Vermelho, analisados pelo viés da Psicanálise, para compreender os símbolos escondidos e motivos inconscientes daquela sociedade e afirma:

(...), que os contos populares são documentos históricos. Surgiram ao longo de muitos séculos e sofreram diferentes transformações, em diferentes tradições culturais. Longe de expressarem as imutáveis operações do ser interno do homem, sugerem que as próprias mentalidades mudaram (DARNTON, 1986, p. 26).

Na obra de *Teoria do conto* (2006) Gotlib apresenta três acepções da palavra conto, a saber: relato de um acontecimento conto literário e maravilhoso. Nesse contexto o contar uma estória oralmente evolui para o registro das estórias por escrito. “O conto, no entanto não refere-se só ao acontecido. Não tem compromisso real. Nele, realidade e ficção não tem limites precisos” (GOTLIB, 2006, p.12).

O conto literário, por sua vez, resulta da construção do conto que ressalte em si seus próprios valores, o que caracteriza a arte do conto literário. Nesse sentido nem todo narrador é um contista, uma vez que a voz do contador seja ela oral ou escrita, sempre pode interferir no seu discurso. Além do conto classificado como um acontecimento literário, a referida autora destaca o conto maravilhoso, o qual apresenta personagens não determinadas historicamente e narra como as coisas deveriam acontecer. Segundo Cascudo (2006, p.226) “o conto fica identificável nos próprios fios que constituem. Podemos comparar em nosso país a procedência e modificação dos elementos que julgávamos nacionais e típicos”.

Segundo Gotlib (2006) o conto apresenta três concepções: relato de um acontecimento, narração oral ou escrita de um acontecimento falso e, a fábula que se conta às crianças para diverti-las; apesar das diferenças têm como ponto em comum o fato de serem todas narrativas. “O conto, no entanto não se refere só ao acontecido. Não tem compromisso com o evento real (...) o que existe é já ficção, a arte de inventar um modo de se representar algo” (GOTLIB, 2006, p.12).

Nessa discussão a verossimilhança é a essência de um texto ficcional que está ligada a uma lógica interna do enredo, detalhe que o torna verdade para o leitor. Assim, os fatos não devem ser verdadeiros e sim verossímeis, ou seja, mesmo sendo texto inventado o leitor deve acreditar no que lê. Nesse sentido, considerando a análise da narrativa o fato tem uma causa e desencadeia uma consequência.

Assim, contar uma estória, em princípio, de forma oral, passa a seguir a etapa de registro por escrito, mas não implica simplesmente em relatar acontecimentos, mas trazer outra vez, o testemunho de algo acontecido. Nessa perspectiva, no âmbito literário os contos são modos variados de narrar que se agrupam de acordo com suas características ao registro das manifestações da cultura popular. Segundo Cascudo (2006) os contos revelam informações históricas, etnográficas, sociológicas, jurídicas e sociais. Representa um elemento vivo que se manifesta por meio de costumes, idéias, mentalidades, decisões e julgamentos.

Na obra *Literatura oral no Brasil (2006)* o autor ao discutir a respeito do conto popular-tradicional afirma que o mesmo é quase sempre apresentado sob um disfarce literário e que a princípio o conto popular era estudado apenas levando-se em consideração as localidades próximas ou distantes. Além dessas questões defende ainda que a interpretação dos elementos de um conto tradicional depende da escola a que está filiado o pesquisador e em última instância, informa que há um processo de convergência temática tendo em vista a adaptação natural e a sobrevivência local.

No espaço rural em que transcorre a trama do cotidiano são estabelecidas as relações sociais nas quais são recorrentes as manifestações culturais especialmente as ligadas às festas religiosas e na tradição oral comum na reconstrução dos episódios “do cotidiano”. Bosi (1992, p.15) afirma que “a História em que se apóia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que escondem atrás dos episódios”.

Nessa interface estabelecida entre a mudança e a manutenção da tradição no âmbito rural é que Jacques Le Goff na obra *História e memória* (2003) afirma que a evolução das sociedades, de forma especial a partir da 2ª metade do século XIX, chama a atenção para a importância do papel desempenhado pela memória coletiva no que se refere à luta pelo poder, vida, sobrevivência do meio rural e, nesse sentido, endossa que “são as sociedades cuja memória social é, sobretudo oral ou que estão em vias de construir uma memória coletiva escrita, aquelas que melhor permitem compreender esta luta pela dominação de recordação e da tradição...”(LE GOFF, 2003, p.470).

É relevante salientar que a memória de uma sociedade está sempre em transformação, haja vista que o grupo muda constantemente e o próprio corpo social em que o indivíduo está inserido sem, contudo, perder, a referência. No Brasil, de forma especial essa referência baseia-se no meio rural que apesar das mudanças continua influenciando as práticas sociais refletidas em parte no século XX.

Câmara Cascudo na obra *Literatura oral no Brasil* (2006) afirma que a literatura ampliou seus horizontes e uma de suas características fundamentais é estar alicerçada na resistência da oralidade e nesse sentido defende a existência de duas fontes contínuas que se mantêm vivas:

(...) Uma exclusividade oral resume-se na estória, no conto popular e tradicional, nas danças de roda, danças cantadas, (...) adivinhações, lendas, etc. A outra fonte é reimpressão dos antigos livrinhos, (...) além da produção contemporânea pelos antigos processos de versificação popularizada fixando assuntos da época (...) (CASCUDO, 2006, p.22).

Nesse sentido a literatura oral brasileira reúne as manifestações da recreação popular legitimada pela tradição. Entende-se por tradição, segundo Cascudo (2006), a ato de transmitir, passar adiante e mesmo divulgar o conhecimento popular que se compõe de elementos trazidos pelas três raças — branco, negro e índio para a memória e uso da sociedade atual. Nessa discussão é válido ressaltar a pesquisa de Silvio Romero (2006) que também enfatiza a presença das três raças na constituição dos contos no Brasil.

Segundo Cascudo (2006) é errôneo acreditar na existência de uma cultura puramente popular local, regional ou mesmo nacional. O fato não exclui a cultura

nacional, pois as diversas contribuições a enriquece, uma vez que as estórias mais populares no Brasil são de caráter universal e manifestam suas particularidades em vários países. “Não há nessa afirmativa um exclusivismo total, naturalmente leremos alguma coisa sugestiva e curiosa que não recebemos de fora. Mas possivelmente foi feita com elementos importados em sua maioria” (CASCUDO, 2006, p.34). Assim, mesmo tendo uma origem migratória as manifestações culturais adequam-se às realidades específicas e garantem sua sobrevivência por meio da resistência dos valores culturais, mesmo que tais manifestações sofram mudanças no contexto social a partir da temporalidade e sejam ressignificadas e representadas no âmbito social.

Nessa assertiva, os depoimentos que resultam da prática da oralidade têm a capacidade de revelar o desnível da experiência vivida nos seres que compartilharam da mesma época, os quais se refletem em significações diferenciadas e demonstram a complexidade do acontecimento por meio da narrativa. “A memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo não arbitrariamente, mas porque se relacionam através de índices comuns” (BOSI, 2003, p.31). Este fato é confirmado pelos idosos de Quirinópolis que apresentam em seus relatos narrativas semelhantes, com poucas diferenças de um “causo” para outro, quanto à mesma temática narrativa.

Nessa discussão a Literatura oral apresenta-se marcada pela inclusão de elementos locais no enredo central, manifestada, por exemplo, nas anedotas, rodas infantis, adivinhas e mesmo nos contos e estes, por sua vez, apresentam-se portadores de uma ampla dimensão social como atesta Cascudo (2006, p.35-6): “Diferente ou mesmo divergente da nossa moral, os contos têm uma atitude doutrinária, dedicada aos não letrados e os meninos. Natural é que esses contos revelam o estado de cada religião em cujo seio foram utilizados ou receberam colaboração”.

Assim, os elementos da cultura como mito, fábulas e contos independem de uma localização no espaço, viajam e manifestam-se no imaginário coletivo. Nas palavras de Cascudo (2006) é fato que nas citações populares desapareceu o ambiente religioso, sendo que o fato narrado tem o propósito de prevenir os efeitos do arrebatamento como, por exemplo, o lobisomem.

No Brasil o lobisomem só desencanta ferido. Não teme as orações. Corre na noite de quinta para sexta, (...). Desapareceu a punição moral. Trata-se de doença, hipoemia, falta de sangue, anemia. O lobisomem ataca animais novos e crianças para beber o sangue, sugando pela carótida (CASCUDO, 2006, p. 194-5).

Essa mudança verificada no país está ligada à desfiguração a partir da impressão popular na herança manifestada nos mitos cristãos de Portugal, assim demonstrando a força de um método natural de adaptação e sobrevivência local. Na concepção de Cascudo (2006) os contos são tecidos que vieram de várias procedências, cruzam-se e estão presentes no enredo. No século XX, foi proposta uma outra forma de narrativa em contraposição à narrativa tradicional que cedia o direito à fala às pessoas que viveram os acontecimentos. Nessa assertiva, Frederique Langue (2006, p.22) ressalta a importância de novas fontes para alcançar a alteridade e resistência, sobretudo, quando provém da esfera plebéia: “um balizamento a partir do ‘não-dito’ da história, na fronteira para não dizer a margem e a sombra da disciplina histórica, impregnado de emoções e paixões na esfera de um cotidiano distante do dia-a-dia das elites governantes”.

Nessa perspectiva, o passado e o presente encontram-se inseridos nas práticas cotidianas e, por extensão, influi na maneira de pensar, sentir e agir no presente. As fontes orais como os causos, enquanto legitimadoras de uma possibilidade de narrativa histórica, constroem um saber do domínio coletivo que interessa a Quirinópolis e às cidades vizinhas, ainda carentes de informações no Brasil Central sendo indispensável pensar as relações campo-cidade.

Nesse sentido, Bosi faz alusão ao êxodo rural e defende o conceito do desenraizamento enquanto mecanismo de destruição das tradições. Tais tradições relegadas a um segundo plano evidentes na fala dos idosos quando as especificidades do meio rural tornam-se proibidas nas cidades em detrimento do “progresso”. Assim, as pessoas são levadas ao silêncio a partir da inserção no meio urbano permeado de tecnologia, inclusive quando se refere à comunicação e assim “suas múltiplas raízes se partem” (BOSI, 1992, p.17).

Nesse esforço de adaptação e reconstrução são revelados certos costumes, valores e práticas a partir da realidade manifestada na família que busca novas possibilidades por meio da educação e acesso ao trabalho, contudo sem apagar da lembrança “os causos” verificados no ato da fala, historicizados na escrita por meio da narrativa no contexto histórico em que se constroem representações e práticas culturais.

3 AS MÚLTIPLAS FACES DOS CAUSOS EM QUIRINÓPOLIS

A princípio, é indispensável ressaltar a importância da literatura portuguesa, ou de forma mais específica, a influência dos contos que chegaram ao Brasil, adequando-se às especificidades regionais, haja vista a grande influência que os contos de origem europeia exercem no Brasil. Os referidos contos conhecidos em Quirinópolis como “Causos”, refletem em uma diversidade de contos locais, os quais serão analisados à luz das sensibilidades, considerando a relação intrínseca estabelecida entre a História e a Literatura.

Na discussão acerca da origem dos contos é relevante destacar o trabalho de Cadermatori na obra *o que é literatura infantil*. O referido autor defende um enfoque interdisciplinar, sendo que os problemas que apresenta não restringem à teoria da Literatura, à sociologia, à psicanálise ou mesmo o folclore, mas, defende a união desses diversos enfoques que relaciona os diversos elementos que integram o texto. É relevante destacar que na França no XVII, a literatura se manifestava sob a forma de literatura pedagógica e literatura oral, de vertente popular e, é possível identificar nas narrativas desse período os contos de advertência, fazendo com que “a personagem que se afaste das regras estabelecidas seja punida” (CADERMATORI, 1992, p. 40).

Nessa abordagem é relevante salientar a leitura de Cascudo (2006) que reconhece a impossibilidade de calcular a antiguidade dos contos tradicionais em Portugal. No período entre os séculos XV e XVI, durante as grandes navegações ibéricas, essas histórias portuguesas adentraram no Brasil. Assim, o português emigrava com o seu mundo na memória. Em Portugal, os contos, são classificados em contos de fadas ou de encantos, contos- fábulas, histórias morais, contos anedóticos e histórias (ou contos) da carochinha.

3.1 A (Re)significação dos causos.

Segundo Cascudo (2006), no Brasil o conto era estudado apenas fazendo-se o confronto entre eles e outros de localidades próximas e distantes. Os grandes

estudiosos expunham os contos e suas variantes por meio de uma extensa bibliografia. Nesse sentido, não havia um estudo sistemático dos elementos que constituem o conto oriundo do cenário popular e ao estudá-los propôs uma sistematizado dos mesmos em Pequena Antologia do Conto Popular Brasileiro. De acordo com essa classificação o critério norteador passa pelas características e peculiaridades dos contos que no Brasil assumem características diferentes de sua origem européia e de forma específica, portuguesa.

No Brasil as citações populares têm uma ênfase menor do caráter religioso, o que não impede a sua presença nos relatos. Assim, os fatos são relatados para prevenir o arrebatamento e estão sendo sempre reinventados no cotidiano e se adequando à realidade de cada comunidade. “A História (...), através de uma dinâmica que reconstrói o passado ao tecer sua representação no presente, plasmando em um único enredo a trama das vivências coletivas” (DELGADO, 2003, p.13). A reinvenção dos contos é que garante a adaptação dos mesmos à sociedade em que são divulgados e garante suas permanências ao longo das gerações; assim, somos presenteados com causos inusitados enquanto elemento de manifestação cultural.

Segundo Cascudo (2006) quanto mais universal um conto, mais será popular num dado país. O típico será sempre regional e mais que um documento a narrativa mostra a complexidade do fato acontecido. “É a via privilegiada para chegar até o ponto de articulação da História com a vida quotidiana” (BOSI, 2003, p.19-20). Assim, é válido mencionar o espaço de propagação desses contos em Quirinópolis, que, a priori, são disseminados e propagados no meio rural que, apesar de ser considerado “isolado”, na prática esse isolamento não o é. Segundo Candido (2001) O termo isolado é constantemente usado para diferenciar as características urbanas das rurais, sendo o ambiente rural mais tranquilo e considerado diferente em relação à cidade que apresenta novas possibilidades de vida e sociabilidades, persiste uma circularidade na relação entre campo-cidade.

No surgimento e crescimento de Quirinópolis, foi comum a presença de pessoas de outras regiões vindas em busca de trabalho e melhores possibilidades de vida, como afirma o senhor Jose da Silva Borges¹⁴: “Ah, quando eu trabalhava na fazenda tinha muito forasteiro que trabalhava na roça, roça de toco mesmo...”.

¹⁴ Morador de Quirinópolis há três décadas (Entrevista concedida em Quirinópolis, 12/06/10).

(ENTREVISTA, em 12/06/2010). Assim, de acordo com o relato, a fazenda era um ambiente de muito trabalho, mas também existiam momentos e sociabilidades como, as festas da Padroeira (Nossa Senhora da Abadia), os mutirões, as festas juninas, dos santos, como, de Santos Réis que atraía muita gente não só da região e nas fazendas como da cidade, o que justifica em parte a diversidade e a interface entre os dois espaços e a própria manifestação dos “causos” entre as pessoas da comunidade.

Nessa discussão sobre a sociabilidade do homem do campo Leonardi afirma que o brasileiro do sertão é um bom anfitrião, sendo raras queixas de má acolhida pelos estrangeiros. Em Quirinópolis, as queixas estão ligadas especialmente a questões morais como tratar um casamento com uma moça da região e não retornar para cumprir o compromisso. Assim, no ambiente rural que “perpetuassem tradições e costumes antigos em algumas áreas sertanejas e o tratamento respeitoso entre as pessoas (...), até o início do século XX, no Centro Oeste e a fidelidade a palavra dada, ao compromisso assumido (LEONARDI, 1996, p.307).

É relevante salientar ainda na relação campo-cidade o trabalho de Pessoa, o qual defende a dinâmica que permeia os dos dois espaços; ele afirma que o campo está na cidade e a cidade está no campo e, considera o rural como representação social e simbólica ao defender que “(...) pode-se dizer que o rural, independente de onde se mora ou do que se faz, é uma concepção de mundo, um modo como as pessoas e os grupos organizam suas relações sociais e produtivas” (PESSOA, 2007, p.16).

Assim, as narrativas interioranas e sertanejas revelam ao pesquisador por meio da ficção desvelar alguns aspectos políticos e culturais do Brasil que outras formas “ainda de aproximação do real” não haviam revelado as dimensões sutis, legadas ao imaginário que favorecem a compreensão da História. Nessa discussão é desnecessário relegar a um segundo plano a história social ou econômica em detrimento dos bens não-materiais presentes no Centro-oeste. Segundo Leonardi (1996), pelo contrário, é indispensável buscar os múltiplos sentidos e tentar inter-relacioná-los, haja vista que a história surge nesses espaços criativos, que são inventados confirmados e presentes nas comunidades. Nas palavras de Bosi (2003, p.65) “a fala emotiva e fragmentada é portadora de significações que nos aproximam da verdade. Aprendemos a amar esse discurso tateante, suas pausas (...), suas franjas com fios perdidos quase irreparáveis”.

Os contos repassados por meio da oralidade aos mais jovens nas fazendas acontecem durante a noite, fato frequente antes da chegada e popularização da eletricidade na 2ª metade do século XX, no município de Quirinópolis. Tais causos persistiam segundo os entrevistados por vários motivos — a priori, eram motivados pela escuridão que restringia a prática de outras atividades nesse momento do cotidiano rural, além disso era comum ouvir barulhos na mata (cerrado), fator que despertava a curiosidade e o medo dos jovens, além da convivência com os animais da fauna. Esses elementos do cotidiano nos causos favoreciam os relatos de figuras humanas associadas a figuras de animais, seres das “trevas”, vinculados à figura do diabo (almas penadas), mula-sem-cabeça e assombração que aterrorizavam os ouvintes do campo. Mesmo assim eram narrados aos jovens e crianças antes destes dormirem como afirma D. Maria. Francisca de Souza¹⁵ (ENTREVISTA em 28/07/2010):

Naquela época, nas fazenda i xistia alma penada mesmo, era espírito mal que fazia mardade nas passage de lua com as pessoa e os animal, nas passage de lua que esqueci agora, até chega na região o povo espríta que domino os mal espírito. Mas também tinha história que não era assombração, depois a pessoa discubria que era o vento batendo num ramo, galho de árvore du cerrado, animal do mato, porco espim, que causava medo nas pessoas.Os mais velho contava esses causos de noite pra botar medo, não tinha estudo, sirvia pra trazer obidiência as ordem dos mais velho.

O estudioso Durkheim (2001, p. 32) ao abordar os fatos sociais na obra *As regras do método sociológico* os define como “as maneiras de agir, de pensar e de sentir que apresentam a notável propriedade de existir fora das consciências individuais”. Nessa concepção os comportamentos sociais são exteriores aos indivíduos e exercem um poder coercivo sobre os homens. Assim, segundo o referido autor em algumas situações sociais a consciência pública reprime os atos

¹⁵ Reside em Quirinópolis há mais de trinta anos; é uma pessoa religiosa e benzedeira (Entrevista em 28/07/10).

contrários que se manifestam no comportamento dos cidadãos sujeitos a penalidades específicas.

Nas discussões propostas por Durkheim acerca dos fatos sociais existem situações em que a coerção pode apresentar-se de forma menos “evasiva” e resulta em aversão social. Finalmente destaca a coerção indireta que se manifesta quando “posso libertar-me dessas regras e violá-las com sucesso, nunca e sem ser obrigado a lutar contra elas. Mesmo quando são finalmente vencidas, ainda fazem sentir suficientemente resistência que se opoem” (DURKHEIM, 2001, p.33). Nessa perspectiva é que os causos ainda permanecem presentes enquanto representação coletiva em Quirinópolis.

Assim, é possível perceber nas entrevistas narrativas que tanto atraem e despertam sentimentos bons ou ruins, trazendo gargalhadas ou mesmo o medo trazem em si uma mensagem de conduta moral e social aceitas pelo grupo do qual fazem parte, como atesta um trecho do caso contado por D. Maria de Fátima Soares¹⁶:

(...) A casa passou a ser parada de peão que tocava o gado a pé, as pessoas contava que ninguém dormia nada lá, era grito, barulho de animais. Minha avó dizia que era os antigo dono da fazenda pedindo perdão pelos roubos, não estavam em paz, depois de morto (ENTREVISTA em 15/08/2010).

Os causos também reproduzem situações para reforçar os valores morais como indicação dos dias e horários que não podem andar pela mata, o caminho seguro a seguir para chegar ao destino desejado, os locais nos quais não devem passear, dentre outros indicativos presentes nas narrativas. Outro aspecto presente nas narrativas era a relação a adaptação e reinvenção dos mesmos, assim

¹⁶ Passou parte da vida na zona rural e reside em Quirinópolis desde a década de 1960 (Entrevista em 15/08/10).

reforçando a existência e permanência dos mesmos Muitos causos são decorrentes desse “diálogo”, como relata o caso do Senhor Jose da Silva Borges¹⁷:

Quando criança ouvi dizer que aparecia a noite um cobertor branco, que assombrava todo mundo na região. O totonho não acreditava, dizia que era mentira do pessoal e que se um dia encontrasse o cobertor ia puxar pra ver o que tinha embaixo. Um dia totonho vindo da serenata a noite da cidade encontrou o bicho e ficou 24 horas sem fala. Quando a voz voltou ele contou ter puxado o cobertor e encontrado uma caveira horrível... (ENTREVISTA em 12/06/2010).

Segundo Cascudo (2006) os causos também eram repassados para denunciar crimes horríveis com os que aconteciam em Quirinópolis e também nas cidades circunvizinhas. Em todas as literaturas orais ocorrem por uma motivação. Nesse sentido, os ossos, tronco, ramos e restos mortais denunciam o crime como atestam os trechos do caso da égua que estava parindo gente, narrado pelo Senhor José Campos na década de 40 e publicado pela Revista Oeste:

_ Naquele dia vingaria. A morte de seus quatro porcos não ficaria incólume. João da Mata, sitiante vizinho, matara-os comera-os, tendo ainda, por cima de tudo, se queixado às autoridades de Capelinha que os seus porcos estavam devastando os mandiocais de sua propriedade, obrigando-o a comparecer perante o juiz Distrital, de quem sofreu as maiores censuras e ameaças.

Vinha João da Mata assobiando calmamente, com um enorme chapéu de palha inclinado para a nuca, trazendo á garupa um alforje repleto de compras. Ao aproximar-se da porteira, refreia seu animal, leva a mão direita á mesma para abri-la e, ao fazê-lo, eis que dois tiros ribombam, ecoando surdamente pelas encostas. João da Mata cai, como que fulminando, ao chão, onde soltou os últimos suspiros.

¹⁷ Morador de Quirinópolis á três décadas. Conhecedor de muitos causos (Entrevista concedida em Quirinópolis, 12/06/2010).

Conduz a égua pelo mato a dentro com o cadáver e tudo quanto vinha sendo trazido sobre os arreios e na garupa. Depois de ter percorrido mais ou menos dois quilômetros, chega a

um claro onde crescia um sapezal. Tira o cadáver, que coloca no chão, e desarreia a égua, amarrando-a a curta e fortemente a um toco; saca de sue ponteagudo facão e o crava no sangradouro da égua, prostando-a ao chão, onde com algum esforço, acabou de matá-la. Coloca-a, em seguida, com um esforço inaudito, consegue intrometer o cadáver na barriga da égua, sendo que os pés ficavam para o lado da vulva, encolhidos ao corpo.

No entanto, segundo senhor Jose de Campos, o crime de Jose Purcina foi descoberto já em estado de decomposição, os pés do morto sai pela vulva da égua, espalhando na região o causo da égua que paria gente (Revista Oeste, 1944, p.16/7)¹⁸.

Esses causos tinham a motivação particular de denunciarem atitudes que não eram aceitas pela sociedade; a narrativa revela um incidente menor envolvendo animais dos dois vizinhos que teve um desfecho desastroso e culminou em um crime e ocultação de cadáver. É valido registrar que esse causo não foi registrado em nenhuma entrevista, no entanto ganhou repercussão ao ser publicado na Revista Oeste. Relatos de assassinatos acompanhados de ocultação de cadáver fazem parte do repertório dos causos locais. Nesse sentido, a análise de Bosi (1992, p.407) nos alerta para a prudência ao afirmar que “é preciso reconhecer que muitas de nossas lembranças ou mesmo de nossas idéias não são originais: foram inspiradas nas conversas com os outros”. Assim, durante as entrevistas os lapsos de memória e as incertezas presentes nas falas reforçam a autenticidade da narrativa, uma vez que a História como manifestação do fazer coletivo incorpora vivências individuais.

Os contadores de causos também gostam de atizar a curiosidade e fazer as pessoas pensarem, como afirma Cascudo (2006). Essa prática consiste em uma

¹⁸ O causo foi publicado pela revista Oeste, segundo testemunhas da época como o senhor Jose Campos, para relatar um assassinato planejado de forma violenta, envolvendo vizinhos de fazenda na década de 1940 (Revista Oeste, Ano III, N°15, Abril de 1944, p.16/7).

recordação do hábito de apresentar enigmas e passar as horas de convívio em decifrá-los. Durante as entrevistas esse tipo de causo é pouco citado. São causos de adivinhação, que no próprio enredo já existe um comentário, um enredo que contempla outros aspectos além do relativo á adivinhação propriamente dita No repertório dos causos não podemos deixar de mencionar o relato no mínimo engraçado de D. Ana Maria Ramos Borges¹⁹:

O homem arrumou a moça para olhar o filho, o menino começou a chorar com fome e como não tinha leite em casa e naquela época era comum o leiteiro deixar garrafa de leite na porta das casas, ela pegou o leite que estava na porta da casa do vizinho e alimentou a criança. Com essa atitude ela dá nome, sobrenome e assinatura para a criança. Qual era o nome da criança? Amadeu Leite Furtado (ENTREVISTA em 15/06/2009).

Os causos relatam fatos do cotidiano e reforça ações descritas no enredo das presentes no ato de contar um fato. “A palavra tal como a enunciaram, não pode estar desvinculada de uma determinada contextura ou de um ser coletivo...” (LANGUE, 2006, p.31). Nesse sentido, o relato reflete as relações de vizinhança e a atitude reprovada de pegar algo alheio, mesmo se tendo uma causa que justifica a referida atitude, além de reforçar o elo entre o espaço rural e urbano manifestada na distribuição do leite. Apesar da fiscalização coibir a entrega do leite nas casas pelos proprietários essa prática ainda persiste em Quirinópolis em pleno século XXI.

Para Antônio Candido (2001) há um diálogo constante entre os espaços urbano e rural. Nesse sentido, não existe obstáculo que impeça o diálogo entre esses espaços culturais diferenciados e nas entrevistas fica claro a proximidade dos mesmos, seja na obtenção de produtos da cidade ou nos momentos de lazer. Assim, são os sujeitos históricos os atores sociais que em constante movimento superam e determinam os modos de vida de uma sociedade.

¹⁹ Residiu na zona rural por muitos anos, e vive em Quirinópolis, a mais de trinta anos (Entrevista em 15/06/2010).

Os casos, nas palavras de Cascudo (2006), refletem preocupações com as questões morais, sempre reforçando por meio de exemplos, as atitudes corretas, mesmo que para isso as narrativas apresentem situações reflexivas, atitudes de ações reprovativas no meio social ou mesmo reforcem atitudes corretas, valorizando, por exemplo, a sabedoria e o controle social, como no caso dos quatro conselhos. Este foi relatado por D. Terezinha Marcolina de Jesus²⁰, que recorda sua vida, na fase infantil:

Ha tempo um homem saiu de casa deixando mulher e filho pra ir trabalhar. Antes de sair deu um anel a mulher. O homem arranhou trabalho e trabalhou em uma fazenda e ganhou 4 mil réis. Então, depois de 20 anos de trabalho resolveu voltar pra casa. Na hora da saída o patrão perguntou se o homem queria receber o dinheiro ou preferia receber 4 conselhos. O homem disse que preferia os 4 conselhos. Ah,... antes de ir embora, o velho patrão separou alguns pães pra ele comer durante a viagem, separou 4 e recomendou que só abrisse junto da família. O homem antes de sair recebeu 4 conselhos : nunca faça pergunta daquilo que não é de sua conta, prefira o caminho mais longo ao atajo, nunca durma na casa de homem velho com mulher nova e por último só fazer uma coisa quando vê e rever. O homem partiu, encontrou uma casa e pediu comida, o dono da casa chamou ele na cozinha tinha de um lado uma catacumba e do outro palmatória e colocou uma cabeça seca no canto da mesa, e o homem nada falou. Após o jantar o dono da casa perguntou por que ele não perguntou nada sobre a cabeça da sogra que estava sobre a mesa. Ele disse não ser de sua conta, e o homem respondeu que bom porque se tivesse perguntado eu te matava como fiz com os outros. Então o homem lembrou do primeiro conselho. Seguindo viagem, o homem encontrou três rapazes e tinha que seguir pelo atajo ou dar a volta. Os rapazes decidiram ir pelo atajo, o homem

²⁰ Residiu durante muitos anos na zona rural do município de Quirinópolis, há mais de trinta anos na cidade. É uma senhora de 79 anos, benzedeira conhecida pela comunidade local (Entrevista em 12/07/2010).

pensou e foi pelo caminho mais longo. Os rapazes foram atacado por onças e apenas um sobreviveu todo rasgado e mordido.

Andando mais um pouco, chegaram á casa de uma mulher jovem e marido mais velho. O senhor convidou os dois para dormir dentro da casa, mas o homem pensou e resolveu dormir de fora, dentro de um carro de bois, lá fora. A noite um homem chegou vestido de padre e a mulher disse que tinha um homem todo rasgado e machucado dormindo dentro de casa, e disse que ele podia matar o velho e curpa o moço.

Nisso, o homem já estava embaixo do carro de bois e cortou um pedaço da batina do homem que matou o velho. No outro dia o homem disse á polícia que quem matou o velho foi um padre. O policial mandou trazer três padres da cidade e o terceiro faltava um pedaço da barra, e o homem apontou o assassino.

Por fim, o homem chegou a casa e viu uma mulher com um rapaz deitado no seu colo. Ele pensou em matar o moço, mas lembrou do conselho. Pediu café a mulher pra ver se ela tinha o anel no dedo, e quando ela foi servir o rapaz disse que ela na divia da o café a um estranho, então o homem disse que era seu pai. O homem, a mulher e o filho que era padre abriram os 4 pães, conforme o conselho do patrão que estava recheado com 4 mil contos de réis, mil réis em cada pão. O homem pensou se não fosse os 4 conselhos ele não tinha chegado vivo em casa (ENTREVISTA em 12/07/2010).

Segundo Cascudo esse tipo de caso é comum entre os camponeses e trazem a moral sensível e popular, além de fácil percepção no enredo. Para ele “(...) o elemento natural é o conselho, o que deve fazer ou evitar, as lembranças de atos de inteligência para a defesa legítima da vida, da honra ou da tranqüilidade social” (CASCUDO, 2006, p. 298). A questão da honra é um fato reforçado nas entrevistas dos idosos, pois em nome desta honra as pessoas mais velhas relatam que ocorria até morte caso um dos envolvidos na questão não cumprisse com a palavra empenhada; tanto nas questões familiares como nos negócios e tais atitudes eram aprovadas no contexto social. O trecho do caso reforça uma atitude reprovada que envolve a honra.

Essa preocupação com a honra também é abordada na obra *Entre árvores e esquecimento* na qual Leonardi (1996) ao discutir a relação entre História e Sertão faz alusão ao tratamento respeitoso entre as pessoas e a fidelidade à palavra empenhada. Essa prática em Quirinópolis era levada a sério, principalmente nas negociações importantes como a compra e a venda de terras e mesmo animais que eram feitas sem a assinatura de papel, somente a partir do empenho da palavra dos negociantes. Era comum dizer que a garantia da palavra eram os fios do bigode, ou seja, o símbolo da masculinidade, a garantia da honra de um homem, o aval para o cumprimento do negócio, que muitas vezes não envolvia dinheiro, mas permuta (troca) de produtos no meio rural. Nessa assertiva, as mudanças verificadas nas práticas cotidianas são justificadas por Certeau (1996, p.207):

Só uma língua morta não sofre modificações, só a ausência de qualquer residente respeita a ordem imóvel das coisas. A vida entretém e desloca, ela usa, quebra e refaz, ela cria novas configurações de seres e de objetos, através das práticas cotidianas dos vivo, sempre semelhantes e diferentes

Nas narrativas é comum a referência á fé e à religiosidade em geral enquanto premissa de proteção contra os males, sobretudo do espírito; havia pessoas dispostas aos sacrifícios físicos e horas dedicadas a orações, a fim de alcançarem o perdão divino ou mesmo demonstração de agradecimento pelas graças alcançadas. Na classificação dos contos de Cascudo (2006) tais contos refletem a mentalidade coletiva e impõem ao personagem mentalidade, ações, palavras e sentenças de acordo com o sentimento local. Nesse tipo de conto prevalece o sobrenatural cristão no Brasil e a natureza moral desses contos é denunciada pelos vestígios de rituais “(...) de respeitoso uso do sagrado, talvez restos de pregações esquecidas, mas tornadas populares pela sua simplicidade” (CASCUDO, 2006, p.336). Os casos de penitência são comuns, como afirma D. Rosivalda de Jesus²¹:

²¹ Moradora da zona rural relembra as penitências comuns nas fazendas, especialmente clamando por chuva. Há trinta e dois anos mora em Quirinópolis (Entrevista em 18/07/2009).

Subir no morro com garrafa de água na cabeça para aguar a cruz.
Dona Maria e seus 7 filhos de 3,4,5,6,7,8 e 9 anos subia o morro e,
dobrava onde tinha um cemitério e, orava. Eles andavam um
quilômetro, buscava pedra no rio e, ainda subia o morro cantando:
“louvando a Maria o povo fiel.
A voz repetia de São Gabriel.
Ave, ave, ave, Maria. (Bis).
O anjo descendo num raio de luz,
Feliz Bernadete, a fonte conduz.
Ave, ave, ave Maria (Bis) (ENTREVISTA em 18/07/2009).

Segundo Pessoa (2005, p.52) a relação entre as pessoas e o mundo rural passa pela experiência da transcendentalidade, o que implica em forte ligação religiosa por toda a vida e afirma que “o camponês organiza sua vida pelas coisas concretas e pela religiosidade”. Assim, as práticas cotidianas estão presentes no calendário religioso. Com relação ao caso ora descrito é válido registrar que era comum em épocas prolongadas de estiagem a prática da penitência pedindo a Deus para mandar a chuva para possibilitar o plantio ou mesmo a colheita da lavoura em perigo.

Além das penitências, era comum na comunidade a presença de benzedeadas, pessoas respeitadas na comunidade como símbolos de fé; eram elas que rezavam o terço, faziam a própria benção de adultos, e especialmente, crianças, além de fabricarem remédios ou água benta. A existência das benzedeadas é algo forte no interior de Goiás e muitas vezes atuavam como parteiras e mesmo curandeiras em detrimento da falta de médicos e remédios. Esse fato é reforçado na obra de França (1995), *Pioneiros* na qual o autor relata a importância das mesmas no mesmo período em Jataí quando atuavam na zona rural do referido município. Em Quirinópolis, a atividade dessas pessoas é relatada no caso narrado por D. Onice de Freitas Silva²²:

²² Foi entre as décadas de 1950 e 1970, trabalhadora rural com sua família e há quatro décadas vive em Quirinópolis; lembra de muitos casos contados pelo padrasto e esposo (Entrevista em 05/09/2010, Quirinópolis).

Eu ouvi quando era criança a história de uma parteira, que além de parteira divulgava a fé. Na casa da parteira tinha um cruzeiro na porta da casa. Ah, também tinha muita flor e era cercada de madeira em pé, e um rego d' água. No cruzeiro ela fazia benção, dava água benta, rezava terço. A água benta ela pegava no rego, um dia um homem viu um cavalo morto na água que ia pro rego..., haaaaa (ENTREVISTA em 05/09/2010).

É recorrente na fala dos entrevistados a referência a figura de Deus e do demônio (nomeado de diversas maneiras) os quais sempre estavam imbricados na vida e lida diária do homem do campo para justificar punições e mesmo escapar das armadilhas do “arteiro” que interferem na convivência entre as pessoas e dessas com os animais. No Brasil, os causos perdem a dimensão religiosa, mas permanecem no cotidiano como marco de devoção, assim justificando a intervenção divina mediante a insistente presença de forças “malignas” que permanecem no cenário local.

Os relatos dos idosos não eram apenas de cunho religiosos ou mesmo humorísticos, mas refletiam as situações imprevistas, materiais e morais. Nesse contexto muitos causos tinham como propósito comprovar um sentimento moral, de aprovação, crítica, repulsa ou apenas fixação de valores morais denominados facécias, como por exemplo, o caso da graça de Terezinha Morais de Jesus²³:

Meu pai contava que quando era menino tinha que respeita os mais velhos, se não apanhava. Um dia um velho passando pelo Val (burraco feito para separar as fazendas, quando ainda não se tinha cerca), meu pai que era minino perguntou ao senhor: Qual é sua graça? (nome) O senhor mal humorado respondeu: a graça e essa que oçê ta veno. Meu pai voltou enfezado com o senhor sem educação. Noutra dia o senhor voltou tocando o gado que não queria

²³ Sempre morou na zona rural, a princípio com os pais e mais tarde com o esposo. Atualmente ainda reside na Fazenda Sete Lagoas e se lembra de muitos causos repassados principalmente pelo pai (Entrevista na Fazenda Sete Lagoas, 27/07/2010).

passar no Val e ele se vingou falano: aí, essa é sua graça, os boi não passa no Val. Saiu rindo e quando seu pai perguntou o que tinha acontecido ele contou a história; o seu pai nem passou sermão, ficou foi rindo do acontecido (ENTREVISTA em 28/07/2010).

Assim, a narrativa reforça atitudes positivas e favorece à reflexão por meio de relatos de cunho negativo que deveriam ser evitados no meio social. “Rememora discussões e acontecimentos e também ensina aos ouvintes como enfrentar situações semelhantes; um convite à participação na história, ao acompanhamento, ao forte envolvimento no que está sendo contado” (MONTENEGRO, 2006, p.44).

Os relatos remetem à infância dos entrevistados que trazem na memória vestígios da vida no campo e para Ferreira (2003, p.67) “será sempre incompleto um discurso sobre a memória, do mesmo jeito que a memória abarca e despreza fatos e coisas e outras fazem renascer vivificadas e perenes”. No próximo relato é possível observar também o tratamento dispensado às crianças, às relações de poder, sendo que as crianças deviam obedecer sem questionar as atitudes dos adultos, uma vez que, pedir a benção e responder “sim senhor” eram práticas corriqueiras, estendidas não só aos membros da família, mas às pessoas mais velhas da comunidade que podiam inclusive aplicar castigos aos jovens “atrevidos”, independente das relações de parentesco com os pais das crianças e jovens.

As narrativas também nos presenteiam com fatos inusitados e sempre relacionados à vida no campo; as pessoas da comunidade rural demonstram respeito às pessoas de maior instrução sendo que esta nesse caso refere-se à escolaridade. Os relatos promovem a reflexão e, às vezes, gargalhadas pela sutileza do acontecimento descrito. Langue ((2006) nos alerta que as fontes ao superarem as barreiras do silêncio, permitem reavivar palavras esquecidas e possibilitam vislumbrar novas formas de alteridade e resistência como atesta o caso de D. Messias Antunes Costa²⁴:

²⁴ Passou parte da vida residindo na propriedade da família na região do Paredão, no município de Quirinópolis; na década de 1970 passou a residir na cidade. Atualmente é uma senhora aposentada que ainda relata os casos aos netos (Entrevista em Quirinópolis, 30/07/2010).

Uma mulher muito simples, sem estudo, tava com o filho doente e trouxe o menino pro doutor examinar. O doutor receitou um remédio e falou para a mulher para ela dar o remédio toda vez que o galo cantasse. Passado alguns dias a mulher e o menino voltou no doutor, e o doutor perguntou: E ai sarou? A mulher falou que o menino sarou, mas o galo morreu (ENTREVISTA em 05/09/2010).

Os idosos também relatam situações que nem sempre abordam valores positivos no âmbito social, mas, pelo contrário, reforçam ou denunciam atitudes preconceituosas comuns no país como a disseminação do preconceito racial. Leonardi (1996, p. 143-4) afirma que “muitos desses preconceitos e lugares-comuns passaram para o século XX. É desse contexto incerto e ultracontraditório que as ideologias racistas, em suas várias versões brasileiras (...), se alimentam”. Essa realidade do preconceito racial é enfatizada como, por exemplo, no caso do rapaz que queria se casar do Sr. Odon da Silva Borges²⁵:

O rapaz falou para o pai que queria se casar com a Bastiana, e ela negra, e o pai só falava pra ele “ela é preta!” e o rapaz falava “mais eu quero casa com a Bastiana!” e o pai falava “mai ela é preta!”. Mas o rapaz casou. Passado alguns anos, os filhos dele já eram grandinhos, o rapaz chegou na casa do pai cedo, almoçou, lanchou, jantou e foi ficando tarde quando o pai pergunta “não vai pra sua casa”? E o filho começa a reclamar da esposa, dizendo que ela é feia, enjoada e etc., e o pai do rapaz, muito bravo, diz. “Vai cuida de seus filhos, dá sua nega, eu te falei que ela era preta! (ENTREVISTA em 12/06/2009)

Os casos nos permitem trilhar vários caminhos e podem nos conduzir a ambientes tranquilos, a entrar em contato com a simplicidade e a calma do homem

²⁵ Teve a vida entrelaçada ao ambiente rural, atualmente vive na cidade e ainda mantém o hábito de contar casos (Entrevista em Quirinópolis, 12/06/2010).

do campo, hospitaleiro, mas que, por outro lado, não está disposto a conviver com abusos e falta de respeito, pois “tendo conseguido elaborar formas de equilíbrio ecológico e social, o caipira se apegou a elas como expressão de sua própria razão de ser, enquanto tipo de cultura e sociabilidade” (CÂNDIDO, 2001, p.82).

Nas palavras do referido autor o uso do termo caipira não tem conotação pejorativa e refere à especificidade da cultura do homem do campo. O referido caso exalte a sabedoria e paciência do homem do campo frente à intolerância e a pressa do homem da cidade. O fato está presente na fala e nas atitudes da “suposta superioridade” do homem citado em relação ao campesino como relata senhor Joaquim Augusto dos Santos²⁶:

Seu Chico listado; (por causa das calças e camisas listradas que usava) morava em uma fazenda abandonada. Ia à cidade duas vezes por ano. A fazenda onde ele morava tinha uma paisagem muito bonita. De vez em quando aparecia alguém por lá, de jeep ou moto praticar trilha entre as montanhas.

Certo dia seu Chico estava sentado no barranco da estrada próximo da porteira, de repente apareceu um trilheiro com um jeep todo embarreado, pilotando o jeep estava um playboy muito Mal educado com um cachorro no banco do passageiro. Foi logo gritando:

-Ei velho, abre logo esta porteira que não tenho tempo a perder, se demorar muito eu solto meu cachorro e mando ele mata esse seu vira lata.

- Seu Chico, muito calmo, com seu paeiro na boca falou: oia moço se eu foci oçe naum sortava seu cachorro naum.

- Ta querendo dizer que este cachorro magro, amarelo, desnutrido vai bater em meu tronco de cachorrão?

_Oia moço, bate num sei naum, mais que vai matá na primeira dentada vai.

- Qual que é velho. Eu confio no meu troço do cachorrão, e vou soltar agora mesmo, e soltou o tronco do cachorrão prá cima do cachorrão

²⁶ Residiu na região da zona rural e após anos de trabalho, passou a residir em Quirinópolis. Atualmente é aposentado, mas ainda relembra de casos repassados por idosos (Entrevista em Quirinópolis, 05/06/2009).

amarelo de seu Chico. Foi um único tapa e uma dentada na garganta, e o tronco do cachorrão ficou se estribuchando no todo ensangüentado.

- Que diabo de cachorro é esse! Qual é a raça dele? Onde você conseguiu este cachorro?

_ Eu tentei ti avisá naum. Onde arrumei ele, foi na urtima ida na cidade quando eu passava lá ondi tava o circu, vi esse bicho lá morrendo de fome, com o pescoço todo cabeludo, tozei eli, dei umas galinhas prá modo de mata a fome dele, hoje é meu miór amigo (ENTREVISTA em 05/06/2009).

É válido registrar que além da presença da contribuição portuguesa são notórias a africana e a indígena na Literatura Oral no Brasil. Nessa discussão, Romero (2000) afirma que os contos refletem a ação direta das três raças na qual a influência do mestiço ainda é insignificante, a não ser como agente transformador, assim “temos contos de origem portuguesa (ariana), indígena (...), africana (...) e mestiça (formação regente)” (ROMERO, 2000, p.16). Dentre os contos de origem indígena destacam-se os grandes ciclos de contos da raposa (micura). Por outro lado, os negros também contribuíram e diversos contos de origem africana permanecem entre nós. Eles diferem do conto português por não serem tão fantasiosos, mas nas palavras de referido autor merecem ser apreciados pela comunidade.

Os causos de origem européia podem revelar riqueza no imaginário encantado como afirma, Cascudo (2006) ao caracterizar os Contos de Encantamento. Nesse tipo de conto havia o elemento sobrenatural, o encantamento, virtudes acima da natureza humana. “A personificação do VELHO ou DA VELHA materializa sempre os extremos espirituais. E o BRUXO, a feiticeira, ou NOSSA SENHORA” (CASCUDO, 2006, p.287). Entre todos os contos presentes no Brasil é o de maior porcentagem européia.

A maioria dos contos encantados são oriundas Portugal e adquiriram características específicas do Brasil, devido às histórias locais. Entre os idosos, em Quirinópolis, durante a pesquisa foi possível verificar uma pequena incidência dos mesmos e quando mencionados as pessoas explicavam que lembravam apenas de

palavras vagas ou mesmo o nome do causo que ouvira de seus pais, avós ou outras pessoas da família ou mesmo da vizinhança, sendo na maioria das vezes incapazes de contar o referido causo. Esse aspecto de esquecimento relativo aos relatos dos causos é justificado por Halbwachs (2006, p.39) ao ressaltar que “para que a memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos. (...). É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros...”.

Mas a memória insistente em não se perder no tempo nos presenteia com situações inusitadas ligadas ao imaginário e envolvendo pessoas, animais, espaço e, acima de tudo, a presença de seres encantados aos olhos das crianças e também dos adultos como, por exemplo, no causo do cabelo encantado do senhor Wander Pereira Silva²⁷.

Era uma vez dois rapazes perdidos em deserto, os dois montados em burros e tinham um cachorro encantado que acompanhava os dois. Depois de andar muito encontraram uma velha na boca de um buraco. A velha convidou os dois para entrar, um dos rapazes sabia que era uma serpente disfarçada de velha, e disse pro outro: Quando ela te der um fio de cabelo pra amarra o burro você finge que marra, mas não marra não. A velha disse entrem venha ver o salão, você já ouviu a história do cabelo? Um dos rapaz disse que sim, então ela deu um fio de cabelo para cada rapaz e mandou eles amarrar o burro e o cachorro la fora do salão. Um dos rapaz amarrou bem amarrado o burro e o outro fez que amarro mas não amarro o outro burro. Quando o rapaz entrou ela gritou: valei-me fio de cabelo. E então os fio de cabelo transformaram em serpentes, mas um rapaz e um burro estavam amarrados e o outro burro, o cachorro e outro rapaz estava solto. A velha se transformou em serpente e tentou matar os rapazes pra comer, mas dessa vez foi a bruxa que comia gente que morreu lutano com o rapaz solto o burro e o cachorro que veio ajuda a vence a bruxa que era serpente, que usava o encanto do fio de cabelo (ENTREVISTA em 06/07/2010).

²⁷ Durante muitos anos trabalhou na agricultura morando em diversas fazendas, ouvindo e repassando os contos. Há mais de trinta anos passou a viver na cidade (Entrevista em 06/07/2010).

Nas palavras de White a narrativa é construída durante a fala e esta pode configurar-se de diferentes maneiras, uma vez que está ligada ao posicionamento do autor, pois este se impõe entre a coisa a ser representada e a sua representação. A presença do autor deixa sua marca, pois é ele quem constrói o discurso e isso significa que existe uma gama de possibilidades de figuração e que nenhuma delas pode ser excluída.

(...) as narrativas históricas não são apenas modelos passados. Vista de um modo puramente formal, uma narrativa histórica é não só uma *reprodução* dos acontecimentos nela relatados, mas também um *complexo de símbolos* que nos fornece direções para encontrar um *ícone* da estrutura desses acontecimentos em nossa tradição literária (WHITE, 2001, p.105).

Nesse tipo de relato um fato pouco provável tem como protagonista uma bruxa que aguça e revolta os ouvintes e esta sempre disposta a prejudicar os humanos, aparentemente fracos e indefesos diante de suas maldades, mas que no final da trama é vencida pelas forças do bem e traz em si um elemento específico, a bruxa, sempre descrita como uma mulher de aparência velha, alta, magra, corcunda, queixo fino, que aparece para as crianças teimosas durante a noite, podendo não só causar medo como até levá-los consigo. Nas palavras de Cascudo (2002) a bruxa transforma-se em borboleta noturna que, infelizmente, não foram mencionadas nas entrevistas. A referência à bruxa só aparece tendo como objetivo reforçar a obediência infantil.

Além desses contos podemos citar os de encantamento que trazem as fadas encantadas, como o caso da gata borralheira; para Cascudo este conto é de origem europeia é um dos mais divulgados no Brasil. É válido destacar que esse tipo de caso difere dos casos camponeses, o que denota a influência da colonização salientada nos estudos de Bosi (1992) presente no interior do Brasil. O caso de Luciene da Luz²⁸:

²⁸ Durante a vida fez doces nas fazendas e sempre gostou de ouvir e contar casos. Após anos de trabalho árduo no campo passou a residir na cidade há aproximadamente três décadas, local no qual vive como aposentada (Entrevista em 15/07/2010).

Esse é um caso do tempo dos antigos, de encantamento mesmo. Era uma vez um castelo onde tinha rei, rainha e nasceu uma princesa. Mas, hummmm... não lembro o motivo a rainha morreu. Ai, o rei casou com uma mulher muito má que tinha duas filhas. Ah, o rei também morreu e ai a madrasta má e suas duas filhas obrigava a pobre princesa a trabalhar como uma escrava, lavar e limpar, cozinhar no castelo. Um belo dia o rei convidou todas as moças para participar de um baile no castelo. A madrasta malvada não deixou a moça ir dizendo: você não tem roupas, e, além disso, tem muitos afazeres no castelo. Então a madrasta e as filhas saíram e a pobre Maria borralheira pôs-se a chorar e cuidar o castelo. Então apareceu uma fada madrinha com uma farinha de condão e disse á gata borralheira que ela ia a festa se assim desejasse. Ai, transformou o rato em cavalo, as aboboras em carruagem, e o vestido.... esqueci do que, mas a gata borralheira ganhou um lindo vestido e sapatinhos de vidro. Ela estava linda e então a fada madrinha disse que quando fosse meia noite o encanto seria desfeito. A bela moça chegou ao castelo despertando curiosidade, admiração e inveja das outras moças. O príncipe, encantado com a beleza da moça, a convidou pra dançar. Mas no meio da dança o relógio tocou e ela se lembrou do que a fada madrinha tinha falado. Saiu correndo do baile e perdeu um sapatinho de vidro. O príncipe ficou muito triste e o rei mandou que todas as moças do reino experimentassem o sapatinho de vidro. Um dia chegou à casa da madrasta má e suas irmãs tentaram em vão calçar o pequeno sapato. Então, o emissário do rei perguntou a madrasta: Não existe outro moça no castelo? A madrasta respondeu: não, somente uma gata borralheira na beira do fogão. O emissário do rei disse: É ordem do rei que todas as moças experimentem o sapato. A madrasta chamou a gata borralheira que calçou o sapato e então, casou-se com o príncipe e os dois foram felizes para sempre (ENTREVISTA em 15/07/2009).

Segundo Romero (2002), o caso da Maria borralheira é um conto de origem européia; nesse aspecto é nítida a diferença entre a versão portuguesa e da comunidade local, pois ocorre uma modificação substancial entre as duas versões

compreendidas levando em conta as especificidades locais; a diferença começa no anjo da guarda da Maria Borralheira, que na versão portuguesa é vivida por uma vaca, enquanto no Brasil a benfeitora é uma fada. “Maria tinha uma vaquinha, que sua mãe lhe tinha deixado: vendo-se tão atarefada, correu e foi ter com a vaquinha e lhe contou, chorando, os seus trabalhos” (ROMERO, 2002, p.105).

A fala é de suma importância no sentido ao fornecer argumentos em torno de um saber divulgado ao longo dos processos de sociabilização. A capacidade de falar e de comunicar ideias permite a transmissão dos causos pelas pessoas idosas da comunidade local que ao longo das narrativas os reelaboram e reescrevem no contexto social. “A descoberta e a apropriação da fala resultam num processo de interiorização e transformação do imaginário popular que se reconhece, que se redesenha em um outro lugar da sociedade” (MONTENEGRO, 2006, p.40). Darnton (1986) comunga com Montenegro quanto ao significado dos contos e afirma que os contadores de história reelaboram as narrativas à sua maneira, usando-as para recompor um quadro de realidade, significativo às pessoas da comunidade.

A necessidade de explicar os fatos aparentemente intrigantes é comum ao longo da história da humanidade. Esse tipo de caso é classificado por Cascudo (2006) como de Conto Etiológico, um tipo de conto que “(...) foi inventado para explicar e dar razão de ser de um aspecto, propriedade, caráter de qualquer ente natural” (CASCUDO, 2006, p.339). Vale ressaltar que não são comuns na comunidade local, que na maioria das vezes os narradores reconhecem ter ouvido, mas não conseguem buscar na memória, assim, grande parte dos idosos já o esqueceram e não os repassam aos jovens.

Contudo, é válido registrar que os causos explicativos, curiosos e mesmo engraçados revelam explicações para situações naturais e sociais. Segundo Certeau (1996) fazer referências aos causos enquanto lugar de onde se pode construir uma narrativa histórica é reconhecer os sentidos que estão por trás dos gestos, do timbre de voz, da expressão facial e mesmo do saudosismo dos tempos de infância. Nota-se a presença da saudade nos relatos de muitos entrevistados que sentem saudades específicas ligadas às suas vidas no campo e, “por isso a saudade, que parece ser um sentimento universal e inerente a todos os humanos, na verdade define-se histórica e culturalmente, à medida que nós, humanos, não sentimos saudade das mesmas coisas: cada tempo tem suas saudades” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2006, p.118). O primeiro caso relata o capricho da natureza que justifica a

aparência do sapo que muitas vezes motiva arrepios e desperta curiosidades; na comunidade local e muitas pessoas o associam a prática de bruxarias, mas os causos priorizam de forma geral a aparência do sapo como no relato do sapo achatado narrado por Rita Maria de Jesus²⁹:

Era uma vez uma festa no céu e o sapo que não voava não podia ir à festa. Como os outros animais não queriam levar ele, resolveu entrar dentro de um violão e chegou no céu. No final da festa todos foram embora e o pobre sapo foi varrido pra terra, ficou em pedaços. Os outros animais vendo o sapo todo achatado e esborachado juntaram os pedaços pra colar. Por isso o sapo é chato e todo cheio de remendos no seu corpo (ENTREVISTA em 15/06/2009).

Os causos refletem também a diversidade manifesta na aparência de pessoas que em especial faz alusão ao fato de uma pessoa de pele branca apresentar cabelos característicos da “raça negra”. Segundo Delgado (2003) a memória contém inúmeras potencialidades, haja vista que traz consigo a marca dos elementos fundadores, além daqueles que conformam as identidades e as relações do poder. Nesse sentido, o considerado diferente na sociedade desperta a existência do preconceito e da vingança como o causo do negro aço da Sra. Messias Antunes Costa³⁰:

Era uma vez uma princesa que vivia em um castelo, um dia ela vendo um negro, fazendo cara de nojo. O negro disse: você vai ter um fio meu. A princesa apareceu grávida e apavorada fez uma

²⁹ Ainda reside na zona rural do município de Quirinópolis, cuida de animais e uma pequena horta; quando visita dos netos ainda relata causos de sua infância (Entrevista em 15/06/2009).

³⁰ Passou parte da vida residindo na propriedade da família na região do Paredão, no município de Quirinópolis; na década de 1970 passou a residir na cidade. Atualmente é uma senhora aposentada que ainda relata os causos aos jovens (Entrevista em Quirinópolis, 30/07/2010).

promessa, se o filho nascesse branco ela ia libertá os negros. A criança nasceu branca com um papel na mão que estava escrito: “em quem eu jogar o papel, é meu pai”. Os homens foram chamados no castelo e a criança não jogava o papel.” A princesa lembrou do que o negro falou e mandou chamar os negros, e quando aquele passou ele jogou o papel. A criança era branca, mas com cabelo de preto. O chamado negro aço (ENTREVISTA em 30/07/2010).

Os animais do convívio social que faziam parte do cardápio de algumas famílias por meio da caça de fins de semana também apresentam explicações que envolvem a especificidade da espécie, como o caso que se refere à situação natural do coelho que mesmo encantador tem um rabo curtinho, fato explicado pelo caso do coelho pitoco, relato da Sra.Maria da Silva³¹:

Era uma vez um coelho rabudo e um cachorro pitoco. O cachorro queria rabo que coelho tinha com fartura, então o cachorro tomou o rabo do coelho que pedia seu rabo de volta. O cachorro então disse que só devolvia o rabo ao coelho se o coelho trouxesse leite. O coelho foi até a vaca e pediu um pouco de leite, mas a vaca disse que dava se ganhasse um pouco de água, hummm, esqueci um pedaço, mas no final o coelho conseguiu um pouco de leite e o cachorro devolveu um pedaço do rabo pro coelho. É por isso que o coelho é pitoco (ENTREVISTA em 30/07/2010).

Os relatos são variados e envolvem uma diversidade de temas como, por exemplo, as questões socioeconômicas abordadas no caso da fortuna, o qual revela uma explicação inusitada para justificar a fortuna de uma pessoa. É importante compreender a dimensão social do fato relatado, pois, o mesmo tem

³¹ Trabalhou na lavoura com a família, sempre ouviu muitos casos dos mais velhos da comunidade, especialmente a respeito de morte. Após aposentar-se passou a viver em Quirinópolis desde a década de 1970 (Entrevista em 15/07/2010).

como prioridade dar uma explicação à sociedade da aquisição de riqueza de uma pessoa que aparentemente não tinha condições de se acender socialmente de forma rápida. “(...) a prática cotidiana restaura com paciência e tenacidade, uma resistência à imposição (de um modelo, de um sistema ou de uma ordem): pode fazer é tomar a própria distância, de defender a autonomia de algo próprio” (CERTEAU, GIARD, MAYOL, 1996, p.340). Nessa perspectiva a senhora Márcia Pires de Souza³² relata que:

Certo dia chegou numa fazenda um peão boiadeiro, muito cansado pedindo poso ao dono da fazenda, que foi logo dizendo lá embaixo daquele monte tem um rancho se você tiver muita coragem eu te ofereço poso por essa noite. Só tem um porém, disse o senhor: todos os peão que lá dormiram amanheceram morto. O peão muito cansado foi logo aceitando e agradecendo o poso. Chegando lá foi desfazendo suas bagage, acendendo um fogareiro para assar um pedaço de carne. Tomou um bom banho no riacho. Logo em seguida armou sua rede. Nisso a carne já estava assada, ele comeu e foi dormir. Logo, começou ouvir uma voz falando assim, eu vou cair. O peão muito cansado falou pode cair. Em seguida caiu o braço, i a voz continuou falando eu vou cair. O peão continuou falando pode cair E nisso foi só caindo pedaço até formar um esqueleto muito feio. Que falou para o peão você foi muito corajoso. Por isso, vai ficar muito rico, muito rico mesmo. A voz ordenou o peão a pegar uma enxada e cavar bem embaixo onde estava armado sua rede. Isso fez o peão que logo encontrou um baú bem grande carregado de pedras preciosas e muito diamante (ENTREVISTA em 20/08/2010).

Os entrevistados não omitem o tema da morte, mas pelo contrário referem-se a ela com respeito, uma vez que tais relatos despertam a atenção dos ouvintes, fazem parte do cotidiano e se presentificam nas histórias; nestas a morte torna-se

³² Morou em várias fazendas no município de Quirinópolis, onde estudou nas séries iniciais. No final da década de 1960, passou a residir em Quirinópolis, continua trabalhando nas residências.

personagem central com propósito bem definido — levar da comunidade pessoas que já cumpriram seu tempo entre os vivos, independente de sua vontade, e, apesar da astúcia de alguns eleitos, a morte releva-se implacável, soberana e vitoriosa. Na concepção de Certeau (1994, p.152) “a narrativização das práticas seria ‘uma maneira de fazer’ textual, com seus procedimentos e táticas próprias”.

Segundo Cascudo a morte é sempre vencedora. Aceita apadrinhar crianças, mas fatalmente volta e cobra a passagem, não tem acordo de fato. A morte é sempre vencedora, seu caráter é irrevogável. “Um sucesso sobre a morte é aparente, um simples adiantamento rápido, (...) consentido porque a morte é soberana, pairando acima de todos e de tudo, na terra” (CASCUDO, 2006, p.360). A morte revela a relação entre a esperteza e o destino evidente no caso da Sra. Maria de Jesus:³³ (ENTREVISTA em 15/07/2010):

Quando eu era menina minha vó contava o caso da comadre morte. Era uma vez um homem que morria de medo da morte, e então ele decidiu fazer amizade com ela, quando seu filho nasceu ele convidou a morte para ser a madrinha da criança. Ele aproveitou do parentesco pra pedi a comade que não viesse buscá ele. A comadre explicou que num tinha jeito não. Ela podia avisa prele alguns dias antes dela busca ele. O compadi triste, concordô. Passados uns 20 anos, a comade vem faze uma visita e avisa prele que ele tem uma semana, antes dela vim busca. Ele fico matutano com sua mulher como enganá a comade e fica por aqui,riiiii. Ele cumbino com a mulher que quando ela chegasse ela pra ela fala que ele tinha esquicido da visita e foi pra cidade., mas ele vestiu de negro velho pintou a cara de preto e foi pra cozinha. A morte chegou e ficou muito chatiada com o cumpade que não tava isperando por ela. Intão a comade que tinha que levá uma pessoa quum ela, viu o negro na cozinha no escuro e resolveu leva o pobre. A mulher não conseguiu fala nada, a comade encosto no home e ele caiu durin no chão, .rrrrr.

³³ Trabalhou na lavoura com a família, sempre ouviu muitos casos dos mais velhos da comunidade, especialmente a respeito de morte. Após aposentar-se passou a viver em Quirinópolis desde a década de 1970 (Entrevista em 15/07/2010).

Nos causos o tempo também é um elemento associado á morte, e nas conversas informais é comum nos velórios, argumentos que possam trazer o conformismo da família e amigos, quando se trata de idosos, ou de pessoas doentes, ou o inconformismo, quando o infortuno acontece com jovens. Nas palavras de Delgado (2006, p. 32) “reconhecer a essência de um tempo é encontrar valores, culturas, modos de vida, representações, hábitos, enfim uma gama de variações que, em sua pluralidade, constituem a vida das comunidades humanas”. Nesse sentido, fica evidente na fala dos entrevistados que faz alusão à morte, uma lógica em que as pessoas mais velhas morram primeiro que as jovens, assim respeitando um processo natural. Outro aspecto abordado é a relação entre o tempo e a necessidade de praticar boas ações durante a vida, uma preocupação constante das pessoas da comunidade, como afirma D. Maria de Jesus³⁴:

Quando eu era menina minha mãe contava a história do homem que não fazia nada. Todos os convites que ele recebia passava à mulher. Quando tinha reza de terço. Missa, batizado, casamento, sepultamento sempre ele mandava a mulher, pois não tinha tempo. Um dia, chegou á hora da morte e ele pediu a morte que levasse sua mulher, e ela respondeu: Não senhor, chegou a sua hora e não da sua mulher. E ele apavorado disse: Eu não estou pronto. A morte, disse: certamente que não, pois todos os convites feitos ocê negou. Agora é tarde demais, nesse momento a morte o levou. Chegando ao céu encontrou São Pedro que se negou abrir a porta do céu. São Pedro disse: vida sem obras é morta, vá pra baixo com a senhora morte. Agora o que não ti falta é tempo, você tem a eternidade (ENTREVISTA em 15/08/2010).

A preocupação com os valores morais é reforçada nos causos; os conselhos tornam-se evidentes na sutileza dos relatos e trazem no enredo atitudes aceitas pela comunidade, bem como atitudes reprovativas que ferem a honra das pessoas na

³⁴ Trabalhou na lavoura com a família e sempre ouviu muitos causos dos mais velhos da comunidade, especialmente a respeito da morte. Vive em Quirinópolis desde a década de 1970.

comunidade. Bosi (1992) nos chama a atenção para a importância da reconstituição da memória familiar, sendo indispensável o contato com outros grupos, na determinação do enraizamento em um solo comum, dos valores que superam o âmbito individual e cristalizam-se no espaço coletivo.

Segundo Cascudo (2006) os causos que enfatizam a moral é comum entre os camponeses e, de fácil percepção no enredo. “(...) o elemento natural é o conselho, o que deve fazer ou evitar, as lembranças de atos de inteligência para a defesa legítima da vida, da honra ou da tranqüilidade social” (CASCUDO, 2006, p. 298). Assim os exemplos reforçam atitudes positivas e abordam também atitudes reprovadas no meio social, como no caso, dos amigos do alheio como relata a Sra Maria de Fátima Soares³⁵.

Minha mãe contava que conhecia um casal que adorava pegar as coisas dos outro. Naquela época, nas fazenda num tinha cerca pra fazer a divisa de fazenda, e quando uma vaca ou outro animal do vizinho passava pra terra dele, na calada da noite eles marcava o animal com a marca deles. Um dia, minha avó foi até a casa deles e tinha uma água escorrendo no canto da casa, e a vovó perguntou que água era aquela? A mulher disse que não sabia, na verdade era o alheio chorando o dono. Depois de roubar muito as pessoa, certa vez, o casal subiu no mourão da porteira pra conversar sobre a riqueza, que nem Deus podia destrui..Mas depois veio uma peste que matava os animais e acabou com a riqueza deles, e eles tiveram que abandona o lugar. A casa passou a ser parada de peão que tocava o gado a pé, as pessoas contava que ninguém dormia nada lá, era grito, barulho de animais. Minha avó dizia que era os antigo dono da fazenda pedindo perdão pelos roubos, não estavam em paz, depois de morto (ENTREVISTA em 26/07/2010).

³⁵ Passou a maior parte da vida no campo, faz parte de uma família numerosa que tinha o costume de contar, repassar os causos aos jovens; desde a década de 1970 é morada da cidade (Entrevista em Quirinópolis, 26/07/2010).

As narrativas apresentam temas diversificados, que envolvem questões comuns, mas também questões delicadas, consideradas “tabus” no meio social. Nesse aspecto é relevante destacar a preocupação com a questão sexual, que enfrenta a resistência dos idosos em comentar com os filhos, os “segredos” da sexualidade. Nesse sentido, a narrativa enfatiza a dimensão do acontecimento, estabelece o elo para chegar até o ponto de articulação da História com a vida cotidiana. Em Quirinópolis, é comum as pessoas mais velhas relatarem que temiam dar um simples beijo no namorado temendo engravidar, ou mesmo o relato que casaram desconhecendo a vida sexual, que só descobriram com o marido após o enlace matrimonial como relata a Sra. Onice de Freitas Silva³⁶:

Certa vez o homem e uma mulher foram passear numa fazenda, os dois foram andando e vendo o comportamento dos animais. Passando perto do curral o homem viu o boi namorar rapidinho uma vaca e disse a mulher: Que macho forte. A mulher ouviu o comentário do marido e nada falou, andando um pouco mais viu o coelho, o galo, e o cachorro namorando com suas respectivas parceiras. O marido logo viu e comentou ta vendo que macho forte A mulher nada disse Por fim chegaram ao chiqueiro e os porcos namoravam calmamente, quase dormindo por longo tempo O homem viu o namoro dos porcos e disse: que preguiçoso esse porco. Então a mulher disse o porco namora devagar, esta feliz, já o boi tão rápido oçê viu o tamanho do chifre dele? (ENTREVISTA em 05/09/2010).

No entanto, um fato constante nas entrevistas é a alusão às lembranças do tempo da infância, os causos transmitidos por idosos do círculo familiar ou vicinal. Nesses relatos é recorrente a manifestação do saudosismo que os remete a um outro tempo, lugar e convívio com pessoas queridas da infância. Na obra de Bosi (1992, p.18) *Memória e sociedade: Lembranças de velhos*, a referida autora afirma

³⁶ Foi entre as décadas de 1950 e 1970 trabalhadora rural com sua família; há quatro décadas vive em Quirinópolis e lembra de muitos causos contados pelo padrasto e esposo (Entrevista em 05/09/2010, em Quirinópolis).

que: “a função social do velho é lembrar e aconselhar (...), unir o começo e o fim, ligando o que foi e o porvir”. A presença de pessoas idosas no convívio social, na fase da infância, prevalece na memória dos entrevistados e é confirmada por D. Onice Freitas Silva³⁷ a qual relata o caso de exemplo de vida:

Quando eu era criança minha avó contava a história de um senhor de mais de setenta anos. O senhor morava perto de um bosque que tinha muita árvore, fazia muita sombra, mas não tinha árvore pra da fruta e ele resolveu planta. Um dia de manha quando ele estava lá plantano um pé de jabuticaba, um rapaz todo metido perguntou: Uai velho o que o oçê tava fazendo? O senhor respondeu: plantano um pé de Jabuticaba. O rapaz riu e disse: Velho desse jeito pensa que vai chupar as fruta? O velho parou e olhou pro rapaz e disse: Essa e outra que vou planta e pra os outro, jovem como oçê chupa. Nem sempre que nós planta nessa vida nós pode colher. As coisas boas dessa vida (ENTREVISTA em 05/09/2010).

O caso nos apresenta por meio das fontes, acima de tudo, práticas sociais recorrentes no cenário social, que podem trazer tranquilidade ou revelar conflitos. “O debruçar-se sobre o passado através dos documentos leva-nos a perseguir fios, labirintos, níveis distintos de práticas que se tangenciam e que, ao se transformar em narrativa histórica, irão dizer muito a alguns no presente e muito pouco ou mesmo nada a outros” (MONTENEGRO, 2006, p.111). No caso do homem rico e orgulhoso, a atitude do homem tem conseqüências malévolas, situação que poderia ter sido evitada ao longo da própria vida, pela pratica de boas ações, que beneficiasse outras pessoas, nesse caso, pessoas de pouco poder aquisitivo, ou seja, revela ainda uma situação de desigualdade social, comum também no campo,

³⁷ Foi entre as décadas de 1950 e 1970 trabalhadora rural com sua família; há quatro décadas vive em Quirinópolis e lembra de muitos casos contados pelo padrasto e esposo (Entrevista em 05/09/2010, em Quirinópolis).

coexistindo no mesmo espaço pessoas ricas e miseráveis, como revela Paulo da Cruz:³⁸.

Era uma vez um homem muito orgulhoso e ridico. Sempre que ia comer tinha um pobre que comia as migalhas que caia no chão. O Homem rico olhava com nojo para o pobre sempre cheio de feridas que disputava a comida do chão com o cachorro que o lambia suas feridas. Depois de muitos anos o homem rico e o mendigo pobre morreram. O homem pobre foi para o paraíso lá no céu, mas o homem rico foi parar no inferno, queimava o tempo todo. O rico então pedia ao pobre para ele passar a saliva na suas feridas para aliviar sua dor. Mas o pobre homem nada pode fazer, pois o rico não fez nada de bom quando viveu na terra, e agora nem toda a riqueza pode aliviar sua dor (ENTREVISTA em 12/09/2009).

É válido ressaltar que questões morais podem atingir as últimas conseqüências, especialmente quando a situação envolve questões de honra, como o caso da Igrejinha da Serra, transformando em canção a ser divulgada em toda a região. Nessa narrativa em especial, além do relato dos mais velhos o caso também é divulgado por meio da música. Para alguns idosos o empecilho para não abençoar o casamento dos jovens seria a situação financeira, no entanto, para outros o fato era delicado e envolvia a honra dos pais dos noivos. Com relação à segunda explicação, segundo os entrevistados, os casos de adultério eram mantidos em segredo e muitas vezes levados para o túmulo como narra a Sra. Terezinha M. de Jesus³⁹:

³⁸ Trabalhava como diarista nas fazendas, por motivos de saúde, foi residir em Quirinópolis, na década de 1970 (Entrevista em 12/09/2002).

³⁹ Sempre morou na zona rural, a princípio com os pais e mais tarde com o esposo. Atualmente ainda reside na Fazenda Sete Lagoas e se lembra de muitos casos repassados principalmente pelo pai (Entrevista na fazenda Sete Lagoas, 28/07/2010).

Esse caso é verídico e aconteceu há muitos anos no município de Quirinópolis. É o caso de amor de um rapaz com uma moça que não tinha aprovação dos pais. Os dois jovens se apaixonaram, mais foram proibidos de namorar, pois o moço era pobre e a moça rica, então suicidaram-se encima da serra. A moça e o rapaz beberam veneno e morreram. Essa história triste de amor proibido é contada na musica Igreja da Serra e além disso, e existe até hoje pra quem quiser visitar a tal Igreja em cima da serra. Os mais velhos contam que o casamento era proibido porque os dois eram irmãos e não podiam mesmo se casar” (ENTREVISTA em 28/07/2010).

Os relatos podem apresentar casos isolados, haja vista a pouca divulgação no contexto social como, por exemplo, os casos acumulativos que segundo Cascudo (2006) constituem um tipo de conto que valoriza as habilidades, mas não tem grande divulgação entre o público infantil já que não são caracterizados pelas ações ou gestos articulados em uma sequência ininterrupta. “A oralidade constitui também espaço essencial da comunidade. Numa sociedade não existe comunicação sem oralidade, mesmo quando esta sociedade dá grande espaço à escrita para a memorização da tradição ou para a circulação do saber” (CERTEAU, GIARD, MAYOL, 1996, p.336). Essa prática pouco comum é digna de registro como, o caso de dona carochinha relatado por dona Messias Antunes Costa⁴⁰:

Era uma vez uma festa de casamento de Dom Ratinho e Dona Carochinha. No dia do casamento uma panela cheia de canjica estava no fogão e Dona Carochinha recebia os convidados, mas o Dom Ratinho caiu na panela de canjica. Dona Carochinha pôs-se a chorar. A porta perguntou_ por que tu choras? Ela respondeu:_ Dom Ratinho morto, Dona Carochinha chora. E a porta disse:_ e eu abro e fecho. A juriti perguntou à porta:_porque tu abre e fecha? A porta respondeu: Dom Ratinho morto, Dona Carochinha chora, a porta

⁴⁰ Passou parte da vida residindo na propriedade da família na região do Paredão, no município de Quirinópolis; na década de 1970 passou a residir na cidade. Atualmente é uma senhora aposentada que ainda relata os casos aos netos (Entrevista em Quirinópolis, 30/07/2010).

abre e fecha. A juriti disse: _ Eu vou perder as penas. A vaca vendo a juriti sem penas perguntou: cadê suas penas? A juriti disse: Dom Ratinho morto, Dona Carochinha chora e a porta abre e fecha. juriti caiu as penas Então a vaca disse:_ eu vou secar o leite. O rio vendo a vaca triste perguntou o que tinha acontecido. E ela disse_ Dom Ratinho morto, Dona Carochinha chora, a porta abre e fecha, juriti caiu as penas e a vaca secou o leite. O riacho disse:_ eu vou secar a água. Um velho chegou no rio com um pote nas costas e perguntou o que aconteceu com a água tão limpa? O rio disse:_ Dom Ratinho morto, Dona Carochinha chora, a porta abre e fecha, juriti caiu as penas,a vaca secou o leite. e a água do rio secou. O velho aborrecido jogou o pote no chão e botou fogo na barba que queima até hoje (ENTREVISTA em 30/07/2010).

No entanto há momentos em que os animais assumem atitudes de caráter humano e o corpo como um todo fala. O entrevistado relata não só por palavras, mas atitudes e apresenta o fato como um artista nato que desvela um mundo tão encantador quando das fábulas. Nas palavras de Cascudo (2006, p.310) todas as histórias de animais apresentam finalidades educacionais e “expõe uma espécie de documentário da sabedoria arteira, da habilidade invencível com que os entes humildes e fracos devem aos olhos primitivos, defender-se dos fortes, arrogantes e dominadores”. Na análise do referido autor a fábula clássica e pedagógica que a sociedade manteve ao longo dos séculos. Hoje essas fábulas estão presentes na educação básica e ocorre assim uma revitalização no meio social como o caso da tartaruga e da cobra narrado por Paulo da Cruz⁴¹:

Numa floresta pegando fogo os animais todos fugiam apavorados, fugindo da fumaça e do fogo. Os animais que voavam davam carona aos animais mais lentos que não podiam voar ou correr para fugir rapidamente. Em meio ao fogo dona cobra apavorada vendo dona

⁴¹ Trabalhava como diarista nas fazendas e por motivos de saúde foi residir em Quirinópolis, na década de 1970 (Entrevista em 12/09/2002).

tartaruga fora de perigo falou: — por favor, dona tartaruga me salve? A tartaruga meio assombrada com o pedido pensou ela não vai me morder, afinal estou salvando sua vida. Então, a tartaruga decidiu ajudar a cobra. Estava tudo tranquilo, mas no meio do rio, já a salvo do fogo a cobra atacou dona tartaruga com uma mordida fatal. Nesse momento em que as duas estavam afogando a tartaruga perguntou: — Por que você me atacou? Agora vamos morrer A cobra respondeu: — é minha natureza (ENTREVISTA em 12/09/2009).

Um fato curioso que foi possível observar durante as entrevistas, é que um número maior de mulheres relataram algum tipo de caso, o que não aconteceu entre os homens, mesmo considerando o fato de existir a mesma quantidade de homens e mulheres nas entrevistas. Nesse sentido, fica evidente a presença maior das mulheres e a responsabilidade que assumem com a prole no ambiente doméstico. Esse fato é discutido por Certeau, Giard, Mayol (1996) que ao comparar os elementos da memória com a transmissão dos valores culturais, utiliza o exemplo do alimento e afirmam:

(...), nós comemos o que nossa mãe nos ensinou a comer — ou que a mãe de nossa mãe nos ensinou a comer. Gostamos daquilo que ela gostava. (...), de tal forma que 'é mais lógico acreditar que comemos nossas lembranças, as mais seguras, temperadas de ternura e de ritos, que marcaram nossa primeira infância (CERTEAU, GIARD, MAYOL, 1996, p. 249-250).

Outro aspecto relevante é verificar que os casos masculinos estão ligados ao trabalho no campo, aos afazeres considerados de atribuições masculinas, e mesmo a necessidade de ausentar-se temporariamente do ambiente familiar, ao passo que os casos femininos são mais diversificados, com temáticas diversificadas como afazeres domésticos, magia, encantamento, exemplos de vida, ou mesmo conto de

animais, como o caso da esperteza da tartaruga, que exalta a persistência e o orgulho relatado por dona Onice de Freitas Silva⁴²:

Era uma vez uma lebre e a uma tartaruga. A lebre estava sempre irritando os animais da floresta com suas propostas sem graça. Ela chegava pro elefante, pro macaco, a cobra sempre desafiando pra ver quem corria mais. Todos não aceitavam por que sabiam que a lebre era muito rápida e ganhava a corrida. Certo dia a tartaruga caminhando calmamente recebeu a proposta da lebre que disse: — Vamos apostar uma corrida dona tartaruga? A tartaruga aceitou. Os animais da floresta sabiam que a lebre ganhava com certeza. No dia e hora marcados todos os animais foram pra ver a vitória da lebre. Quando o senhor macaco deu a largada, a lebre saiu em disparada para o ponto de chegada, mas depois de correr um pouco resolveu descansar no pé de uma árvore e dormiu. Tempos depois a tartaruga aproximou e passou a lebre dorminhoca. Quando a lebre acordou a tartaruga estava na linha de chegada. A lebre correu mais que podia, mas já era tarde, a vagarosa tartaruga ganhou a corrida e os animais da floresta fizeram uma grande festa (ENTREVISTA em 05/09/2010).

Durante as entrevistas quando questionados a respeito dos casos de encantamentos os idosos relatam que os princípios educacionais formais e mesmo informais não priorizavam tais relatos no meio rural, no início do século XX. No entanto, é possível verificar um rearranjo, haja vista que muitos deles envolvem animais e atitudes sobrenaturais. Segundo o Sr. Odon Bento Borges⁴³:

⁴² Entre as décadas de 1950 e 1970, trabalhadora rural com sua família, há quatro décadas vive em Quirinópolis, lembra de muitos casos contados pelo padrasto e esposo (Entrevista em 05/09/2010, em Quirinópolis).

⁴³ Teve a vida entrelaçada ao ambiente rural e atualmente vive na cidade e ainda mantém o hábito de contar casos (Entrevista em Quirinópolis, 12/06/2010).

Assombração atrás da caatinga. Ninguém passava por lá... Todo mundo morria de medo!!! Mas existia um homem por nome de Bernardo, muito curioso e, sem medo de assombração.

Quis enfrentar o assombrado (ele não acreditava em assombração).

Existia uma égua preta: Essa égua dormia lá na caatinga. É, quando era noite de lua cheia, tudo era um grande clarão e, quando a égua mexia a cabeça, seus olhos eram refletidos, e, parecia que eram bolas de fogo. Acabou-se o medo do povo daquela região” (ENTREVISTA em 12/06/2010).

Um pequeno trecho do depoimento de D. Joaquina Maria de Jesus, 87 anos, é rico, revelador, e apesar da simplicidade do relato traz em si a riqueza dos causos ora transmitidos aos mais jovens, de forma especial na infância com uma dimensão pedagógica, haja vista que tinha como propósito transmitir valores, inculcar nos jovens as atitudes positivas, ao mesmo tempo em que, coibia as travessuras das crianças e dos jovens no espaço rural. Segundo o D. Joaquina⁴⁴:

(...) a meninada era muito danada, quando eu era criança eu era também, por isso a gente ouvia a história que a mãe e o pai da gente contava e depois passava para os filhos também (ENTREVISTA em 15/04/2009).

Outro fragmento do relato confirma a preocupação com o ambiente noturno quando as crianças queriam sair das residências, segundo os relatos informais da comunidade local esta atitude impensada implicava em perigos naturais como pisar em cobras ou outros animais peçonhentos ou deparar-se com felinos ferozes do cerrado como a temida onça pintada, comuns no ambiente de cerrado na Região Centro-Oeste no início do século XX; tais animais colocavam em risco a segurança e

⁴⁴ Nasceu e criou a família em fazendas do município de Quirinópolis, o trabalho era árduo em casa e na lavoura. Após o falecimento do esposo e problemas de saúde passou a residir em Quirinópolis no início da década de 1980 (Entrevista em Quirinópolis 15/04/2009).

a própria vida das pessoas, mas também havia a preocupação de cunho moral. Assim, os namoros eram rigorosamente vigiados e muitos jovens iam na noite o ambiente propício para os encontros amorosos, fato temido pela família, uma vez que ameaçava os rígidos valores morais, como atesta o depoimento de Dona Joaquina Maria de Jesus⁴⁵:

Quando a gente queria sair fora da casa de noite pra farriar, brincar ou namorar a mãe da gente sempre contava a história do lobisomem e eu fiz do mesmo jeito com meus fi também”. A criançada aprendia a ter respeito pelos mais velhos e a obedecer também (ENTREVISTA em 15/04/2009).

Assim, os causos são significativos entre as décadas de 40 e 70 enquanto prática que garantia as sociabilidades e manutenção dos valores sociais imbricadas as práticas sociais. Nessa perspectiva, as vozes dos idosos representam a forma de resistência, haja vista que “è hoje incontestável que a maior parte de nossas ideias e tendências não são elaboradas por nós, mas antes nos vêm do exterior, elas só podem penetrar em nós impondo-se; é isto apenas o que a nossa definição significa. Sabe-se, aliás, que nem toda a obrigação social exclui necessariamente a personalidade individual (DURKHEIM, 2001, p.33).

3.2 A re(leitura) cultural dos mitos

Um fato curioso e revelador durante a pesquisa em relação aos contos foi verificar a forte presença dos mitos como os de assombração reconhecidos pela comunidade como “causos de assombração”. A proposta da pesquisa não é discutir os mitos pelo viés científico ou metodológico, mas percebê-los enquanto

⁴⁵ Nasceu e criou a família em fazendas do município de Quirinópolis, o trabalho era árduo em casa e na lavoura. Após o falecimento do esposo e problemas de saúde passou a residir em Quirinópolis no início da década de 1980 (Entrevista em Quirinópolis 15/04/2009).

manifestação do conhecimento construído no meio social. Nessa perspectiva serão mencionados autores que reconhecem os mitos na manifestação da cultura popular como, por exemplo, os causos em Quirinópolis.

A presença dos “causos” no contexto social é reforçada pelo fato de sete a cada dez pessoas entrevistadas conhecerem alguma versão dos causos de assombração, de forma particular o caso do lobisomem, também reconhecido como mito nos estudos de Cascudo (2006). Este foi sem dúvida o mais conhecido em suas diversas versões, fato que independe do sexo dos entrevistados. O referido autor define o termo mito como algo:

(...) presente pelo movimento, pela ação, pelo testemunho humano, pode conservar alguns caracteres somáticos que o individualizem, mas possui costumes que vão mudando, adaptados às condições do ambiente em que agem. Os animais fabulosos são todos assim. Processos de encantação, razões do castigo, fim da punição, forma, marcha, grunido, canto, rosnado, mudam de região em região (CASCUDO, 2006, p.53).

Segundo Croatto os mitos podem ser recriados de duas maneiras. A primeira consiste na modificação dos elementos específicos do relato tendo em vista que a nova expressão volte a ser paradigma da nova realidade; já a segunda consiste na produção de novos mitos para responderem à nova realidade. “O mito seria um produto da imaginação e um estado imperfeito da linguagem, em contraposição à linguagem da ciência” (CROATTO, 2001, p.182). Assim, a “verdade” dos mitos não tem origem na lógica reflexiva, nem no dado histórico.

Na concepção de Leão (2002) o mito consiste em uma narrativa fabulosa, geralmente de origem popular, que de forma simbólica tenta explicar uma força da natureza ou aspecto da condição humana:

História exemplar, simples e impressionante, mas sempre fabulosa, o mito narra, de forma idealizada, um estado da humanidade, ou um fenômeno natural, que, tendo existido num passado remoto, (...), se projeta até o presente como um traço, que se vingou no imaginário ou no comportamento humano (LEÃO, 2002, p.11).

A pesquisadora Chauí ao abordar a questão do mito afirma que o mesmo é uma fala, relato ou narrativa tendo como tema a origem e como função resolver num plano simbólico e imaginário conflitos e contradições da realidade social que não podem ser resolvidos ou solucionados pela própria sociedade, ou seja, nas palavras de Chauí (2009, p. 265) “o mito cria uma compensação simbólica e imaginária para dificuldades, tensões e lutas sociais tidas como insolúveis”. Tal situação garante a permanência da organização e mesmo da conservação da sociedade, assim contribuindo para impedir a desagregação do próprio grupo social.

Segundo Cascudo (2002) o lobisomem nos foi trazido pelos colonos europeus e manifesta-se em todos os países e épocas. Representa um dos mitos mais complexos e nesse sentido é válido ressaltar algumas acepções como, por exemplo, na Grécia, na qual Licaon, rei da Arcádia, filho de Pélogo, teria feito uma tentativa de matar Zeus. Este o castigou dando-lhe a forma Vulpina⁴⁶. Em outra versão Licaon fez um sacrifício humano e a sua metamorfose teria resultado da fúria divina.

Em Portugal, segundo Cascudo (2002) o lobisomem é um mito comum e manifesta-se sob a forma de animal de estatura acima do normal da classe vulpina, com grandes orelhas que batem no ritmo da carreira ouvindo-se longe o assombroso rumor característico. No Brasil, nas cidades, vilas e povoados são recorrentes depoimentos curiosos sobre o lobisomem. No entanto, no Brasil não há registro de mulher lobisomem, como, na África, apenas a mula-cabeça. No entanto, quanto o Lobisomem é válido ressaltar que encantamento não difere muito dos estudos realizados na Europa, Ásia e África no qual:

O lobisomem é o homem amarelo, (...). Ficando sem sangue está condenado a morrer se não arranjar um jeito de ficar corado. (...). Cachorro novo, bacorinho, criança de peito são preferidos pelo sangue puro. Qualquer furado que merege sangue, desencanta-o (CASCUDO, 2002, p.89).

Em Quirinópolis, as vítimas do lobisomem são sempre indefesas a sua ação como os filhotes de porco, galos e, especialmente, as crianças como revela o relato do senhor Nelson Francisco Bittencourt⁴⁷:

⁴⁶ O termo Vulpina refere-se a um tipo de raposa.

⁴⁷ Morou na zona rural por muitos anos e enfrentou a lida do campo. Desde a década de 1970, reside em Quirinópolis (Entrevista em 05/05/2009).

Uma mulher tinha um filho que virava lobisomem, o homem sumiu. O homem virou lobisomem e queria comer criança. A mulher sobe o cupim e vem bichão. Pega daqui, pega dali. No outro dia, o homem estava com sono e deitou no colo da mulher e tinha pedaço de baeta nos dentes dele e também estava de pele amarela (ENTREVISTA em 05/05/2009).

A Literatura oral é marcada pela inclusão de elementos locais no enredo central manifestada, por exemplo, nas anedotas, rodas infantis, adivinhas e mesmo nos contos e estes, por sua vez, apresentam-se portadores de “uma ampla dimensão social, pois diferente ou mesmo divergente da nossa moral os contos têm uma atitude doutrinária e dedicada aos não letrados e os meninos. Natural é que esses contos revelam o estado de cada região em cujo seio foram utilizadas ou receberam colaboração” (CASCUDO, 2006, p.35-6).

Segundo D’Onofrio (2002) a palavra mito é de origem grega e tem como acepção mais comum a história ficcional inventada pelos homens para explicar a origem das coisas ou mesmo justificar padrões de comportamento. Nessa assertiva, havia a presença de “seres” não identificados pela comunidade rural que tirava o sossego de pessoas e animais como galinhas, porcos ou mesmo cachorros; os fatos eram explicados pela presença do lobisomem que agia durante a noite como relata o senhor João Batista de Souza⁴⁸:

Ele aparecia de quinta-feira para sexta-feira da paixão, ia aos poleiros das galinhas e comia os estrumes, batia nos cachorros, diziam eles. Eu podia até pensar que não passasse de lenda as estórias deles, só que eu mesma vi um bicho parecido com um porco de chiqueiro, mas muito feio e o de dar horror e que muitos também viam e diziam ser o tal lobisomem (ENTREVISTA em 04/06/2010).

⁴⁸ Morou na zona rural durante a vida com a família e passou a residir em Quirinópolis no início da década de 1960 (Entrevista em 04/06/2010).

O mito pode ter duas acepções, sendo que a primeira trata de uma história fantástica, sendo protagonista um poeta, já a segunda acepção do termo que nos interessa na pesquisa refere-se a histórias que surgem na própria comunidade em Quirinópolis, a qual os reconhece como causos populares, quando “(...) estamos perante uma forma simples de narrativa, pois o mito brota espontaneamente do seio de um povo...” (D’ONOFRIO, 2002, p.106).

Os elementos da cultura como mito, fábulas e contos independem de uma localização no espaço, pois viajam e manifestam-se no imaginário coletivo; uma vez criado o mito passa a ser objeto de crença popular usado para explicar a origem das coisas e se referem à realidades de vida cotidiana considerada verdadeira por muitos entrevistados. E, nesse sentido, a narrativa tem como propósito prevenir os efeitos do arrebatamento como, por exemplo, o lobisomem. “No Brasil o lobisomem só desencanta ferido. Não teme as orações. Corre na noite de quinta para sexta (...). Desapareceu a punição moral. Trata-se de doença, hipoemia, falta de sangue, anemia. O lobisomem ataca animais novos e crianças para beber o sangue, sugando pela carótida” (CASCUDO, 2006, p. 194-5).

Segundo Goulart (2002) o valor do mito persiste porque independente da língua ou da cultura da população onde foi colhido e ele é sempre reconhecido, uma vez que a substância do mito baseia-se na história que é relatada. Assim, o mito constitui uma linguagem de caráter elevado, significativo no contexto social como, por exemplo, os mitos manifestados em Quirinópolis e conhecidos como causos.

Segundo Croatto (2001, p. 232) entre as histórias não sagradas podem ser enumeradas as fábulas e os contos que “são ficções às vezes, só na ordem literária, outras vezes nos mitos degenerados de sua primeira vitalidade”. Os folcloristas atestam a diferenciação entre mitos, lendas e contos. Nesses estudos, muitas vezes, não há uma diferença nítida entre mito e lenda, mas o conto, por sua vez, difere pelo seu caráter fictício.

Nessa perspectiva, segundo Croatto é possível identificar em uma determinada cultura muitas lendas e contos e poucos mitos “pois somente estes narram os acontecimentos que são instaurados de alguma realidade significativa” (CROATTO, 2001, p.235). Nesse ínterim, uma mesma história pode ser mito em uma determinada sociedade, lenda em outra ou conto em uma terceira. É possível compreender como mitos da tradução portuguesa sofrem adaptações regionais e são reconhecidos pelos idosos em Quirinópolis como “causos”.

A mudança verificada em relação à função dos mitos no Brasil está ligada à desfiguração dos mesmos a partir da impressão popular, a qual os difere da herança manifestada nos mitos cristãos de Portugal. Dessa forma, demonstra a força de um método natural de adaptação e sobrevivência local. Assim, como afirma Bariani Ortencio na obra intitulada *Crônicas* (2007) o homem rural, roceiro e preso às suas raízes recriam os mitos e passa a inventar “estórias” de amedrontar crianças e adultos trazendo à tona superstição, receio, presença de forças sobrenaturais e mesmo castigo divino. São relatos que se presentificam no ato da fala e garantem a sobrevivência da tradição local como fica claro nas diversas versões do lobisomem presentes nas narrativas, como no relato do Sr. Nicodemos Garcia Medeiros⁴⁹:

Uma diz que um homem foi atacado por um lobo numa noite de lua cheia e não morreu, porém desenvolveu a capacidade de se transformar em lobo nas noites de lua cheia quando ataca todos aqueles que encontra pela frente (ENTREVISTA em 12/06/2009).

Nesse contexto é possível verificar uma estreita ligação entre História, tempo e memória, além de reconhecer que a memória ativa é um recurso fundamental para a transmissão de experiências que se consolidaram em diferentes temporalidades como atesta outra versão do caso do lobisomem:

Um homem que se apaixonou por uma Dona e que foi ter um caso com ela na floresta, escondido do pai, na hora do bem bão ele vê que ela é uma bruxa e quer sair correndo, só que ela enfeitiça ele, e ele se transforma em lobo e toda vez que for lua cheia ataca todo mundo que tiver na frente (José da Silva Borges⁵⁰, entrevista em 12/06/2010).

⁴⁹ Morador de Quirinópolis há quatro décadas (Entrevista concedida em Quirinópolis, 12/06/2009).

⁵⁰ Morador de Quirinópolis há três décadas (Entrevista concedida em Quirinópolis, 12/06/2010).

Assim, as sensibilidades essenciais da história cultural, busca retratar as representações do homem e do mundo. Nesse sentido “expressa uma forma de reação dos sentidos através de emoções e sensações, dada pelo contato do indivíduo com a realidade” (PESAVENTO, 2006, p.161). Fato que justifica as várias versões acerca da figura do lobisomem que permanecem no contexto social, o que garante diferentes versões e interpretações sociais.

Segundo Ortencio (2007) a figura do lobisomem está relacionada ao número quarenta como a quaresma ou os quarenta dias que Moisés passou no Monte Sinai para justificar sua presença e diferentes aparências como relevam os relatos dos idosos, podendo ter forma animal ou mesmo humana. O escritor relata o fato de uma família residente atualmente na cidade de Paraúna, a qual temendo que o filho mais jovem, Floriano Gomes Filho, caçula de 7 filhos, virasse lobisomem delegou ao filho mais velho que o batizasse e o mesmo recebeu o nome do pai, assim demonstrando a força da superstição atribuída às forças sobrenaturais. A pesquisa de Ortencio relata que a presença do “causo” do lobisomem não se restringe a Quirinópolis, mas faz parte de uma manifestação regional.

Bosi endossa que o ato de rememorar do indivíduo é trabalho da memória que manifesta-se no contexto social. Este fato é confirmado pelas várias versões apresentadas durante as entrevistas, sendo comum a presença de um ser maligno que causa temor nas pessoas. Nessa perspectiva é relevante destacar o trabalho de Bosi (1992) que afirma que as narrativas populares chegaram ao Brasil por meio do colonizar e, foram incorporadas as diversas regiões do Brasil de acordo com as especificidades regionais.

Na obra *Geografia dos mitos brasileiros* Cascudo (2002) afirma que em Goiás permaneceu o que ele classifica como mitos primitivos gerais, como o do lobisomem e da mula-sem-cabeça, haja vista que os mitos de origem indígena não tiveram grande influência na formação dos mitos regionais, portanto os mitos do Brasil remetem à origem portuguesa trazida pelos colonos nos séculos XV-XVII. Assim, “(...) depressa se aclimataram nos chapadões ‘cerrados’ o lobisomem, a mula-sem-cabeça, o Fogo — Corredor. Os elementos povoadores levaram suas credences e estas floresceram no esquecimento das primitivas locais” (CASCUDO, 2002, p. 26).

O caso do lobisomem também chama a atenção porque as pessoas afirmam com veemência sua existência, além de mencionarem nome de pessoas vítimas do “maldito”, geralmente pessoas próximas do convívio familiar. Tais relatos envolvem

sempre ambientes escuros, com aparições em forma humana ou animal, como atesta o caso narrado pelo Sr. José da Silva Borges⁵¹:

O meu pai, Sebastião Borges da Silva, sempre contou que brigou com o lobisomem, uma pessoa barbuda e cabeluda que apareceu pra ele a noite. Ele só não fez mal pro meu pai, porque meu pai conseguiu atingir ele com uma faca, e então o maldito sumiu da (ENTREVISTA em 12/06/2010).

Outro mito narrado na cidade como caso, mas com menor incidência nas entrevistas é o da mula-sem-cabeça. Nas palavras de Cascudo (2002) ela recebe o nome de Burrinha de padre ou simplesmente Burrinha e representa o castigo para o envolvimento de uma mulher com um padre. Tal fato ocorre de quinta para sexta-feira, momento em que a mulher assume a forma de uma mula veloz, a qual corre até o terceiro cantar do galo. Por onde ela passa fere as pessoas e animais que encontra ao longo do caminho e morde de forma violenta os freios de ferros que têm na boca.

Pela madrugada, exausta, recolhe-se cheia de nódoas das pancadas Volta à forma humana e recomeça o fadário na outra noite fatídica. Para que a 'manceba' do padre não 'vire' Burrinha é preciso que este não esqueça de amaldiçoá-la antes de celebrar a Santa Missa. Para 'desencantá-la' é necessário ter-se a (...) coragem de enfrentá-la e tirar lhe destramente o freio de ferro (CASCUDO, 2002, p. 119).

Esse pavor, segundo os entrevistados, também faz parte do caso narrado, especialmente para as moças namoradeiras para evitar o relacionamento destas com padres ou mesmo seminaristas. O castigo para tal pecado é relatado com fervor como afirma D.Onice de Freitas Silva⁵²:

⁵¹ Morador de Quirinópolis há três décadas e conhecedor de muitos casos (Entrevista concedida em Quirinópolis, 12/06/2010).

⁵² Entre as décadas de 1950 e 1970, trabalhadora rural com sua família, há quatro décadas vive em Quirinópolis e lembra-se de muitos casos contados pelo padrasto e esposo (Entrevista em 05/09/2010, em Quirinópolis).

Meu avô contava pra nós o caso da moça que vira mula-sem-cabeça porque envolveu com um padre. Toda noite de quinta pra sexta ela corre desesperada pelo cerrado. É um castigo pra não teimar com amor proibido (ENTREVISTA em 05/09/2010).

Nessa perspectiva, os casos trazem em si a mensagem aceita pela comunidade local, no qual o depoimento traz implícito a moral e as normas vigentes no grupo em Quirinópolis

(...) As histórias continuam, atuais e vivas, envolvendo auditórios nas recordações de um passado de assombro e de sugestão irresistível. (...) Denúncia no simples enunciado, todo um depoimento moral e fiel de civilização real e própria, pormenorizando a mentalidade do grupo, da família ou da sociedade (...) (CASCUDO, 2006, p.205).

Nesse sentido, relatos de almas penadas, gritos, sopros de ventos para um único objeto, movimentos suspeitos, desaparecimento de súbito, luzes, rumores de correntes, gemidos noturnos, casas mal-assombradas, barulhos identificáveis e aparições noturnas de mulheres sedutoras constituem mitos europeus introduzidos no Brasil pelo colonizador. Já o caso destaca o espaço no qual está inserido, ou seja, o espaço que o recebe e permite o rearranjo por meio da particularidade regional impregnada no relato como enfatiza o caso de D. Maria Aparecida Jacinto⁵³ ao envolver uma região específica do município de Quirinópolis:

Na região do sobradinho, município de Quirinópolis, tinha uma casa de porão alto, onde antigamente matava os escravos. Quando as pessoas, tempo depois foram morar lá, á noite acordavam com o barulho da água no assoalho da casa, jogava os queijos no chão, peneira. No outro dia não tinha sinal de nada. Eles atribuíam o fato,

⁵³ É uma pessoa conhecida na comunidade local por seus dotes culinários. Membro de família do campo viveu na zona rural e posteriormente passou a residir em Quirinópolis; cursando Letras e Teologia (Entrevista em Quirinópolis, 27/07/2010).

aos maltratados negros. Até um padre agostiniano de Rio Verde deu a benção na casa que tinha no porão muito restos mortais de escravos (ENTREVISTA em 27/07/2010).

Esses causos envolvem o ambiente doméstico e amedrontam as pessoas durante o sono; a ação de seres sobrenaturais atua no espaço concreto, mas não deixa vestígios e nas palavras de D'onofrio (2002) é uma resposta às perguntas do homem sobre o universo. Na fala dos narradores é possível perceber o caráter natural da aparição da assombração como algo comum e pertencente ao ambiente social, de pessoas que podiam ser jovens ou velhas, homens ou mulheres, fatos que manifestavam especialmente à noite e nas palavras de Chaui (2009, p.265) “os acontecimentos narrados exprimem, simultaneamente, uma estrutura geral do pensamento humano e uma solução parcial que uma sociedade determinada encontrou para o problema”, como: o caso da cozinha assombrada, relatado por Maria de Fátima Soares⁵⁴:

A noite na cozinha fazia barulho de panelas batendo, parecia que as panelas estavam caindo tudo no chão, mas quando chegava lá não tinha nada elas estavam todo o lugar (ENTREVISTA em 26/07/2010).

É relevante mencionar que os causos de assombração envolviam elementos do trabalho diário como os bois, animais indispensáveis tanto nos engenhos como no transporte, a frente do carro de bois que transportavam desde alimentos, bem como pessoas de sem lugar a outro. Segundo relatos sem a presença do mesmo seria inviável o deslocamento das pessoas à cidade nas primeiras décadas do século XX.

⁵⁴ Passou a maior parte da vida no campo, faz parte de uma família numerosa que tinha o costume de contar e repassar os causos aos jovens; desde a década de 1970 é moradora da cidade (Entrevista em Quirinópolis, 26/07/2010).

Veja o caso do boi enganoso narrado por. Jose da Silva Borges⁵⁵:

Boi nome Enganoso.

Boi sumiu...

Antonio fez a promessa para São Benedito.

Se nunca mais boi sumir...

E, no dia que estava de viagem, viu o boi. Quando voltou, e, atravessou o rio da prata.

O Taco batendo no boi. Só os coros e, os ossos.

(Não se via o boi, parecia que era transparente)

(ENTREVISTA em 12/06/2010).

As narrativas mantêm a fidelidade aos elementos locais e envolvem relatos, atitudes humanas imbricadas à natureza e trazem em si a dimensão social no fato relatado. Nesse sentido “(...) as estórias continuam, atuais e vivas (...). Denunciam no simples enunciado, todo um depoimento moral e fiel de civilização real e própria, pormenorizando a mentalidade do grupo, da família ou da sociedade (...)” (CASCUDO, 2006, p. 205), fato confirmado nos casos de assombração, como:

Um pé de mangueira assombrado fazia barulho se balançava toda mesmo não estando ventando e o cavalo refugava e não passava debaixo dela de jeito nenhum (Luciene dos Santos⁵⁶, entrevista em 15/07/2010).

Os relatos descrevem relações sociais presentes no cotidiano e trazem à tona elementos como a morte. Nesse sentido, vale ressaltar o receio e o respeito com

⁵⁵ Morador de Quirinópolis há três décadas (Entrevista concedida em Quirinópolis, 12/06/2010).

⁵⁶ Durante a vida fez doces nas fazendas e sempre gostou de ouvir e contar causos. Após anos de trabalho árduo no campo passou a residir na cidade há aproximadamente três décadas, local no qual vive como aposentada (Entrevista em 15/07/2010).

essa visita incômoda ao mundo dos vivos, já que a referência à morte está presente em vários causos, como no relato da Sr. Josiel S. Macedo⁵⁷:

Mulher morreu... Joãozinho prometeu de fígado.
 À noite...
 Joãozinho tô na porta do cemitério...
 Joãozinho tô na porteira...
 Joãozinho tô na porta do quarto...
 Joãozinho tô perto da sua cama...
 Joãozinho tô te comendo... (ENTREVISTA em 16/06/2009).

Ou ainda o relato envolvendo a morte, relato de Maria Alves Perreira⁵⁸:

Apareceu um homem de terno azul, bonito e, gordo. Ela pensou...
 Por onde ele entrou? Viu que aquele homem era seu sogro, que havia morrido há dez anos. Quando voltou em si ele foi desaparecendo. Dizia que ele era muito caridoso (ENTREVISTA em 15/05/2010).

Nas entrevistas é inegável a presença da família e das relações sociais, dentro do contexto histórico, social e cultural presentes na preservação e adaptação dos causos à realidade cotidiana como atesta Regina Lacerda (1985, p.59) ao afirmar que “nas horas de lazer, em reuniões de família, especialmente no meio rural, quando os assuntos do dia já estão esgotados e os casos de assombração já foram repetidos, (...) a noite vai entrando para encontrar o silêncio que vem fazendo dormir a natureza, o gado e as crianças”.

⁵⁷ É um proprietário rural e convivia com pessoas idosas que relatam os causos. Na década de 1960 mudou-se para Quirinópolis (Entrevista em Quirinópolis, 16/16/2009).

⁵⁸ Sempre morou em fazendas no município de Quirinópolis e tem como prática repassar os causos populares aos jovens; desde a década de 80 mora em Quirinópolis (Entrevista em Quirinópolis em 15/05/2010).

A presença da família é reforçada no caso do fantasma da tia Mariquinha, narrado pelo senhor João Braz.⁵⁹

Antigamente a tia da minha avó subia no mourão e gritava o marido dela.

— Oh Zé vem logo almoça! E toda vez ele respondia. Certo dia ela o chamou e ele não respondeu e como não tinha ninguém perto dela, ela disse bem baixinho.

— O Zé é um bom sem vergonha! Então, uma voz respondeu pra ela.

— Ela levou um susto e nunca mais disse isso do marido (ENTREVISTA em 10/05/2009).

A transmissão oral dos saberes e costumes segundo Pessoa (2005) é fundamental para a manifestação dos elementos da cultura popular, na qual a figura do velho contador de história desempenha papel ímpar no processo de divulgação e sociabilização dos causos. Ele afirma que tal fato ocorre geralmente em volta das fonalhas, fato reforçado nas entrevistas que mencionam sempre o fogão a lenha nas noites frias ou mesmo a luz da Lua, especialmente na época de Lua cheia, como o relato de um caso que reforça a presença da noite presente não só no ato de relatar, mas principalmente na aparição de assombrações como o caso da moça da carroça do Sr. Valdecir Martins de Paiva⁶⁰:

Na roça perto do matagal, na estrada, á noite quem estiver passando pelo caminho pode ver a moça da carroça que aparece vestida de branco. Dizem que ela está á procura do marido (ENTREVISTA em 12/04/2009).

⁵⁹ Mora no município de Quirinópolis, desde a infância E conhecido por relatar causos populares (Entrevista em 10/05/2009).

⁶⁰ Morou grande parte de sua vida na fazenda e esteve na lida do campo no município de Quirinópolis; na década de 1950 passou a residir em Quirinópolis (Entrevista em 12/04/2009).

Nesse esforço de adaptação e reconstrução são revelados certos costumes, valores e práticas a partir da realidade manifestada na família que busca novas possibilidades por meio da educação e acesso ao trabalho, de forma especial a partir da década de 70 como endossa Pessoa (2005, p.63) ao afirmar:

Pelos anos 1960-1970, caíram sobre o cerrado brasileiro os tratores da modernização conservadora do campo e toda a vegetação teve que dar lugar às lavouras de soja e outras culturas (...). E com a mesma perversidade da degradação ambiental esse processo de modernização avançou sobre as relações entre as pessoas e sobre suas práticas e costumes.

Tais mudanças alteraram os espaços de sociabilidade e mesmo as pessoas que permaneceram no campo passaram a conviver com benefícios como a energia elétrica, bem como toda a gama de possibilidades advindas com a energia e outros mecanismos oferecidos pela “modernidade”. Além disso, o espaço de trabalho também foi alterado, as pessoas passaram a viver seguindo o ritmo do relógio e da vida moderna, o que reflete na diminuição da prática de contar causos, fato ressaltado com saudade pelos idosos, que afirmam terem se esquecido muitos causos, uma vez que hoje as pessoas não se interessam por tais relatos, ou não têm tempo para sentar e ouvir tais relatos dos idosos que ainda se lembram de causos que envolvem a historicidade local.

Segundo Durkheim os fatos sociais representam crenças, tendências e práticas coletivas e, nessa perspectiva, a pesquisa acerca dos causos em Quirinópolis não tem objetivo mergulhar no saudosismo de fatos que marcaram a sociedade nas primeiras décadas do século XX, mas, ao abordar os causos reconhecem a importância dos mesmos em um dado momento histórico enquanto prática social do meio rural e, sobretudo, compreender a capacidade transformadora da sociedade que estabeleceu novos mecanismos de coesão social sem, no entanto, negar a existência dos causos, pois “é uma resultante da vida em comum, um produto das ações e das reações entre as consciências individuais; e se ressoa em cada uma delas, (...) que deve justamente a sua gênese coletiva” (DURKHEIM, 2001, p.37).

Apesar da diminuição da prática de contar os causos populares, eles ainda resistem não mais nas rodas noturnas, ao lado do fogão a lenda ou nas reuniões

familiares, em dias de feriado ou mesmo dias santos, mas persistem em meio a novos espaços de sociabilidade como as reuniões das mocinhas e mocinhos de ontem (AMO), espaço em que os jovens da terceira idade desenvolvem trabalhos manuais, promovem bailes dançantes e mesmo excursões de lazer. Além desse espaço é previsto a instalação de um espaço social, ainda sem nome definido, para os idosos a ser inaugurado no mês de Janeiro, que certamente será uma opção a mais para os idosos. Nesse ambiente, longe da lida diária do campo, no qual ouviam os causos, rememoram e partilham entre si experiências de vida e os causos ainda são significativos entre os idosos em Quirinópolis.

Assim, as fontes orais dessa pesquisa deixam entrever que os causos demonstram a experiência vivida de pessoas que representam um modo de vida peculiar (o da zona rural de décadas atrás), ensinamentos e aprendizados passados de geração a geração. Trata-se de uma manifestação cultural cujo mecanismo de perpetuação está ligado à memória e oralidade, e são vivificados no ato da fala e historicizados na escrita por meio da narrativa, no contexto histórico em que se constroem representações e práticas culturais. Assim, evidencia-se a dinâmica social e o ressignificar dos fatos presentes nas relações sociais o que garante a coexistência de novas e antigas práticas sociais, ocupando espaço comum em Quirinópolis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O século XXI é considerado já por muitos uma época em que a informação é preponderante, especialmente aquela veiculada pela internet. Somos seres mergulhados no universo virtual, o qual parece fazer ainda mais distante aquele tempo em que se ouviam, ao entardecer, os causos narrados pelos idosos. Esta realidade era comum nas primeiras décadas do século XX e, por isso, a pesquisa de propõe a compreender a dimensão social desempenhada por tais causos em Quirinópolis, objeto de estudo então eleito. Para tanto, recorreu-se às entrevistas a fim de averiguar as mudanças e permanências nos causos, tão arraigados aos costumes populares da zona rural que sobrevivem na memória dos idosos. O que sobreviveu? O que não pode mais ser experienciado pela comunidade local? Quais os novos espaços de sociabilidade?

Nessa perspectiva foi necessário abordar a relação entre Literatura e História tendo em vista entender a dimensão social atribuída aos causos em Quirinópolis de 1940-1970, a partir do enfoque cultural. Nesse contexto a História apropria-se de “ferramentas” até então consideradas de domínio literário para encontrar, por meio das sensibilidades, uma versão possível da História. Nessa discussão cabe ao ser humano por meio das lembranças do presente buscar fragmentos do passado que afloram por meio da fala; tais fragmentos ao serem transcritos transformam-se em documentos a serem analisados à luz da História e da Literatura produzidos socialmente pela comunidade de Quirinópolis.

A partir da pesquisa foi possível perceber a dimensão social dos causos enquanto mecanismos de controle e coesão social presentes na sociedade quirinopolitana, na qual os idosos por meio das narrativas refletem a apropriação desse elemento da cultura popular. Assim, a fala dos idosos permitiu recompor fragmentos do universo cultural e histórico do município de Quirinópolis ao transmitir significados, valores sociais, atitudes, pensamentos e sentimentos presentes no contexto social. As entrevistas permitiram verificar que tais relatos ainda são valiosos para os idosos que lembram com saudade de um espaço de sociabilidade da família e vida árdua do campo nas primeiras décadas do século XX, mas que foram ressignificados no contexto social tendo em vista as novas necessidades sociais. As transformações socioeconômicas, políticas, sociais e culturais não apagaram os causos da memória dos idosos, haja vista que permanecem no imaginário coletivo da comunidade local nos dias atuais.

É salutar reforçar que as alterações nas relações entre os espaços rural e urbano ocorreram em dois momentos distintos do século XX, sendo que na década de 1940 favoreceu o processo de emancipação política, fato que implicou em melhorias nos meios de transporte, infraestrutura urbana e maiores possibilidades de atender as demandas de consumo do campo. A década de 1970 é considerada um marco de transição em detrimento da mecanização do campo que implica na mudança das famílias, fato que altera o cotidiano e as relações sociais do homem do campo agora morador da cidade; é o momento em que é definido o papel da referida cidade e do estado de Goiás na dinâmica do capitalismo enquanto fornecedores de produtos agrícolas e consumidores de produtos industrializados dos grandes centros industriais.

A pesquisa busca problematizar a motivação que se refletiu na prática constante de contar causos nas fazendas do município de Quirinópolis para compreender a dimensão social desempenhada pelos mesmos na referida cidade. As entrevistas concedidas pelos idosos destacam que os causos favoreciam o fortalecimento das sociabilidades no campo, além de inculcar valores aprovados pela sociedade. Nesse sentido, tinham como prioridade garantir um controle e coesão da comunidade que morava em sua maioria nas fazendas.

A pesquisa foi realizada a partir de fontes orais e escritas, mas a amplitude do tema sugere que outras discussões e pesquisas sejam realizadas. O propósito do trabalho é contribuir para ampliar a pesquisa histórica e oferecer uma explicação possível à relação existente entre a cultura e a comunidade que a produziu e, ao mesmo tempo, desvelar a interação campo-cidade por meio da fala dos entrevistados quanto ao que permanece do campo na cidade e da cidade no campo, bem como as transformações e mesmo os rearranjos presentes na sociedade que se manifestam nos espaços urbano e rural nos princípios do século XX.

Os causos permitem vislumbrar em parte a dinâmica social presente no campo de outrora, mas acima de tudo o papel desempenhado pelos causos nas relações sociais que garante a coesão social da comunidade rural em um dado momento histórico. Assim, podemos afirmar que os causos representaram para a comunidade rural um mecanismo de sociabilidade e, acima de tudo, a segurança da vida em grupo ao primar pela permanência de valores comuns estabelecidos pela comunidade quirinopolitana. Portanto, os causos que permanecem vivos na memória dos idosos revelam histórias de vida que devem ser valoradas pela comunidade por representarem em um modo de pensar e conceber o mundo.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Tradição oral e história oral: proximidades e fronteiras. *Revista da Associação Brasileira de História Oral*. São Paulo. v; 8, n.1, p.11-28, jan-jun.,2005.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. As sombras do tempo: a saudade como maneira de viver e pensar o tempo e a história. In: ERTZOGUE, Marina Haizenrede & PARENTE Temis Gomes (org.). *História e sensibilidade*. Brasília: paralelo 15, 2006.

A propaganda do Recenseamento Geral de 1940: “a exatidão dos censos depende de você”. Censo de 1940. Disponível em www.dbd.puc-rio.br/pergamunteseabertas. Acesso em 15 de fev. 2010

AIRÉS, Philippe: *História Social da Criança e da família*. Trad. Dora Flaksman. 2.ed. Rio de Janeiro: LTC – Livros técnicos e científicos. Editora S.A., 1981.

ARENDT, Hanna. *Sobre a violência*. Trad. Andre Duarte. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

ASSIS, Wilson Rocha. *Estudos de História de Goiás*. 2.ed. Goiânia: Vieira, 2009.

BASEIO, Maria Auxiliadora Fontana. No Fio da Voz, o Despertar Do Homem In: LIMA-HERNANDES, Maria Célia e FROMM, Guilherme. (orgs.).*Domínios de Linguagem II: Literatura em perspectiva*. São Paulo: M.C. Lima-Hernandes: G. Fromm, 2003.

BERMAN, Deodorah. Aqui seu ídolo responde sim ou não. *Sétimo Céu*. São Paulo. v.18, n. 223. p.16, outubro, 1974.

BERQUO, Elza. Arranjos familiares no Brasil: uma visão demográfica. In: *História da vida privada no Brasil 4: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998

BORGES, Vonedirce Maria Santos. Análise temporal – espacial do uso e ocupação do solo urbano em Quirinópolis – GO. *UEG em Revista: Revista Científica da UEG – Quirinópolis*. Goiânia, v.1, n.1, p.85-109, jan./jun.2004.

BORGES, Barsanufio Gomides. *Goiás nos quadros da economia nacional: 1930-1960*. Goiânia: Ed.da UFG, 2000.

BOSI, Alfredo. (org). *Cultura Brasileira: temas e situações*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1992.

_____. *Dialética Da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOSI, Ecléia. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CADEMARTORI, Ligia. *O QUE É LITERATURA INFANTIL*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense,1992

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. 13.ed. São Paulo: Ática, 2009.

CAMPOS, Francisco Itami. *O coronelismo em Goiás*. 2.ed. Goiânia: Vieira, 2003.

CANDIDO, Antônio. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação de seus meios de vida*. Livraria Duas Cidades. São Paulo: Editora 34, 2001.

COELHO, Gustavo Neiva. Goiás: a ocupação pela agropecuária. *História Revista: revista do Departamento de História / Universidade Federal de Goiás*. Goiânia, v.02, p. 23-51. jul. /dez., 1997.

CORREA, Francisco. *Árvore genealógica da família Correa (1957)*. Texto mimeografado em Quirinópolis.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Literatura oral no Brasil*. 2.ed. São Paulo: Global, 2006.

_____. *Geografia dos Mitos Brasileiros*. 3.ed. São Paulo:Global, 2002.

CAVALCANTE FILHO, José Jorge. *Quirinópolis: o teatro do crime e o cenário da violência*. 2000. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-graduação em História das Sociedades Agrárias – UFG.

CHARTIER, Roger. A 'Nova história' cultural existe? In: LOPES, A.; VELLOSO, M; PESAVENTO, S. *História e linguagens*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2006.

CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. In: A beira da falésia: história entre incertezas e inquietudes. Porto Alegre: Ed. da Universidade UFRGS, 2002.

CERTEAU, Michel de, GIARD, Luce, MAYOL, Pierre. *A Invenção do cotidiano: 2 . morar, cozinhar*. Trad. Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Trad. Enid Abreu. Dobrazky. 3.ed. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

_____. *A Escrita da história*. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 1982.

_____. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

_____. A Operação Historiográfica. In: *A escrita da História*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

_____. A Linguagem Alterada. A Palavra da Possuída. In: *A escrita da História*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CROATTO, J.S. *As Linguagens Da Experiência Religiosa*. São Paulo: Paulinas, 2001.

DARNTON, Robert. *O grande massacre dos gatos, e outros episódios da história cultural francesa*. Trad. Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. São Paulo, *Revista Brasileira da Associação Brasileira de História Oral*, n.6, p.11-25 jun.2003.

_____. *História Oral – memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DEL PRIORE, Marx Lucy Murray. *Brasil Colonial: um caso de famílias no feminino plural*. cad. Pesq., São Paulo, v.5, n. 91, p.69-70, Nov.1994.

D'ONOFRIO, Salvatore. *Teoria do texto 1: Prolegômenos e teoria da narrativa*. 2.ed. São Paulo: Ática, 2002

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. Trad.Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2001.

ERTZOQUE, Haizenreder, MARINA & PARENTE, Temis Gomes (orgs.). *História e sensibilidade* – Brasília: Paralelo 15, 2006.

FERREIRA, Jesura Pires. *Armadilhas da memória e outros ensaios*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003.

FONTANA, Josep. *Introdução ao estudo da história geral*. Trad. Heloísa Reichel. São Paulo: Edusc, 2000.

FRANÇA, Basileu Toledo. *Pioneiros*. Goiânia: Editora da UFG, 1995.

FREITAS, Correia de Franco Neto. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

GOULART, Audemaro Taranto. *Ilíada um poema de fundação*. In: MARQUES, Haroldo. (org.) Os gregos. Belo Horizonte: Autêntica: PUC, Minas, 2002.

GOTLIB, Nádía Battella. *Teoria do conto*. 11.ed. São Paulo:Ática,2006.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 11. ed. Rio de Janeiro: DPRA, 2006.

HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. Trad. Jefferson Luís Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HAMBURGER, Esther. Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOBBSAWN, Eric e RANGER, Terence.(Orgs.) *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 21.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

ISER, Wolfgang. O jogo do texto. In: LIMA, Luiz Costa (org. e Trad.). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

IBGE. *Censo agropecuário de Quirinópolis*. Goiás, 1950-2000.

_____. *Censo demográfico – Goiás*. Rio de Janeiro, 1950-2000.

_____. Em 60 anos um país mais miscigenado. Publicado em: O Globo on line 25/05/2007. Disponível em: www.acendebrasil.com.br/archives/filles/2007-10-10 o Globo online, Pdf – Acesso em 10 de fev.2010.

LACERDA, Regina. *Cantigas e Cantares*. 2.ed. Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás, 1985.

LANGUE, Frédérique. *O sussurro do tempo: ensaios sobre uma história cruzada da sensibilidade Brasil-França*. In: ERTZOQUE, Marina Haizenreder & PARENTE, Temis Gomes (org.). *História e Sensibilidade*. Brasília: Paralelo 15, 2006.

LANGUE, Frédérique & PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

LE GOFF, Jacques. *O imaginário medieval*. Lisboa: Editorial Caminho, 1992.

_____. *História e memória*. Trad. Bernardo Leilao [et al] 5.ed. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 2003.

LEÃO, Ângela Vaz. *O mito de Babel perante a ciência da linguagem*. In: MARQUES, Haroldo. (org.). *Os gregos*. Belo Horizonte: Autêntica: PUC, Minas, 2002.

LEÃO, Campos. *A História de Quirinópolis em versos rimados*. s/d.

LEONARDI, Victor Paes de Barros. *Entre árvores e esquecimento: história social nos sertões do Brasil*. Brasília: Paralelo 15 editores, 1996.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia e FROMM, Guilherme. (org.). *Domínios de linguagem II*. São Paulo: M.C. Lima-Hernandes: G. Fromm, 2003.

LINHARES, Maria Yeda. (org.). *História Geral do Brasil*. 9.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1990.

MACHADO, Maria Cristina Teixeira. *Pedro Ludovico: um tempo, um carisma uma história*. Goiânia: CEGRAF / UFG, 1990.

MATOS, Georgides SOUZA & PARREIRA, Airosa M. *História e dados sobre o município de Quirinópolis*. Texto mimeografado s/d. Prefeitura de Quirinópolis.

MELLO, Luiz Gonzaga de. *Antropologia Cultural: iniciação, teoria e temas*. 10.ed. Petrópolis: Vozes, 2003

MEIHY, José Carlos Sebe Bom, HOLANDA, Fabíola. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. *Manual de história oral*. 3.ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2001.

MONTENEGRO, Antônio Torres. *Ciência História e memória: Questões metodológicas* In: ERTZOQUE, Marina Haizenreder & PARENTE, Temis Gomes (orgs.). *História e sensibilidade – Brasília*: Paralelo 15, 2006.

NEVES, Margarida de Souza. *História e Memória: os jogos da memória*. In: MATTOS, Ilmar Roholoff (org.). *Ler e escrever para contar: documentação, historiografia e formação do historiador*. Rio de Janeiro: ACESS, 1998.

NUNES, Benedito. "Narrativa histórica e narrativa ficcional". In: RIEDEL, Dirce Cortes (org.). *Narrativa: ficção e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

NUNES, Heliane Prudente. História da família no Brasil e em Goiás: tendências e debates. In: *Goiás: Identidades, Paisagem e Tradição*. CHAUL, Nasr Fayad, RIBEIRO, Paulo R. (org.). Goiânia: Editora da UCG, 2001.

ORTÊNCIO, Bariani. *Crônicas 2*. Goiânia: Editora da UCG, 2007.

PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. *Revista Brasileira de História*. V.9, n.18, p.09-18, agosto de 1989.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e linguagens: Muito além do espaço*. estudos históricos. Rio de Janeiro: v.8, n.16, p.279-290, jul, 1995.

_____. *História e linguagens*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2006.

_____. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. Journée d'étude, "Representations et sensibilités dans les Amériques et la Caraïbe. Mémoires singulières et identités sociales". EHESS, Jeudi 4 mars 2004, coord. Frédérique Langue (CNRS) et Sandra Pesavento (UFRGS).

_____. Sensibilidades: Escrita e leitura da alma. In: Pesavento, Sandra Jatahy e LANGUE, Frédérique (orgs.). *Sensibilidade na história: memórias singulares e identidades sociais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

_____. *História & História Cultural*. 2.ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____. *História cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PESSOA, Jadir de Moraes. *Saberes em festa: gestos de ensinar e aprender na cultura popular*. Goiânia: Editora da UCG; Editora Kelps, 2005

PESSOA, Jadir de Moraes. *Educação e ruralidades*.(org.). Goiânia: Editora UFG, 2007.

PROST, Antoine e VICENT Gérard (org.). *História da vida privada 5: da primeira Guerra aos nossos dias*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PROST, Antoine. Fronteiras e espaços do privado. In: PROST, Antoine, VICENT Gérard (org.). *História da vida privada, 5: da primeira Guerra aos nossos dias*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

RIBEIRO, Miriam Bianca. *Memória, família e poder: história de uma permanência política – Os caiados em Goiás*. 1996. Dissertação de Mestrado em História das Sociedades Agrárias – Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 1996.

RICOEUR, Paul. O Entrecruzamento da História e da Ficção. In: *Tempo e Narrativa*. Tomo III. Tradução Roberto Leal Ferreira. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

ROMERO, Sílvio (org.). *Contos populares no Brasil*. São Paulo: Landy Editora, 2006.

SAMARA, Eni de Mesquita. A família no Brasil: história e historiografia. *História Revista: revista do Departamento de História / Universidade Federal de Goiás*. Goiânia, v.2, n.02, p.07-21, jul./dez., 1997.

_____. Tendências atuais da História da família no Brasil. In: ALMEIDA, Ângela Mendes de (org.). *Pensando a família no Brasil: da colônia a modernidade*. Rio de Janeiro. Espaço e tempo / UFRJ, 1987.

SANTOS, Gilberto Celestino dos. A geografia e o desenvolvimento regional. *UEG em Revista: Revista Científica da UEG – Quirinópolis*. Goiânia, v.1, n.1, p.111-129, jan./jun., 2004.

SANTOS, Márcia P. O outro imaginado: concepções e ressentimentos sobre campo e cidade. São Paulo: *OPIS – Revista do NIESC*, v.2. n.02, jul-dez / 2002.

SAGIM JÚNIOR, Odir; SAGIM, Miriam Botelho. *Quirinópolis histórico*. Goiânia: O Popular, 2000.

SEVCENKO, Nicolau. *A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio*. In: *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SEPIN – Superintendência de Estatística, Pesquisa e Informação. *Mapas das Microrregiões de Goiás – IBGE*. <http://www.seplan.go.gov.br/sepim/viewcad.asp?>. Acesso em 15/10/2010.

SILVA, Ana Lucia. *A revolução de 30 em Goiás*. 2.ed. São Paulo: Cãnone Editorial, 2005.

SILVA, Antônio Moreira da. *Dossiê de Goiás – Enciclopédia Regional: um compêndio de informações sobre Goiás, sua história e sua gente*. Goiânia – GO: Máster Publicidade, 2001.

SOUZA, Valdelício Fernandes de. *História de minha vida: Caçu: Carneiro*, 2007.

STALLONI, Yves. *Os Gêneros Literários*. Trad. Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.

URBANO, Hudinilson. *Oralidade na literatura*. São Paulo: Cortez, 2000.

URZEDO, Maria da Felicidade Alves. *A História da Formação Docente em Quirinópolis, Goiás: A Escola Normal Regional Municipal Quirino (1954-1961)*. Goiânia: Kelps, 2007.

_____. *A Saga de uma família (1937-2009)*. Goiânia: Kelps, 2009.

VALDEZ, Diane. *História da infância em Goiás*. Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira. Goiânia, 2002.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultural*. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

Documentos

Arquivo Municipal de Quirinópolis: dados estatísticos do município e resumo histórico.

Cartório do 2º Ofício de Rio Verde

FONTES:

Entrevistas:

Ana Maria Ramos Borges.

Ana Rosa dos Santos.

Evanildes Pereira de Souza

João Braz

Joaquim Augusto dos Santos

Joaquina Maria de Jesus

João Batista de Souza

Jose da Silva Borges

Josiel S. Macedo.

Luciene dos Santos.

Márcia Pires de Souza

Maria Alves Pereira

Maria Aparecida Jacinto

Maria de Fátima Soares

Maria Francisca de Souza

Maria de Jesus

Messias Antunes Costa

Nelson Francisco Bittencourt

Nicodemos Garcia Medeiros

Odon Bento Borges.

Onice de Freitas Silva

Paulo da Cruz.

Rita Maria de Jesus.

Rosivalda de Jesus

Soter Teixeira

Terezinha Moraes de Jesus

Valdecir Martins de Paiva.

Wander Pereira Silva